

LARA CRISTINA ROCHA MENDES

**PREDITORES DA VIOLÊNCIA-FILIOPARENTAL PRATICADA POR
ADOLESCENTES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2025

LARA CRISTINA ROCHA MENDES

**PREDITORES DA VIOLÊNCIA-FILIOPARENTAL PRATICADA POR
ADOLESCENTES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**

Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho efetuado sob orientação de:

Professora Doutora Cristina Nunes



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2025

**PREDITORES DA VIOLÊNCIA-FILIOPARENTAL PRATICADA POR
ADOLESCENTES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**

Declaração de autoria do trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referência incluída.

Assinatura

(Lara Cristina Rocha Mendes)

Copyright © 2025 por Lara Cristina Rocha Mendes. Universidade do Algarve.
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, enquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

*Para a minha família: Mãe, Miguel, Francisco, Matilde, Tiago,
Toninha e Avô.*

Agradecimentos

Um grande agradecimento à Professora Doutora Cristina Nunes, pelo apoio e disponibilidade constantes. A sua atenção e conhecimentos foram cruciais para a concretização desta etapa académica.

Agradecer, igualmente, à Rita Santos, que se revelou um apoio inicial essencial, sempre paciente e muito esclarecedora.

À minha família, pela grande paciência e por se manter sempre a meu lado durante este longo percurso. Um obrigada especial à minha mãe, um exemplo de força e perseverança, por ser a pessoa que mais demonstrou o seu apoio e incentivo, encorajando-me a dar sempre o meu melhor e a passar por cima das adversidades.

Aos meus antigos professores do ISMAT, pelos melhores anos da minha formação, pelo conhecimento base transmitido e por despertarem em mim o gosto pelo tema desta investigação.

Aos meus colegas e amigos: Jéssica, Micaela, Adriana e Artur. Que continuemos a partilhar mais etapas de vida juntos.

A todos, o meu mais profundo agradecimento.

RESUMO

Os constantes atos violentos dos filhos contra os seus pais ou outros semelhantes, constituem-se violência filio-parental (VFP). A VFP é um tipo de violência intrafamiliar que se manifesta através de agressões físicas, psicológicas e/ou económicas, que, nos últimos anos, tem despertado um maior interesse académico e profissional. O objetivo deste estudo foi perceber e descrever as evidências disponíveis na literatura sobre os preditores da VFP praticada por adolescentes, nomeadamente, conhecer a relação entre este tipo de violência e a vitimização ao longo do desenvolvimento dos jovens, perceber a relação entre o perfil de personalidade e a ocorrência de VFP, assim como a relação entre a psicopatologia e a ocorrência de VFP. Neste sentido, foi elaborada uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL) de acordo com os critérios do PRISMA. A pesquisa foi realizada em 6 bases de dados, identificando-se, inicialmente, 862 artigos e incluindo-se para revisão do texto completo 46 artigos. Espanha foi o país com o maior número de estudos identificados e incluídos. Muitos dos estudos foram qualitativos, tendo sido também, maioritariamente, publicados nos últimos 16 anos e abrangendo amostras de grande dimensão. Os estudos incluídos revelaram uma clara associação entre vitimização ao longo do desenvolvimento, traços de personalidade, psicopatologia e a ocorrência de VFP na adolescência. Por fim, foram ainda discutidas limitações dos estudos incluídos, as limitações desta RSL e sugestões para investigações futuras.

Palavras-chave: Violência-filioparental; Adolescentes; Vitimização; Personalidade; Psicopatologia; Revisão Sistemática da Literatura

ABSTRACT

The constant violent acts of children against their parents or others like them, constitute child to parent violence (CPV). CPV is a type of domestic violence that manifests itself through physical, psychological, and/or economic aggression, which in recent years has attracted greater academic and professional interest. The objective of this study was to understand and describe the evidence available in the literature on the predictors of CPV practiced by adolescents, namely, to understand the relationship between this type of violence and victimization throughout the development of young people, to understand the relationship between personality profile and the occurrence of CPV, as well as the relationship between psychopathology and the occurrence of CPV. To this end, a Systematic Literature Review (SLR) was conducted in accordance with PRISMA criteria. The search was carried out in six databases, initially identifying 862 articles and including 46 articles for full-text review. Spain was the country with the highest number of studies identified and included. Many of the studies were qualitative, having also been published mainly in the last 16 years and covering large samples. The included studies revealed a clear association between victimization throughout development, personality traits, psychopathology, and the occurrence of CPV in adolescence. Finally, the limitations of the included studies, the limitations of this SLR, and suggestions for future research were discussed.

Key-words: Child-to-parent Violence; Adolescents; Victimization; Personality; Psychopathology; Systematic Literature Review

Índice

1.	Introdução.....	1
1.1.	Violência filio-parental: definição, incidência e prevalência	1
1.2.	O ciclo da violência filio-parental e teorias explicativas.....	4
1.3.	Fatores de risco e fatores de proteção associados à violência filio-parental	8
1.4.	Funcionamento familiar e estilos parentais	10
1.5.	Vitimização ao longo do desenvolvimento do adolescente.....	12
1.6.	Traços de personalidade e psicopatologia do adolescente.....	13
1.7.	Pergunta de investigação e objetivos.....	14
2.	Método.....	15
2.1.	Tipo de estudo	15
2.2.	Procedimento	16
2.2.1.	Questão de investigação	16
2.2.2.	Protocolo de investigação e registo	16
2.2.3.	Critérios de inclusão e de exclusão.....	16
2.2.5.	Seleção de estudos	17
2.2.6.	Avaliação qualitativa dos estudos.....	17
2.2.7.	Extração de dados.....	18
2.2.8.	Síntese da literatura e interpretação dos resultados	18
2.2.9.	Ética e publicação de resultados.....	18
3.	Resultados.....	19
3.2.	Vitimização ao longo do desenvolvimento do adolescente.....	31
3.2.1.	Vitimização familiar	31

3.2.2.	Vitimização interpessoal.....	33
3.3.	Traços de personalidade do adolescente.....	33
3.3.1.	Inteligência emocional.....	34
3.3.2.	Traços de psicopatia	34
3.3.3.	Agressividade e impulsividade.....	35
3.3.4.	Desenvolvimento sociocognitivo e autoestima	36
3.3.5.	Competências interpessoais.....	37
3.4.	Psicopatologia do adolescente	37
3.4.1.	Perturbações relacionadas com o consumo de substâncias	38
3.4.2.	Perturbações do humor	38
3.4.3.	Sintomatologia ansiosa.....	39
3.4.4.	Perturbação de hiperatividade e déficit de atenção	39
3.4.5.	Perturbações relacionadas com trauma e fatores de stress	40
3.4.6.	Perturbação obsessivo-compulsiva.....	40
3.4.7.	Sintomas psicóticos	40
3.4.9.	Perturbações da personalidade	41
3.4.10.	Ideação suicida	42
4.	Discussão.....	42
5.	Conclusão	48
6.	Referências bibliográficas	51
	Apêndices	63

Índice de Tabelas

Tabela 1.1. Relação entre fatores de risco.....	7
Tabela 1.2. Fatores de risco e fatores de proteção.....	9
Tabela 3.1. Caracterização dos estudos incluídos (n= 46).....	23

Índice de Figuras

Figura 1.1. Incidência de VFP em Portugal.....	4
Figura 1.2. <i>Nested Ecological Model de Dutton</i> (1985).....	6
Figura 2.1. Palavras-chave a utilizar na estratégia de pesquisa	17
Figura 3.1. Fluxograma da pesquisa e processo de seleção.....	20

Índice de Apêndices

Apêndice A. Autores e ano de publicação, objetivo(s), método de recolha de dados, plano de análise, principais resultados, conclusões e limitações.....	64
Apêndice B. Avaliação MMAT para estudos quantitativos randomizados controlado.....	205
Apêndice C. Avaliação MMAT para estudos quantitativos não-randomizados.....	206
Apêndice D. Avaliação MMAT para estudos quantitativos descritivos.....	214

Lista de Abreviaturas

Aust- Austrália

Esp- Espanha

EUA- Estados Unidos da América

Fr- França

Gran- Grande

Jap- Japão

Kor- Coreia do Sul

Méd- Médio

Mex- México

Mix- Métodos mistos

MMAT – *Mixed Methods Appraisal Tool*

N- Não

NS- Não sei

Peq- Pequeno

PHDA- Perturbação de défice de atenção e hiperatividade

PRISMA- *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta Analyses*

Qua- Qualitativo

Quan- Quantitativo

RSL- Revisão Sistemática da Literatura

S- Sim

TCC- Teoria Cognitivo-Comportamental

1. Introdução

1.1. Violência filio-parental: definição, incidência e prevalência

A violência filio-parental (VFP) é um tipo de violência intrafamiliar que leva ao distanciamento da relação pai-filho e a significativas consequências físicas e emocionais nos membros da família (Cottrell & Monk, 2004). Nos últimos anos, a VFP tem despertado um crescente interesse académico e profissional, contudo ainda é escassa a investigação desenvolvida, conduzindo a um fraco reconhecimento da problemática e do apoio direcionado a estes jovens e famílias em Portugal. Portanto, é fundamental aumentar, aglomerar e incentivar a investigação nesta área.

Desta forma, a literatura sobre a VFP, comparativamente a outros tipos de violência, apresenta uma parca quantidade de informação, assim como uma heterogeneidade de resultados dos estudos existentes devido às diferentes metodologias, variáveis e amostras utilizadas, verificando-se que em certos estudos prioriza-se o relato das vítimas, noutros o relato dos adolescentes e noutros a perspetiva dos profissionais intervenientes nestes casos. Verifica-se, igualmente, alguma inconsistência na definição do conceito de VFP (Castillo et al., 2016). De acordo com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) (2017), o primeiro conceito deste tipo de violência foi definido em 1979, enquanto Síndrome dos Progenitores Maltratados, sendo modificado, em 2006, para Violência Filio-parental e definido como “violência de filhos/as contra os/as seus/suas progenitores/as ou pessoas adultas que ocupem o seu lugar” (APAV, 2017). Recentemente, a *Sociedad Española para el Estudio de la Violencia Filio-Parental* (SEVIFIP), liderou um estudo com a proposta de uma definição concisa daquilo que é a VFP, concluindo que esta se manifesta em “atos repetidos de violência física, psicológica (verbal e não verbal) ou económica, praticados pelos filhos contra os seus progenitores ou pessoas que ocupem o seu lugar. Não se incluem nesta definição os seguintes comportamentos: atos de agressão pontuais, se perpetrados durante um estado de consciência diminuída e que não se repetem uma vez recuperada a consciência (intoxicação por álcool, delírio, alucinação), os causados por perturbações psicológicas (transitórias ou estáveis, autismo ou deficiência mental grave) e os parricidas sem história de agressão prévia” (Pereira et al., 2017).

Como mencionado na definição supracitada, a VFP pode ser categorizada em 3 tipos: violência física, violência psicológica e violência económica. A VFP física abrange comportamentos que resultam em dano corporal, ou seja, feridas provocadas por objetos, por armas ou pela utilização do próprio corpo, através de atos como empurrar, bater ou pontapear (Rico et al., 2017). Já a VFP psicológica engloba comportamentos que atacam os sentimentos

e necessidades afetivas dos pais, sendo os mais habituais ignorar e humilhar, negar afeto, expressões verbais de desprezo, arremesso de objetos para intimidação, ameaçar, insultar, omitir ajuda e manipular. Os comportamentos de agressão psicológica resultam em conflitos pessoais, frustração e traumas de origem emocional na vítima. Por sua vez, a VFP económica inclui comportamentos que interferem nas poupanças dos pais através de roubo, venda ou destruição de objetos, dívidas e utilização indevida de cartões bancários (Aroca-Montolío et al., 2014).

A VFP pode ser, paralelamente, classificada enquanto reativa ou proativa. A violência reativa é uma resposta a uma ameaça percebida, comumente, associada a raiva intensa, enquanto que, a violência proativa assenta em comportamentos agressivos que visam o próprio benefício. Assim, o comportamento agressivo dos filhos contra os pais poderá ser uma resposta condicionada a estímulos percebidos como ameaçadores ou poderá ter uma finalidade instrumental, ao exercer controlo deliberado sobre a vítima, de modo a impedir tarefas desagradáveis e para alcançarem objetivos (Calvete et al., 2013). Numa perspetiva instrumentalista, a VFP reflete a atual cultura de consumismo em que os jovens crescem e onde os seus pais assumem um papel de provedores das suas necessidades e desejos (Shim et al., 2011), levando a que este tipo de violência tenha como principal objetivo o ganho e a manutenção do poder coercivo sob os pais.

Os dados a nível europeu e mundial acerca da prevalência e incidência da VFP, podem não revelar a dimensão real deste problema, uma vez que, por variados motivos, as vítimas tendem a ocultar e a não denunciar os casos de violência a que são sujeitas (Pereira et al., 2017). Além do mais, as estatísticas disponíveis revelam graus de prevalência dispare, dependendo dos critérios que cada estudo tem em conta. No estudo realizado por Margolin e Baucom (2014), a prevalência de violência psicológica rondou os 28.8% e os 94.7%, a violência física entre os 2.5% e os 25%, a violência económica os 60% e os comportamentos de controlo os 70%. Já um estudo realizado por Beckman et al. (2021), na Alemanha entre 2012 e 2015, concluiu que a VFP apresenta uma menor taxa de agressões físicas (21%) comparada com agressões psicológicas (34% a 65%).

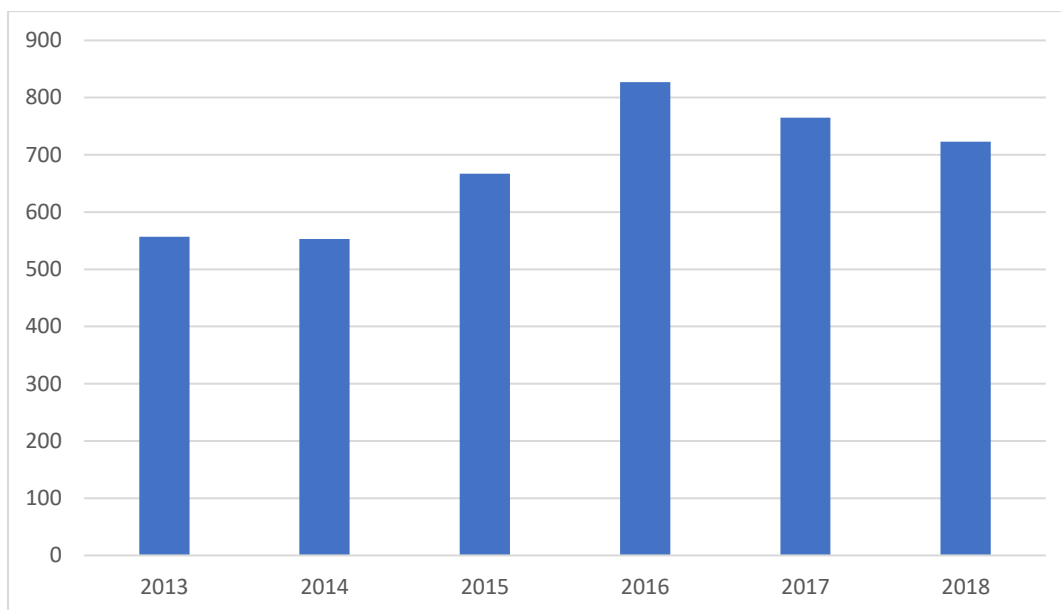
Segundo a literatura, as vítimas são, principalmente, as mães, experienciando maiores níveis de violência psicológica, enquanto os pais experienciam maiores níveis de violência física. O facto da mãe ser a vítima mais comum pode dever-se ao seu papel de principal educador da criança, como também, pelas famílias monoparentais serem constituídas, maioritariamente, pela mãe e respetivos filho(s) (Aroca-Montolío et al., 2014).

Quanto aos agressores, as pesquisas concluem que estes são, maioritariamente, do sexo masculino e praticam, mais frequentemente, violência física, enquanto os agressores do sexo feminino praticam mais violência psicológica (Rogers & Ashworth, 2024). No que respeita às idades, é possível verificar o despoletar de VFP através de 2 padrões distintos de comportamento: crianças com comportamento abusivo que inicia precocemente e persiste; e crianças com comportamento abusivo que inicia tardiamente e que vai diminuindo com o passar do tempo. Este último padrão é o mais verificado, indicando-se uma idade média para o início das agressões entre os 12 e os 17 anos, atingindo o pico a meio da adolescência (15 anos) e decrescendo com o avançar da idade (Arias-Rivera et al., 2021; Calvete, 2023). Os pais podem manifestar dificuldades em identificar que são vítimas de VFP, até que as crianças alcancem uma idade mais avançada ou até que os comportamentos agressivos estabeleçam um padrão de abuso constante.

Em Portugal, segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2015), entre 2004 e 2012, registou-se um total de 3988 pais agredidos, sendo que 227 dos filhos eram menores de 18 anos e 611 tinham idades entre os 18 e os 25 anos. Os dados mais recentes disponibilizados pela APAV sobre a incidência de VFP podem ser consultados na Figura 1.1. Entre 2013 e 2018, registou-se um total de 4092 pais agredidos por filhos, maioritariamente na residência comum (55,2%), sendo que 176 dos filhos apresentavam menos de 18 anos e 585 tinham entre os 18 e os 25 anos de idade. Relativamente ao sexo do agressor, 68,8% eram do sexo masculino e 30% do sexo feminino. No que toca à informação sobre os pais agredidos, cerca de 47% tinha mais de 65 anos e o sexo com maior prevalência de agressões foi o feminino (81,3%). Quanto ao tipo de família onde decorreram estas agressões, verificou-se que em 2018, maioria das famílias eram do tipo nuclear com filhos (n= 207), do tipo monoparental (n= 135) e compostas por um indivíduo isolado (n= 93) (APAV, 2018).

Figura 1.1

Incidência de VFP em Portugal



Nota. Adaptado de APAV (2018).

1.2. O ciclo da violência filio-parental e teorias explicativas

Os adolescentes que agridem os pais apresentam um padrão de comportamento que se manifesta através do desafio de limites, explosões de raiva, tendência para extremos e aversão a serem supervisionados ou guiados tanto pelos seus pais, como por qualquer outro adulto responsável (Aroca-Montolío et al., 2014).

Harbin e Madden (1979) afirmam que as agressões contra os pais ocorrem, maioritariamente, quando existem desacordos, ou seja, como quando os pais tomam medidas que desagradam o filho (i.e., impor limites). Nestas situações, os pais percebem que os seus recursos habituais (i.e., ameaças e castigos) são ineficazes para lidar com a situação e com as atitudes do jovem, levando-os a adotar uma atitude passiva de reconciliação e aceitação, no sentido de amenizar o stress familiar gerado. Contudo, o filho assume que esta atitude de reconciliação é uma vitória sua perante os pais, percebendo-os como submissos e fracos, adotando assim comportamentos mais agressivos e realizando mais exigências. Por sua vez, os pais atingem um nível elevado de frustração que se reflete em comportamento severo e hostil para com o filho, aumentando, novamente, o stress familiar e a raiva sentida pelo jovem. Ao ver o seu domínio colocado em causa, o filho adota comportamentos de vingança através de agressões, fazendo com que os pais optem por dois tipos de reação: aceitem a perda temporária da sua autoridade parental e voltem a comportar-se de modo submisso para reduzir o stress familiar gerado; ou atuem com igual agressividade contra o filho.

Ademais, são descritos dois tipos de escalada da VFP: a escalada complementar, onde a submissão e atitude passiva parental aumentam as agressões dos filhos, sendo caracterizada pela chantagem emocional; e a escalada recíproca, onde a hostilidade parental gera hostilidade filial, caracterizando-se por um aumento mútuo de agressões utilizadas como autodefesa de cada uma das partes (Aroca-Montolío et al., 2014).

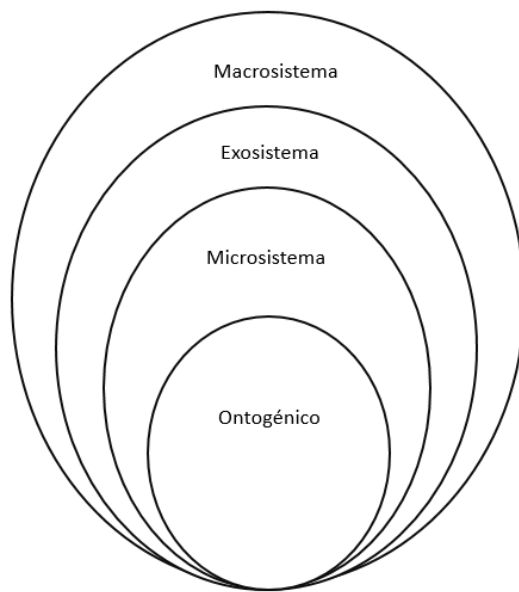
No que concerne à explicação daquilo que é a VFP, diversas teorias psicológicas têm vindo a ser empregues, tais como a Teoria Cognitivo-Comportamental (TCC) que relaciona a aprendizagem social, esquemas cognitivos, comportamento disruptivo ou a síndrome de adaptação à violência (Calvet et al., 2015; Kuay et al., 2016; Margolin & Baucom, 2014; Pagani et al., 2004); a Teoria Psicodinâmica que envolve a teoria do apego, teoria da adversidade infantil ou a teoria do trauma por traição (Calvete et al., 2014; Nowakowski-Sims & Rowe, 2017); e as Teorias Psicossociais que aludem à teoria da socialização grupal e à teoria das relações de poder (Calvete et al., 2014; Castaneda et al., 2012; Contreras & Cano, 2014; Ibabe & Jaureguizar, 2010). Não obstante a todos estes autores e teorias explicativas, a Teoria Sistémica permite explicar esta problemática como um circuito relacional e não como meras ações centradas no indivíduo, ou seja, o foco é ampliado para os diversos fatores que influenciam o desenvolvimento da VFP (Arias Rivera & Hidalgo García, 2020). Assim sendo, o *Nested Ecological Model* de Dutton (1985), estudado posteriormente por Cottrel e Monk (2004), é o que melhor traduz a presente problemática, potenciando a compreensão individual e a resposta adequada a diferentes casos de VFP. Este modelo está exemplificado na Figura 1.2.

O *Nested Ecological Model* defende que a violência do jovem para com os pais pode ser explicada com base em 4 níveis primários de influência, realçando que o maltrato é mais provável de ocorrer quando existem múltiplos fatores de risco num determinado nível e que influenciam os restantes, persistentemente. O primeiro nível descrito é o Macrosistema que integra valores culturais e crenças que influenciam e normalizam comportamentos violentos, tais como a desigualdade entre sexos e a violência cultural. O Exosistema, é um nível contextual referente a estruturas sociais que influenciam o funcionamento individual e familiar, como por exemplo, uma situação socioeconómica instável da família, stress familiar, influência negativa dos pares e a falta de apoios comunitários. Seguidamente, o Microsistema é o nível que alude aos mecanismos de interação familiares que influenciam o desenvolvimento do jovem e que incluem estilos parentais negativos, estilos de comunicação pouco assertivos, competências de resolução de problemas limitadas e as relações disfuncionais entre os membros da família. Finalmente, o quarto nível é o Ontogénico que alberga as características

individuais do jovem, como os traços de personalidade, o consumo de substâncias, experiências de vitimização precoce, problemas de saúde emocional e mental, estilos de vinculação inseguros e outros comportamentos aprendidos ao longo do seu desenvolvimento (Arias Rivera & Hidalgo García, 2020; Loinaz, 2020; Cottrell & Monk, 2004).

Figura 1.2

Nested Ecological Model de Dutton (1985)



Loinaz (2020) realizou um estudo que espelha bem a interação dos níveis explicados. O autor tentou explicar a VFP através de diversos fatores de risco em cada nível, relacionando-os entre si. Neste estudo, no Exosistema considerou-se o desvio por pares e o estatuto socioeconómico; no Microsistema considerou-se a exposição a violência familiar, vitimização direta, conflitos conjugais, stress parental, incongruência entre estratégias educativas dos pais, modo de implementação de medidas disciplinares, suporte e controlo parental, punição psicológica e punição física; e no nível ontogénico incluiu-se o sexo do jovem, impulsividade, traço de expressão de raiva e o abuso de substâncias. Relativamente aos resultados, verificou-se que no Exosistema o efeito indireto da relação entre pares permite observar um desvio na VFP, ocorrendo através do abuso de substâncias. Este desvio entre pares é, paralelamente, influenciado por variáveis familiares. Assim, pode-se supor que a falta de apoio e as competências parentais ineficazes promovem uma fraca supervisão das relações interpessoais dos filhos, que potencia o consumo de substâncias e que, por sua vez, conduz ao

desenvolvimento de comportamentos agressivos contra os pais. Relativamente ao nível do Microsistema, verificou-se que a ineficácia na aplicação de disciplina parental associou-se positivamente à VFP, como por exemplo, os castigos corporais estão relacionados a VFP direcionada às mães, mas não aos pais, sendo que a violência direcionada aos pais opera, essencialmente, através de fatores individuais (i.e., abuso de substâncias). Já no nível Ontogénico, os resultados demonstram que o abuso de substâncias, impulsividade, sexo e instabilidade emocional são as variáveis que mais se relacionaram à VFP. Aqui verificou-se que os rapazes são mais facilmente influenciados pelos pares do que as raparigas no que consta a comportamentos agressivos e que estas apresentam uma maior instabilidade emocional. Sumariamente, este estudo demonstrou que as variáveis contextuais são influenciadas e influenciam variáveis familiares e individuais, podendo-se observar esquematicamente na Figura 1.3. A falta de apoio na correção de comportamentos inadequados e estratégias disciplinares severas influenciam a capacidade de o adolescente formar amizades. As características individuais, como a impulsividade, são influenciadas por características familiares, como o stress parental e a impulsividade na educação, que, por sua vez, podem influenciar o abuso de substâncias (Loinaz, 2020).

Tabela 1.1

Relação entre os fatores de risco

Sistemas	Família	Jovem
Microsistema	<ul style="list-style-type: none"> • Conflitos conjugais; • Stress parental; • Estratégias educativas dos pais; • Suporte parental; • Controlo parental; • Medidas disciplinares; • Punição. 	<ul style="list-style-type: none"> • Exposição a violência familiar; • Vitimização direta.
Exosistema	<ul style="list-style-type: none"> • Estatuto socioeconómico. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desvio dos pares.
Ontogénico		<ul style="list-style-type: none"> • Sexo; • Impulsividade;

		<ul style="list-style-type: none"> • Traço de expressão de raiva; • Abuso de substâncias.
--	--	---

Nota. Adaptado dos resultados de Loinaz (2020).

1.3. Fatores de risco e fatores de proteção associados à violência filio-parental

Os fatores de risco consistem em condições que aumentam a probabilidade de ocorrência de um determinado problema. Os fatores de risco associados à VFP têm vindo a ser brevemente descritos ao longo da presente pesquisa, e passam, sobretudo, pela exposição à violência dentro da família e pela falta de responsividade parental. Estas 2 variáveis, quando perpetradas de modo reiterado, produzem alterações nos esquemas cognitivos da criança que promovem a legitimação da violência como meio para resolver conflitos e para alcançar objetivos (Bautista-Aranda et al., 2023). Os jovens que praticam VFP apresentam vários riscos intrínsecos, nomeadamente, a nível do comportamento desadaptativo e violento, absentismo escolar ou laboral e abuso de substâncias (Romero, 2005 cit. Palanques et al., 2022). Verificase que o abuso de álcool e de drogas está associado a este tipo de violência, sobretudo, quando ocorrem desacordos entre pais e filhos relativos ao empréstimo de dinheiro para a compra destas substâncias (Calvete et al., 2020).

Rogers e Ashworth (2024) identificaram diversos fatores de risco no âmbito da VFP. Estes fatores de risco observaram-se em variados contextos, sendo que no âmbito do meio familiar foi apontado o abuso precoce (verbal ou físico), violência doméstica, divórcio dos pais, rejeição parental, problemas de apego, stress parental, problemas de comunicação familiar, estilos parentais autoritários e permissivos. Ao nível dos fatores socioeconómicos foram verificadas situações de pobreza e de isolamento social familiar. A nível escolar, os fatores de risco integraram o bullying, características dos pares, abandono escolar e o nível de educação. Quanto aos fatores de risco diretamente relacionados ao indivíduo agressor, foram mencionados o estado psicológico, problemas emocionais, características temperamentais, comportamentos antissociais, impulsividade, delinquência, experiências adversas na infância, abuso sexual e o uso problemático das redes sociais.

Os fatores de risco familiares e os fatores de risco pessoais mantêm uma relação bidirecional, influenciando-se mutuamente. Padilla-Falcón e Moreno-Manso (2019) apontaram como fatores de risco familiares e pessoais, a transmissão intergeracional da violência, falta de referências claras na família, monoparentalidade, escassez de comunicação e estilos educativos inadequados. Já a nível contextual estes autores indicaram a vinculação com os pares, baixo

rendimento escolar, dificuldades de aprendizagem, absentismo escolar e dificuldades de adaptação.

Além de fatores de risco existem fatores protetores, que são condições que previnem a ocorrência de uma problemática ou ajudam a reduzir o seu impacto no sujeito. Neste caso, os fatores protetores ajudam na prevenção de comportamentos agressivos dos jovens contra os pais e passam por proporcionar um clima familiar mais positivo que destaca a coesão familiar, educação emocional, comunicação assertiva e relacionamentos positivos. É ainda importante assegurar suporte e apoio escolar adequados às necessidades de cada criança, assim como potenciar relações positivas e adequadas com os pares (Arias-Rivera et al., 2021; Rogers & Ashworth, 2024).

Tabela 1.2

Fatores de risco e fatores de proteção

Componente	Fatores de risco	Fatores protetores
Família	<ul style="list-style-type: none"> • Exposição a violência; • Falta de responsividade parental; • Transmissão intergeracional da violência; • Divórcio dos pais; • Monoparentalidade; • Rejeição parental; • Problemas de apego; • Stress parental; • Problemas de comunicação; • Estilos parentais autoritários e permissivos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Clima familiar positivo; • Coesão familiar; • Educação emocional; • Comunicação assertiva; • Relacionamentos positivos e saudáveis.
Individual	<ul style="list-style-type: none"> • Comportamento antissocial e impulsivo; 	

	<ul style="list-style-type: none"> • Absentismo escolar/laboral; • Abuso de substâncias; • Problemas emocionais; • Características temperamentais; • Experiências adversas na infância (i.e., abuso sexual); • Nível de educação e dificuldades de aprendizagem; • Uso problemático das redes sociais. 	
Socioeconómicos	<ul style="list-style-type: none"> • Pobreza; • Isolamento social da família. 	
Interpessoais	<ul style="list-style-type: none"> • Bullying; • Características dos pares; • Vinculação com os pares; • Dificuldades de adaptação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Suporte e apoio escolar adequados; • Relações positivas com os pares.

1.4. Funcionamento familiar e estilos parentais

Ressalte-se que a VFP poderá estar relacionada com a incapacidade parental na tarefa de criar limites firmes no comportamento das crianças e em estabelecer consequências adequadas e eficazes para lidar com os comportamentos violentos (Calvete et al., 2013). Neste sentido, é provável que a VFP possa desenvolver-se a partir da transferência intergeracional de crenças e valores acerca da aceitabilidade da violência e da exposição direta ou indireta a agressões, observando-se que muitos destes jovens integram famílias onde predomina um clima de irritabilidade, impulsividade e stress parental (Palanques et al., 2022). Assim, ao nível do funcionamento familiar verifica-se, não só a perpetuação de padrões de comportamento violentos entre os membros da família, como também a coexistência de outros tipos de

violência familiar, tal como a violência doméstica entre marido e mulher. Contextos familiares onde prevalece a agressividade afetam as medidas disciplinares aplicadas, existindo relação com castigos psicológicos e físicos (Loinaz, 2020). Ademais, verifica-se um maior número de casos de VFP em famílias monoparentais e, quando a família é do tipo nuclear, constata-se maior discrepância entre os estilos parentais de cada pai, assim como uma lacuna no acompanhamento e intervenções precoces profissionais a nível psicossocial (Loinaz, 2020; Palanques et al., 2022).

Maccoby e Martin (1983) descreveram 4 estilos parentais baseados no grau de exigência ou disciplina aplicada pelos pais, e na sua responsividade, ou seja, no calor e suporte parental proporcionado. Estes estilos denominam-se como democrático, autoritário, permissivo e negligente. O estilo democrático baseia-se em altos níveis de exigência e baixa responsividade, portanto, estes pais estabelecem regras claras, mas são flexíveis às necessidades dos filhos e focam-se no desenvolvimento da sua autonomia. O estilo autoritário caracteriza-se por altos níveis de exigência e baixa responsividade. Os pais que adotam este estilo apresentam maior rigidez e controlo, impõem regras sem explicação clara e apresentam pouca sensibilidade emocional às necessidades dos filhos. Por sua vez, o estilo permissivo baseia-se em baixa exigência e alta responsividade, refletindo pais afetuosos e atentos às necessidades e desejos dos filhos, permitindo-lhes liberdade de escolha e impondo poucas regras. Finalmente, o estilo negligente é baseado em baixos níveis de exigência e baixa responsividade. Aqui os pais são emocionalmente distantes, pouco atentos às necessidades dos filhos, não impõem regras e não são visíveis demonstrações de suporte ou carinho parental (Maccoby & Martin, 1983).

O estilo parental democrático tem demonstrado resultados significativamente positivos no desenvolvimento das crianças, uma vez que estas aparentam uma maior autoestima, melhores capacidades de interação e adaptação social e um bom desempenho escolar (Maccoby & Martin, 1983). Como se pode denotar, a família do jovem possui uma grande influencia no desenvolvimento deste tipo de violência, pois os estilos parentais caracterizados pela dificuldade em aplicar disciplina parental adequada, estão relacionados positivamente com a ocorrência de VFP, tal como a aplicação de punição física (Hoyo-Bilbao et al., 2020).

De acordo com Loinaz e Sousa (2020), o estilo parental negligente aumenta a probabilidade de ocorrência de VFP. Já Cottrel e Monk (2004), afirmaram que um estilo parental disfuncional pode não revelar-se problemático na educação precoce dos jovens. Contudo, na adolescência, este estilo poderá não funcionar, uma vez que nesta fase da vida, os jovens demonstram maior necessidade de autonomia, podendo surgir conflitos no seio familiar,

recorrendo a comportamentos violentos para tentarem obter e/ou manter controlo das suas próprias vidas. Em oposição, os autores observaram, similarmente, a prevalência de estilos parentais permissivos que conduziram à inversão de papéis entre pais e filhos, observando-se, que estes jovens desenvolveram um padrão de ações violentas como via de coagir os pais a cumprirem os seus desejos. Observou-se também que a VFP ocorreu em meios familiares onde existia uma discrepância nos estilos parentais educativos, ou seja, onde os pais se contradiziam na educação e no estabelecimento de normas. Neste contexto observaram-se 2 formas de reação distintas entre os jovens: por um lado, estes reagiram com atitudes de ressentimento e com comportamentos conflituosos contra o pai mais rígido; por outro lado, os jovens reagiram com comportamentos abusivos para intimidar o pai mais permissivo, para que este alterasse regras e imposições que o outro havia imposto (Cottrell & Monk, 2004).

As variáveis interpessoais, tais como a vinculação com os pares, são influenciadas por variáveis familiares e individuais. A falta de suporte e a incapacidade em corrigir o comportamento desadequado dos jovens, juntamente com medidas de disciplina severas, influenciam a habilidade da criança para formar amizades benéficas, levando a maior probabilidade da ocorrência de VFP (Hoyo-Bilbao et al., 2020). Já as variáveis individuais, como os traços de personalidade, são influenciadas pelo stress parental e impulsividade na educação (Cottrell & Monk, 2004; Padilla-Falcón & Moreno-Manso, 2019).

1.5. Vitimização ao longo do desenvolvimento do adolescente

A vitimização é uma das variáveis em estudo, pois a exposição a experiências de agressão precoces aumenta a probabilidade de comportamentos violentos de filhos para com os pais. Neste sentido, deduz-se que os jovens agressores de VFP são, na realidade, também vítimas de violência ao longo do seu desenvolvimento (Nowakowski-Sims & Rowe, 2017), tendo presenciado e internalizado padrões de violência.

As famílias onde prevalecem problemas relacionais entre os seus membros, tendem a apresentar um padrão de violência que afeta as crianças. A vitimização familiar pode ser direta (i.e., agressão direta por parte dos pais contra os filhos) ou vicária (i.e., agressões entre os pais), promovendo, de ambas as formas, a aprendizagem de padrões de resposta violentos e desadaptativos (Bautista-Aranda et al., 2023) e de sentimentos de ansiedade, ambivalência, autossuficiência, rejeição e indiferença (Navarras-Martínez & Cano-Lozano, 2022). A exposição precoce a violência familiar representa um elevado risco, dado que influencia o desenvolvimento de um processamento sociocognitivo mal adaptativo, que se pode traduzir em características encontradas em diversos adolescentes violentos, como a justificação da

violência, hostilidade, raiva, diálogo agressivo e impulsividade (Bautista-Aranda et al., 2023; Contreras et al., 2020).

As crianças que presenciam adversidades na infância, ou seja, permanecem em lares onde os pais não são capazes de proporcionar um desenvolvimento emocional saudável, mais tarde, podem experienciar um apego inseguro, que se manifesta em maiores níveis de ansiedade e de medo, problemas de ansiedade e de depressão e maior probabilidade de aderirem a comportamentos de risco (i.e., abuso de substâncias) (Nowakowski-Sims & Rowe, 2017). A VFP pode ser explicada através dos elevados níveis de excitação que as crianças vítimas de exposição a violência têm. Estas, mesmo não estando na presença de uma ameaça, mantêm-se em estado de alerta, podendo recorrer a agressões para controlar a ansiedade e prevenir o mau trato (Nowakowski-Sims & Rowe, 2017).

Quanto às agressões na escola, estas crianças aparentam maiores défices nas competências de regulação emocional e social, menos empatia, maior dificuldade de resolução de conflitos e de autocontrolo (Povedano et al., 2012), levando a maior probabilidade de comportamento violento em contexto escolar.

1.6. Traços de personalidade e psicopatologia do adolescente

Os traços de personalidade são descritos como “padrões estáveis de compreensão, relação e pensamento acerca do meio e de si próprio, que se exprimem numa gama variada de contextos de natureza social e pessoal” (American Psychiatric Association, 2014).

Aronca-Montolío et al. (2014) relatam heterogeneidade na delineação do perfil do agressor. Não existe um consenso entre a presença de perturbação psicológica e a ocorrência de VFP, contudo, há concordância na existência de um padrão de problemas emocionais e comportamentais, observando-se a prevalência de sintomatologia depressiva e ansiosa, somatização e sintomas de pânico, perturbação de défice de atenção e hiperatividade (PHDA) e perturbações do comportamento disruptivo e do controlo dos impulsos, em adolescentes que maltratam os pais (Contreras et al., 2022). A um nível geral, estes jovens apresentam uma fraca inteligência emocional e problemas no raciocínio moral e de resolução de problemas, que se verifica através de uma baixa tolerância à frustração, distanciamento interpessoal, ausência de empatia, impulsividade, desresponsabilização, justificação ou minimização do maltrato, baixo autocontrolo, apatia, isolamento social, baixa autoestima, irritabilidade e egocentrismo (Aronca-Montolío et al., 2014).

Palanques et al. (2022) realizaram um estudo com vista a analisar o perfil criminológico de jovens que praticaram VFP (grupo experimental), comparativamente com jovens que

praticaram outros crimes (grupo de controlo), através de uma amostra de 341 participantes entre os 14 e os 17 anos de idade. Foi aplicado o *The Youth Level Service of Case Management Inventory* (YLS) que pretende avaliar o risco de reincidência a partir de 8 fatores: ofensas anteriores e atuais, parentalidade, educação/emprego, relações de pares, abuso de substâncias, lazer, personalidade e atitudes/orientação. Os resultados indicaram que os jovens que praticam VFP reincidem mais do que os restantes (60.1%), assim como demonstraram uma maior probabilidade de cometer outros crimes. O grande risco de reincidência nos jovens que praticaram VFP, pode dever-se à impulsividade demonstrada na média do fator personalidade, assim como à incapacidade em gerir emoções. Maior parte destes jovens iniciaram o seu percurso criminal através da VFP, sendo que os fatores de risco recaíram nas subescalas de circunstâncias familiares, personalidade e abuso de substâncias.

Um outro estudo realizado por Calvete (2023) pretendeu delinear 4 perfis de adolescentes de acordo com a VFP e as características familiares. Destes perfis apenas 3 demonstraram presença de VFP, sendo que o segundo perfil relatou presença de VFP psicológica moderada e altos níveis de exposição a violência familiar, o terceiro perfil associou-se a VFP psicológica elevada e a baixos níveis de exposição a violência familiar e o quarto perfil a níveis elevados de violência. O terceiro perfil revelou maior significância estatística, tendo sido utilizado para comparação com os outros perfis. Assim, verificaram-se níveis intermédios de calidez e altos níveis de permissividade parental, que se associaram a uma maior agressão psicológica, perpetrada, maioritariamente, pelo sexo feminino. Quanto às características psicológicas, foi verificada uma maior hostilidade, justificação da violência e seleção de respostas agressivas aquando dos conflitos com os pais, assim como sintomatologia depressiva, problemas de externalização e baixos níveis de desconfiança e de raiva (Calvete, 2023). Este autor ainda aponta que os jovens que perpetraram VFP apresentaram, frequentemente, sintomas de depressão e de baixa autoestima, assim como, comumente, consumo abusivo de substâncias, que se materializa num gatilho para comportamentos agressivos. Os comportamentos violentos destes jovens acabaram por manifestar-se em contextos extrínsecos ao seu lar, através de comportamento antissocial e delinvente, na escola por exemplo. Além deste tipo de comportamento, na escola verificou-se também problemas de ajuste social e pouco interesse em aprender.

1.7. Pergunta de investigação e objetivos

Nas últimas décadas tem aumentado a evidência empírica com maior foco nas vítimas, tal como as consequências psicológicas da violência filio-parental nos pais, os estilos parentais como preditores deste tipo de violência e análises de medidas de avaliação. Contudo não são

tão abundantes os estudos com foco nos agressores e naquilo que os leva a perpetuar comportamentos violentos contra os pais. Assim, a presente Revisão Sistemática da Literatura (RSL) coloca a seguinte questão de investigação: Que evidências estão disponíveis na literatura sobre os preditores da violência filio-parental praticada por adolescentes?

Neste sentido, o principal objetivo desta RSL é fornecer uma visão abrangente e sistemática do conhecimento empírico sobre os preditores da VFP praticada por adolescentes. Para tal, são propostos os seguintes objetivos específicos (1) Conhecer a relação entre VFP e a exposição dos adolescentes a diversos tipos de vitimização ao longo do seu desenvolvimento; (2) Conhecer a relação entre os traços de personalidade do adolescente e a ocorrência de VFP; (3) Conhecer a relação entre psicopatologia do adolescente e a ocorrência de VFP e quais as perturbações mais comuns.

2. Método

2.1. Tipo de estudo

O presente estudo constitui-se numa Revisão Sistemática da Literatura. Os objetivos de uma RSL são promover várias perspetivas do estado de arte de uma determinada área de conhecimento, identificar prioridades a estudar no futuro, colocar questões de investigação que os estudos individuais não responderam, para que se detetem lacunas a ser revistas em estudos futuros, e gerar/avaliar teorias sobre como e porque ocorrem determinados fenómenos (Page et al., 2021). Este tipo de estudo é amplamente utilizado pois oferece uma estrutura rigorosa de procedimentos, utilizando uma metodologia compreensiva, transparente e replicável (Page et al., 2021).

A metodologia e os passos de uma RSL são alvo de elevado consenso, sendo estes os seguintes: (1) formulação da questão de investigação; (2) formular um protocolo de investigação e regista-lo; (3) definir critérios de inclusão e exclusão; (4) desenvolver um método de pesquisa e definir as fontes de informação; (5) seleção de estudos; (6) avaliar qualitativamente os estudos incluídos; (7) extrair informação; (8) síntese da literatura e interpretação dos resultados; e (9) publicação dos resultados (Page et al., 2021; Vilelas, 2022).

Neste sentido, com esta RSL pretende-se promover uma visão abrangente e sistemática do conhecimento empírico sobre os preditores da violência filio-parental (VFP) praticada por adolescentes.

2.2. Procedimento

A presente RSL propõe ser realizada com base no método *PRISMA Statement – Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta Analyses* (PRISMA; Page et al., 2021) utilizando critérios de inclusão e exclusão.

2.2.1. Questão de investigação

Questão de investigação formulada: Que evidências estão disponíveis na literatura sobre os preditores da violência filio-parental praticada por adolescentes?

A questão de investigação foi formulada através da estratégia PICOS, utilizada em revisões de estudos quantitativos e resultados de intervenções. Os componentes da estratégia PICOS aplicados à presente RSL são: (1) População ou problemas- adolescentes que perpetuem agressões contra os pais; (2) Intervenções ou exposições- perceber os preditores de VFP, nomeadamente no que diz respeito à vitimização ao longo do desenvolvimento, traços de personalidade e à psicopatologia associada; (3) Comparação; (4) Resultados- qualquer tipo de resultados; e (5) Desenho de investigação- estudos experimentais, quasi-experimentais, mistos, correlacionais e descritivos.

2.2.2. Protocolo de investigação e registo

O protocolo de investigação foi construído e avaliado previamente, de forma a reduzir potenciais vieses e para garantir a qualidade do estudo. Este foi registado na plataforma PROSPERO, uma base de dados internacional de revisões sistemáticas, no dia 11 de outubro de 2024 (ID: CRD42024596076). O registo nesta plataforma garante a transparência da revisão, aumenta a visibilidade e previne a duplicação de investigações (Vilelas, 2022).

2.2.3. Critérios de inclusão e de exclusão

Definiram-se como critérios de inclusão relativos às publicações dos estudos: (1) os idiomas português, espanhol e inglês; (2) estudos de carácter empírico; (3) estudos clínicos, comunitários e judiciais; e (4) a data de publicação compreendida entre 2000 e 2025. Relativamente, às características individuais dos estudos, os critérios foram os seguintes: (1) incluir amostras compostas por adolescentes de ambos os sexos (feminino e masculino) que perpetuem comportamentos violentos contra os pais; (2) abranger variáveis relacionadas à vitimização, características individuais e psicopatologia; (3) qualquer tipo de desenho de estudo; e (4) estudos quantitativos e mistos.

Quanto aos critérios de exclusão foram definidos: (1) estudos de caso; (2) artigos de opinião; e (3) artigos com outras variáveis que não as estudadas.

2.2.4. Fontes de informação e método de pesquisa

A pesquisa desta RSL foi iniciada em janeiro de 2025 através das seguintes bases de dados bibliográficas internacionais: PsycINFO, Web of Science, Scopus e PubMed. Além disso, foi utilizada a base de dados de texto completo EBSCO (MEDLINE e CINAHL).

Na pesquisa da informação foram utilizadas todas as combinações possíveis das palavras-chave e com recurso aos operadores booleanos (OR, NOT e AND), tal como apresentado na Figura 2.1.

Figura 2.1

Palavras-chave a utilizar na estratégia de pesquisa

```
su("filio-parental violence" OR "child-to-parent abuse" OR "child-to-parent violence"  
OR "violence against parents") AND su(child* OR adolescen* personality) AND  
su(child* OR adolescen* psychopathology)
```

2.2.5. Seleção de estudos

O processo de seleção de estudos foi iniciado através da pesquisa e da identificação geral dos artigos, indicando o número total de literatura disponível nas bases de dados eletrónicas, sendo também incluídos artigos através do método bola-de-neve. A primeira triagem dos artigos foi realizada através da leitura dos títulos e dos resumos e, com base nos critérios de elegibilidade definidos, estes foram, ou não, selecionados. Posteriormente, foi realizada uma leitura integral do texto destes estudos, onde foi verificada a elegibilidade dos artigos e se excluíram aqueles que não cumpriam os critérios de inclusão, mencionando-se o porque da sua remoção. Por fim, apresentou-se o número final de artigos selecionados.

Para remover os artigos duplicados e para organizar os selecionados, foi utilizado o software de gestão bibliográfica Rayyan (Ouzzani et al., 2016) e para a fase de leitura integral foi utilizado o software Mendeley Desktop (versão 1.19.8). A sistematização da seleção dos artigos realizou-se com recurso ao diagrama de fluxo PRISMA.

2.2.6. Avaliação qualitativa dos estudos

As ferramentas de avaliação permitem um processo de avaliação da qualidade do estudo sistemático, transparente e replicável. Neste sentido, foi utilizada a ferramenta *Mixed Methods Appraisal Tool* (MMAT; Hong et al., 2018). O MMAT é uma ferramenta que avalia o viés de

vários tipos de estudos distinguindo critérios para estudos qualitativos, randomizado controlado, não randomizado, descritivo quantitativo e métodos mistos (Hong et al., 2018).

Para utilizar o MMAT, o utilizador deve responder a 2 questões iniciais (“Existem questões de pesquisa claras?” e “Os dados recolhidos permitem responder à questão de investigação?”). Se a resposta for “Não” ou “Não sei” pode indicar que não se trata de um estudo empírico, não podendo ser avaliado. Para cada tipo de estudo, são avaliados cinco critérios e classificados como “Sim” (1 ponto) ou “Não”/“Não sei” (0 pontos). A avaliação varia entre 0 a 5 pontos, sendo que a pontuação pode ser apresentada em percentagem: 0 = 0%, 1 = 20%, 2 = 40%, 3 = 60%, 4 = 80% e 5 = 100%. Contudo, para os estudos mistos são avaliados quinze critérios, ou seja, cinco equivalentes a métodos quantitativos, cinco a métodos qualitativos e cinco a métodos mistos, sendo que a qualidade geral não pode exceder a qualidade do seu componente mais fraco (Santos et al., 2024; Hong et al. 2018).

Como não são definidos valores de corte estandardizados pelo instrumento, as categorias de caracterização dos estudos são definidas pelos utilizadores. Assim, nesta RSL, categorizaram-se os estudos em 3 tipos: baixa qualidade (pontuação inferior a 50%); qualidade média (pontuação entre 50% e 80%); e alta qualidade (pontuação superior a 80%).

2.2.7. Extração de dados

A informação extraída de cada um dos estudos incluiu: autor(es); ano de publicação; país em que a investigação foi realizada; objetivos; tipo de estudo; amostra; método(s) de recolha de dados; tipo de análise de dados; principais conclusões; principais limitações; e avaliação da qualidade metodológica. Esta informação foi sistematizada através tabelas que incluem todos os tópicos acima referidos.

2.2.8. Síntese da literatura e interpretação dos resultados

A síntese narrativa da literatura pretende um resumo de informações que vão de encontro ao objetivo desta RS. A síntese foi realizada através do modelo EEECA (Jesson et al., 2011), ou seja: (a) *Examine*- analisar o tema sobre diferentes perspetivas; (b) *Evaluate*- realizar uma análise crítica; (c) *Establish relationships*- como os resultados se relacionam; (d) *Compare*- comparar os resultados; (e) *Argue*- argumentar sobre as perspetivas apresentadas.

2.2.9. Ética e publicação de resultados

Não se aplica a recolha de dados primários no presente estudo, portanto não se apresenta necessária a submissão à Comissão de Ética.

Os resultados da RSL pretendem contribuir para o desenvolvimento da investigação e identificação de lacunas acerca dos preditores da VFP, nomeadamente, sobre a vitimização ao

longo do desenvolvimento, dos traços de personalidade e da presença de psicopatologia nos jovens infratores.

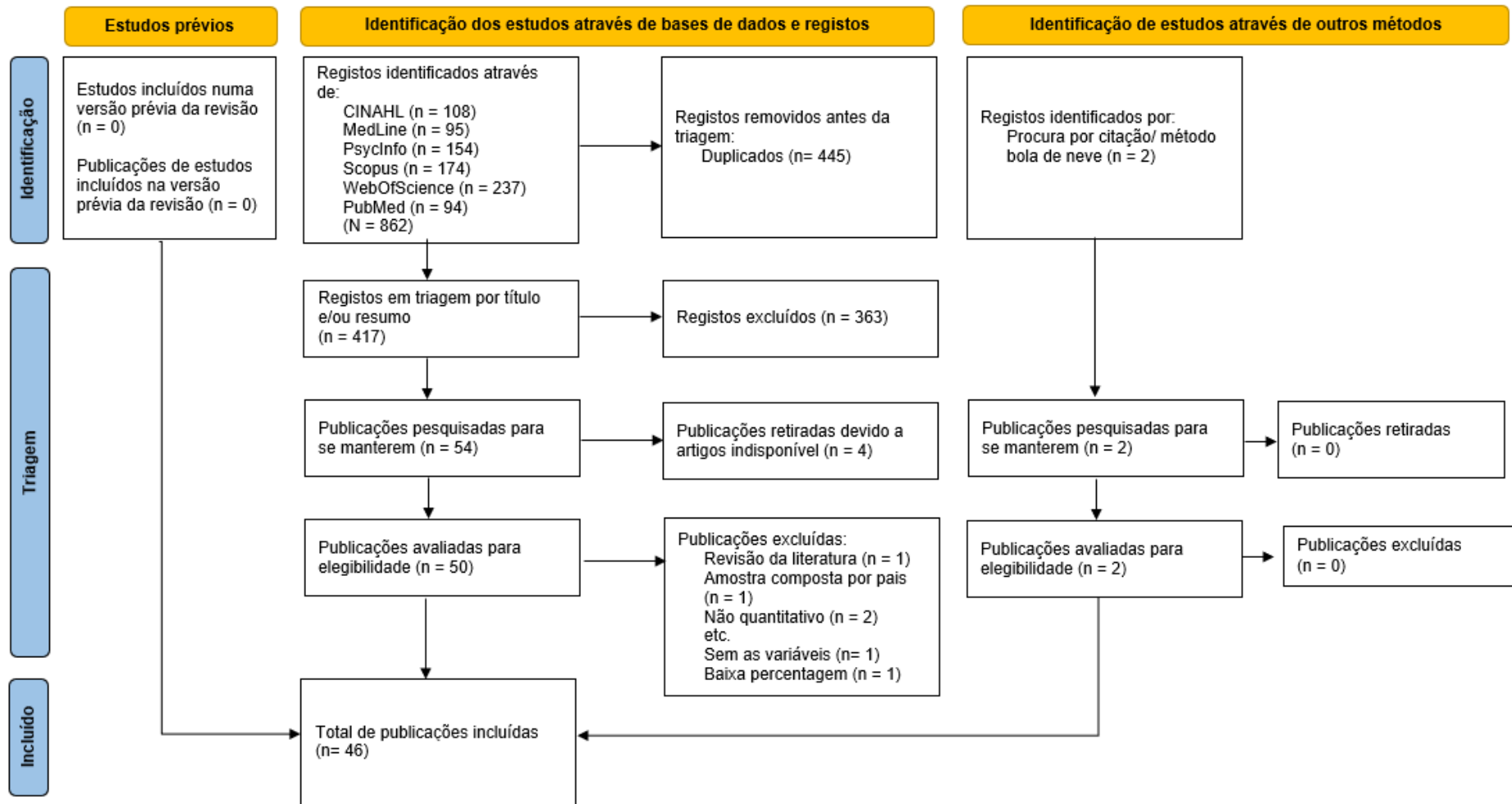
3. Resultados

A pesquisa nas bases de dados supracitadas gerou um total de 862 resultados, contudo 445 foram artigos duplicados, seguindo 417 artigos para seleção por título. Após a análise dos títulos, foram selecionados 133 artigos para a etapa de análise do resumo. Nesta etapa, dos artigos analisados, foram selecionados 54 para serem submetidos a revisão de texto completo, contudo, 4 artigos foram excluídos, pois estavam indisponíveis para análise de texto completo. Assim, foram submetidos 50 artigos a revisão do texto integral, excluindo-se 5 artigos devido a: a) revisão da literatura (n= 1); b) amostra composta por pais vítimas de VFP (n= 1); c) não cumpriram os critérios de inclusão definidos (n= 2); d) não incluíram as variáveis em estudo (n= 1); e) fraca avaliação de qualidade (n= 1). Foram selecionados 44 artigos para a amostra final.

Posteriormente, foram analisadas as listas de referências dos 44 artigos, com o objetivo de identificar outros possíveis estudos com potencial de inclusão. Foram, então, selecionadas e incluídas 2 publicações adicionais através deste método. Finalmente, o corpus de análise da presente RSL incluiu um total de 46 artigos. Na Figura 3.1 pode-se analisar o fluxograma da pesquisa e processo de seleção.

Figura 3.1.

Fluxograma da pesquisa e processo de seleção

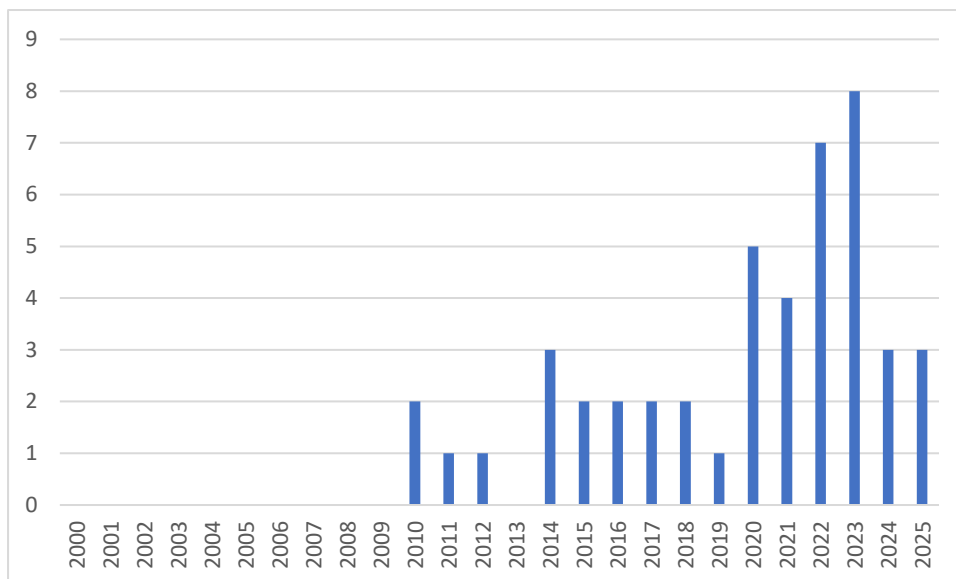


Nota. Adaptado de Page MJ, McKenzie JE, Bossuyt PM, Boutron I, Hoffmann TC, Mulrow CD, et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. BMJ 2021;372:n71. doi: 10.1136/bmj.n71

Os 46 artigos incluídos foram publicados entre os anos de 2000 e 2025, mais especificamente: de 2000 a 2004, 0 artigos; de 2005 a 2009, 0 artigos; de 2010 a 2014, 7 artigos; de 2015 a 2019, 9 artigos; e de 2020 a 2025, 30 artigos. Constatou-se que a grande maioria dos artigos (97.8%) foi publicada nos últimos 16 anos, ou seja, entre 2010 e 2025, como se pode verificar na Figura 3.2.

Figura 3.2

Distribuição dos artigos por ano de publicação



Os estudos analisados foram realizados em diversos países, sendo estes: Estados Unidos da América (n = 2); Espanha (n = 37); França (n = 1); Austrália (n = 2); México (n = 2); Coreia do Sul (n = 1); e Japão (n = 1).

Foram ainda analisadas as amostras de cada estudo tendo em conta a sua dimensão e constituição. No que concerne à dimensão, considerou-se uma amostra grande aquelas que correspondiam a um total de mais de 500 participantes, por outro lado, considerou-se uma amostra média aquelas entre 100 a 500 participantes e uma amostra pequena aquelas com menos de 100 participantes. Em conformidade com esta diferenciação, 22 estudos incluíram uma amostra grande, 17 estudos incluíram uma amostra média e 7 estudos uma amostra pequena.

Seguindo a questão de pesquisa e os objetivos específicos colocados anteriormente, a síntese dos resultados será organizada em 3 tópicos. O primeiro tópico envolve a vitimização ao longo do desenvolvimento do adolescente, abordando-se a vitimização familiar e a

vitimização interpessoal. O segundo tópico descreve a variável dos traços de personalidade, abordando diversas características associadas ao adolescente, e, por fim, o terceiro tópico destaca a psicopatologia e a sintomatologia psicopatológica mais prevalente nos adolescentes que praticaram VFP.

Tabela 3.1*Caracterização dos estudos incluídos (n= 46)*

	Tipo de estudo	Dimensão da amostra			Análise de dados		Variáveis em estudo					
		Qua	Quan	Mix	Peq	Méd	Gran	Análise descritiva	Análise inferencial	Vitimização	Personalidade	Psicopatologia
Autor(es)/ Ano	País											
Armstrong et al. (2018)	EUA		✓				✓	✓	✓	✓		✓
Bautista-Aranda et al. (2025)	Esp		✓				✓	✓	✓	✓		
Calvete et al. (2011)	Esp		✓				✓	✓	✓	✓		✓

Cano-Lozano et al. (2024) Esp ✓ ✓ ✓ ✓

Cano-Lozano et al. (2021) Esp ✓ ✓ ✓ ✓ ✓

Carrasco et al. (2018) Esp ✓ ✓ ✓ ✓ ✓

Contreras & Cano (2016) Esp ✓ ✓ ✓ ✓

Contreras & Cano (2015) Esp ✓ ✓ ✓ ✓ ✓ ✓

Contreras et al. (2020) Esp ✓ ✓ ✓ ✓

Cortina & Martín (2020) Esp ✓ ✓ ✓ ✓ ✓ ✓

Cuervo (2023)	Esp	✓	✓	✓	✓		✓
Cuervo (2025)	Esp	✓	✓		✓		✓
Cuervo & Palanques (2022)	Esp	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Hoyo-Bilbao et al. (2021)	Esp	✓	✓	✓	✓		✓
Espuig et al. (2025)	Esp	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Fandiño et al. (2024)	Esp	✓	✓		✓		✓
Fandiño et al. (2021)	Esp	✓	✓	✓			✓
Fongaro et al. (2023)	Fr	✓	✓	✓			✓

Gámez-Guadix & Calvete (2012)	Esp	✓		✓	✓	✓	✓	
Harries et al. (2022)	Aust	✓		✓	✓	✓	✓	
Ibabe (2014)	Esp	✓	✓		✓	✓	✓	✓
Ibabe (2015)	Esp	✓		✓	✓	✓	✓	
Ibabe et al. (2014)	Esp	✓	✓			✓		✓ ✓
Ibabe & Jaureguizar (2010)	Esp	✓	✓		✓	✓		✓
Izaguirre & Calvete (2017)	Esp	✓		✓	✓	✓	✓	

Jiménez-Granado et al. (2023)	Esp	✓		✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
--------------------------------------	-----	---	--	---	---	---	---	---	---	---

Junco-Guerrero et al. (2022)	Esp	✓		✓	✓	✓	✓	✓		
-------------------------------------	-----	---	--	---	---	---	---	---	--	--

Ibabe et al. (2014)	Esp	✓		✓	✓	✓			✓	✓
----------------------------	-----	---	--	---	---	---	--	--	---	---

Loinaz et al. (2020)	Esp	✓	✓		✓			✓	✓	
-----------------------------	-----	---	---	--	---	--	--	---	---	--

Loinaz et al. (2023)	Esp	✓		✓	✓				✓	
-----------------------------	-----	---	--	---	---	--	--	--	---	--

Maranon & Ibabe (2024)	Esp	✓		✓	✓	✓	✓	✓	✓	
-----------------------------------	-----	---	--	---	---	---	---	---	---	--

Martín et al. (2022)	Esp	✓		✓	✓	✓			✓	
-----------------------------	-----	---	--	---	---	---	--	--	---	--

Martínez-Ferrer et al. (2020)	Mex	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Nam et al. (2022)	Kor	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Navas-Martínez & Cano-Lozano (2022)	Esp	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Navas-Martínez & Cano-Lozano (2023)	Esp	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Navas-Martínez et al. (2023)	Esp	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓

Padilla-Falcón & Moreno-Manso (2019)	Esp	✓	✓	✓			✓	✓
Palanques et al. (2022)	Esp	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
Rosado et al. (2017)	Esp	✓		✓	✓	✓		✓
Sasaki et al. (2021)	Jap	✓		✓	✓	✓		✓
Sheed et al. (2023)	Aust	✓		✓	✓	✓	✓	
Suárez-Relinque et al. (2020)	Mex		✓	✓	✓	✓	✓	

Suárez-Relinque et al. (2023)	Esp	✓		✓	✓	✓		✓
Kennedy et al. (2010)	EUA	✓		✓	✓	✓	✓	✓
Zuñeda et al. (2016)	Esp	✓	✓		✓	✓		✓

Nota. Qua = Qualitativo (n= 0); Quan = Quantitativo (n= 45); Mix = Métodos Mistos (n= 1); Peq = Pequena (n= 7); Méd = Média (n= 17); Gra = Grande (n= 22); EUA= Estados Unidos da América; Esp= Espanha; Fr= França; Aust= Austrália; Mex= México; Kor= Coreia do Sul; Jap= Japão

3.2. Vitimização ao longo do desenvolvimento do adolescente

3.2.1. Vitimização familiar

Vários estudos afirmaram que os adolescentes que perpetraram VFP vivenciaram, na infância, experiências de violência familiar direta, ou seja, agressão dos pais contra os filhos, e de violência familiar vicária, caracterizada pela exposição indireta a agressões entre os pais (Bautista-Aranda et al., 2025; Calvete et al., 2011; Cano-Lozano et al., 2024; Cano-Lozano et al., 2021; Cano-Lozano et al., 2021; Cortina & Martín, 2020; Cuervo, 2023; Gámez-Guadix & Calvete, 2012; Ibabe, 2014; Izaguirre & Calvete, 2017; Junco-Guerrero et al., 2022). As evidências sugerem que as experiências de vida adversas relacionadas ao abuso (físico, psicológico e/ou vicário) foram mais frequentes entre adolescentes que cometeram VFP do que outro tipo de crimes (Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2023; Sasaki et al., 2021) e contribuíram significativamente para o aumento da violência contra os pais (Nam et al., 2022).

A análise destes 2 tipos de violência familiar, revelou consenso acerca da relevância da vitimização direta na perpetuação de VFP (Izaguirre & Calvete, 2017; Navas-Martínez et al., 2023), cujos efeitos imediatos tendem a ser mais intensos no comportamento dos adolescentes, tal como adicionaram Cano-Lozano et al. (2024). Por outro lado, para Cuervo (2025), a violência familiar vicária, nomeadamente, testemunhar discussões conjugais, influenciou e previu, igualmente, a VFP. Ademais, a vitimização familiar associou-se, positivamente, aos estilos de apego preocupado, evitativo e traumatizado, estando este último mais relacionado à vitimização familiar direta e vicária (Navas-Martínez et al., 2023). Maranon & Ibabe (2024) afirmaram que os pais que agridem os filhos podem demonstrar um estilo parental, predominantemente, superprotetor e os adolescentes que praticaram VFP relataram um funcionamento familiar, assente em críticas, baixa coesão familiar, baixa adaptabilidade e pouco conhecimento da história familiar, o que reflete um reduzido apoio emocional e descrédito mútuo dentro das famílias.

No que diz respeito aos tipos mais frequentes de violência praticada pelos pais, a psicológica foi a mais prevalente (12.4%-17.1%), seguindo-se a violência verbal (4.6-5.7%) e a física (2.8%-3.4%) (Cano-Lozano et al., 2021). Além das agressões psicológicas à criança (Gámez-Guadix & Calvete, 2012; Jiménez-Granado et al., 2023), outras variáveis consideraram-se influentes na prática de VFP, tais como ignorar o mau comportamento (Jiménez-Granado et al., 2023); um ambiente familiar precário, circunstâncias familiares, relações antissociais e supervisão inadequada (Cuervo & Palanques, 2022); e um funcionamento familiar percebido como pouco coeso e adaptado (Zuñeda et al., 2016).

Observou-se também que os jovens expostos a elevados níveis de punição corporal no decorrer da infância, tiveram maior tendência a reproduzir níveis semelhantes de violência contra os pais, de acordo com Harries et al. (2022).

Globalmente, tanto a presença, quanto a elevada frequência de episódios de violência familiar direta ou vicária, predizem a ocorrência de VFP (Gámez-Guadix & Calvete, 2012; Zuñeda et al., 2016).

Os resultados indicaram que adolescentes envolvidos em VFP sofreram, com frequência, abuso parental, sobretudo paterno (Cano-Lozano et al., 2021; Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2023), sendo a VFP contra o pai mais associada à vitimização por este perpetrada (Cano-Lozano et al., 2024) e a fraca disciplina parental (Calvete et al., 2011). A VFP contra o pai associou-se ainda ao desligamento familiar, a preocupação e à exposição prévia a violência (Junco-Guerrero et al., 2022).

De acordo com Cano-Lozano et al. (2024), entre os rapazes agressores, a VFP relacionou-se à exposição vicária de agressões do pai contra a mãe e entre as raparigas agressoras, associou-se à violência da mãe contra o pai. As raparigas (16%) foram sujeitas a mais violência psicológica materna (Cano-Lozano et al., 2021), perpetuando, conseqüentemente, mais VFP contra a mãe (Espuig et al., 2025). Outros autores adicionaram ainda, que as raparigas experienciaram maiores níveis de vitimização direta, vitimização vicária e de polivitimização, onde se inclui o abuso sexual, (Armstrong et al., 2018; Bautista-Aranda et al., 2025; Loinaz et al., 2020), assim como violência verbal e emocional (Espuig et al., 2025). Sucintamente, a vitimização perpetrada por um dos pais relacionou-se *a posteriori* VFP direcionada a esse mesmo pai (Cano-Lozano et al., 2021; Cano-Lozano et al., 2024; Izaguirre & Calvete, 2017), sugerindo a aprendizagem de padrões agressivos parentais.

No que concerne ao direcionamento da VFP, percebeu-se que a agressão psicológica direta e vicária associaram-se à VFP psicológica, enquanto a agressão física direta e vicária à VFP física (Gámez-Guadix & Calvete, 2012). Observaram-se respostas agressivas (Contreras et al., 2020) e mais razões reativas do que instrumentais (Cano-Lozano et al., 2024), estando a antecipação de conseqüências positivas da agressão e a justificação da violência relacionadas ao uso instrumental da VFP contra ambos os pais (Contreras et al., 2020). Cortina & Martín (2020) afirmaram que os atos mais praticados foram insultar, fugir, gestos obscenos, roubar, destruir e intimidar. Jiménez-Granado et al. (2023) adicionaram que a interação entre ignorar o mau comportamento e o traço insensível-sem emoção também previu a VFP contra ambos os pais.

As raparigas exerceram, significativamente, mais VFP psicológica, tanto contra as mães, como contra os pais, enquanto os rapazes exerceram mais violência física e económica contra os pais (Cano-Lozano et al., 2021).

Os resultados acerca dos preditores da VFP contra a mãe, indicaram a idade avançada, sexo feminino, violência verbal-emocional, psicopatia e comportamentos antissociais (Espuig et al., 2025) e vitimização familiar (Junco-Guerrero et al., 2022). Por outro lado, os preditores em relação à VFP contra o pai foram a idade mais jovem e a psicopatia (Espuig et al., 2025).

Num estudo de Cano-Lozano et al. (2021), durante o confinamento de 2020 devido ao vírus COVID-19, a VFP contra ambos os pais esteve relacionada à acumulação de stressores, como académicos/trabalho, convivência familiar e problemas de saúde mental.

No que toca à reincidência criminal, percebeu-se que um elevado nível esteve associado à prática de VFP, enquanto um baixo risco associou-se a outro tipo de crimes (Cuervo, 2025; Cuervo & Palanques, 2022).

3.2.2. Vitimização interpessoal

A nível interpessoal, verificou-se a prevalência da vitimização por bullying (Loinaz et al., 2020; Loinaz et al., 2023; Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2023). A exposição ao bullying aumentou a probabilidade de fugir de casa e de realizar gestos obscenos (Cortina & Martín, 2020), tendo as raparigas um risco aumentado de serem vítimas deste tipo de violência (Loinaz et al., 2020).

Observou-se também que as relações com os pares podem, não só influenciar a prática de VFP através de relações que apresentem comportamentos violentos (Calvete et al., 2011), mas podem também diminuir o impacto do abuso infantil na VFP, através de um alto nível de apego aos pares (Nam et al., 2022).

O *cyberbullying* foi abordado por Navas-Martínez e Cano-Lozano (2023), onde 50.9% dos jovens sofreram deste tipo de violência.

3.3. Traços de personalidade do adolescente

Decorrente da vitimização sofrida na infância, perceberam-se consequências a nível cognitivo, comportamental e emocional nos adolescentes, tendo Ibabe et al. (2014) defendido que os sintomas comportamentais foram preditores mais significativos da VFP do que os sintomas emocionais.

A exposição a violência familiar contribuiu para o desenvolvimento de um processamento sociocognitivo desadaptativo relacionado à prática de diferentes tipos de VFP (Contreras et al., 2020); a atribuições hostis (Cuervo, 2023; Contreras et al., 2020); falha na regulação emocional (Contreras et al., 2020); respostas agressivas (Contreras et al., 2020);

antecipação das consequências positivas da agressão (Contreras et al., 2020); justificação da violência (Contreras et al., 2020); e problemas emocionais (somatização, depressão e baixa autoestima) e comportamentais (consumo de drogas e comportamentos agressivos) (Ibabe, 2014). A falha na regulação emocional, em agressores com experiências adversas cumulativas, relacionou-se ao desenvolvimento de representações mentais dos seus pais, de si mesmos e do mundo baseados na falta de afeto (Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2023).

As relações e circunstâncias familiares contribuíram para a formação de uma baixa autoestima, maior agressividade física, birras, déficit de atenção, baixa tolerância à frustração, sentimentos de culpa, agressividade verbal e fatores de risco criminogénicos (Fandiño et al., 2024), como também ao desenvolvimento de características de comportamento antissocial e comportamento violento contra as figuras de autoridade (Ibabe, 2014). Ibabe (2015), corroborou esta informação adicionando que as estratégias de disciplina educativa coerciva podem favorecer o desenvolvimento de comportamentos violentos nas crianças. Além do mais, entre os infratores em geral, incluindo os envolvidos em VFP, observou-se a prevalência de violência doméstica, falhas de intervenções anteriores, problemas de coabitação, estilos educacionais disfuncionais e tendência a inversão das hierarquias (Loinaz et al., 2023).

3.3.1. Inteligência emocional

Diversos autores destacaram um subdesenvolvimento da inteligência emocional (Contreras & Cano, 2016; Maranon & Ibabe, 2024; Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2022). Os jovens que praticaram VFP demonstraram menor atenção e clareza de sentimentos, menor recuperação do humor, menor capacidade de identificar, expressar e controlar emoções e sentimentos e comprometimento da escolha de comportamentos socialmente adequados (Contreras & Cano, 2016); dificuldades na capacidade de interromper e diminuir estados emocionais negativos (Maranon & Ibabe, 2024); e menor resiliência (Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2023).

Ibabe et al. (2014) confirmaram estes resultados, afirmando que os jovens que cometeram VFP caracterizaram-se por apresentar um significativo desequilíbrio emocional, associando-se a insatisfação familiar, a maior comprometimento psicológico e ao aumento dos sintomas clínicos, tal como adicionaram Maranon e Ibabe (2024).

3.3.2. Traços de psicopatia

Os resultados demonstraram a preponderância de traços de psicopatia nos jovens infratores de VFP (i.e., Fandiño et al., 2024). Especificamente, verificou-se maior superficialidade (Fandiño et al., 2024); perigosidade (Fandiño et al., 2024); grandiosidade (Fandiño et al., 2024; Calvete et al., 2011; Cortina & Martín, 2020); manipulação (Contreras

& Cano, 2016; Fandiño et al., 2024); atitudes ameaçadoras (Contreras & Cano, 2016); atitudes de intimidação (Contreras & Cano, 2016); insensibilidade (Fandiño et al., 2024); ausência de remorso (Fandiño et al., 2024); indiferença (Cortina & Martín, 2020; Padilla-Falcón & Moreno-Manso, 2019); crueldade (Cortina & Martín, 2020); narcisismo e egocentrismo (Cortina & Martín, 2020; Padilla-Falcón & Moreno-Manso, 2019); maquiavelismo (Cortina & Martín, 2020); comportamento autolesivo (Padilla-Falcón & Moreno-Manso, 2019); atitudes pouco pró-sociais (Contreras & Cano, 2016; Cortina & Martín, 2020); hedonismo (Contreras & Cano, 2016; Cortina & Martín, 2020); comportamentos de controlo/dominação (Cano-Lozano et al., 2021; Contreras & Cano, 2016); e falta de empatia (Loinaz et al., 2023). Ademais, estes jovens apresentaram grande propensão à violação e desrespeito de regras (Ibabe et al., 2014); autoajuste social diminuído (Ibabe et al., 2014); desrespeito pelas figuras de autoridade (Contreras & Cano, 2016); maior taxa de desemprego ou de abandono escolar (Sheed et al., 2023); e desajuste escolar (Ibabe et al., 2014). Martín et al. (2022) adicionaram que nenhuma variável relativa à empatia, como a fantasia, tomada de perspetiva, preocupação empática e sofrimento pessoal, estiveram relacionadas à VFP.

Os traços de psicopatia associaram-se positiva, porém fracamente, à VFP psicológica, enquanto a empatia, egocentrismo e irresponsabilidade previram a VFP física. Concretamente, a irresponsabilidade teve um elevado impacto na VFP física quando associada a falta de empatia, manipulação e egocentrismo (Hoyo-Bilbao et al., 2021).

Quanto ao sexo, as raparigas apresentaram maior irresponsabilidade, enquanto os rapazes revelaram mais falta de empatia e egocentrismo (Hoyo-Bilbao et al., 2021), apresentando ainda maior risco de comportamento severamente tirano (Fongaro et al., 2023). Fongaro et al. (2023) adicionaram que as crianças com comportamento severamente tirano podem apresentar altos níveis de condições psiquiátricas concomitantes.

Cortina e Martín (2020), observaram uma relação entre diversos traços e comportamentos: o narcisismo aumentou a probabilidade de fugir de casa; a crueldade aumentou a probabilidade de realizar gestos obscenos; o sexismo hostil duplicou a probabilidade de cuspir e a probabilidade de roubar os pais; o sexismo benevolente reduziu a probabilidade de cuspir; a indiferença aumentou a probabilidade de cuspir; o maquiavelismo aumentou a probabilidade de contrair dívidas; e a raiva com a mãe aumentou a probabilidade de bater.

3.3.3. Agressividade e impulsividade

A personalidade agressiva foi defendida como preditor da VFP (Cuervo & Palanques, 2022), estando a raiva e o acesso a respostas agressivas, amplamente, relacionados a este tipo

de violência (i.e., Calvete et al., 2011; Contreras et al., 2020; Contreras & Cano, 2016). Segundo Zuñeda et al. (2016), as diferenças nos níveis de raiva podem indicar que a dimensão emocional da agressão é mais relevante do que a dimensão cognitiva.

Tanto os infratores de VFP como os infratores de outros crimes, apresentaram problemas de controlo da raiva (Calvete et al., 2011; Loinaz et al., 2023), existindo valores elevados de justificação da violência (Calvete et al., 2011; Loinaz et al., 2023) e de seleção de comportamentos agressivos em conflitos com os pais (Loinaz et al., 2023). A relação positiva entre hostilidade e todos os tipos de VFP para ambos os pais, sugeriu que um jovem irritado tem maior probabilidade de responder a conflitos familiares recorrendo a comportamentos agressivos, tal como explicaram Rosado et al. (2017). Ibabe et al. (2014) acrescentaram que os problemas comportamentais, como a indisciplina e a agressividade social, fora de casa, foram também preditores significativos de VFP.

Decorrente da vitimização sofrida, as raparigas demonstraram mais problemas emocionais e comportamentos agressivos como forma de autodefesa (Armstrong et al., 2018), como foram mais propensas a sentir raiva (Armstrong et al., 2018; Loinaz et al., 2020) e a perpetrar comportamentos de controlo/dominação contra as mães (Cano-Lozano et al., 2021). A exteriorização da raiva percebeu-se através de agressividade expressa por problemas escolares/fracasso escolar (Carrasco et al., 2018), envolvimento com a justiça devido a delitos anteriores (Armstrong et al., 2018) e atitudes não conformistas (Suárez-Relinque et al., 2020).

Outros tantos autores defenderam a prevalência de comportamentos impulsivos nestes jovens (Calvete et al., 2011; Contreras & Cano, 2015; Loinaz et al., 2023; Palanques et al., 2022), nomeadamente, através de impulsividade na resolução de conflitos sociais (Calvete et al., 2011) e de maior independência (Contreras & Cano, 2015). Palanques et al. (2022) corroboraram esta informação adicionando que durante a realização do seu estudo, existiu uma grande percentagem de reincidência e de crimes cometidos no grupo dos jovens praticantes de VFP, possivelmente, devido à impulsividade de apresentavam. Loinaz et al. (2020) refutaram esta informação considerando que não se observaram diferenças significativas na impulsividade destes jovens.

3.3.4. Desenvolvimento sociocognitivo e autoestima

Conforme mencionado anteriormente, a vitimização contribuiu para o desenvolvimento de um processamento sociocognitivo desadaptativo (Contreras et al., 2020), manifestando-se em dificuldades nas estratégias sociocognitivas e em menor capacidade de recorrer a estratégias cognitivas eficazes para a resolução de problemas, na antecipação e compreensão das consequências dos comportamentos sociais e na seleção de meios para alcançar objetivos

sociais (Contreras & Cano, 2015). Em particular, existiu uma reduzida habilidade para antecipar as consequências dos próprios comportamentos e em escolher ações apropriadas para alcançar objetivos sociais pretendidos (Contreras & Cano, 2015).

A VFP apresentou uma relação positiva com a baixa autoestima (Calvete et al., 2011; Cuervo, 2023; Cuervo, 2025), tendo os rapazes demonstrado níveis mais elevados em comparação com as raparigas (Contreras & Cano, 2015; Loinaz et al., 2020). Além disso, adolescentes com baixa autoestima exibiram uma maior frequência de agressões relacionadas à VFP (Nam et al., 2022) e propensão a tratamentos psicológicos individuais e familiares anteriores (Ibabe & Jaureguizar, 2010).

3.3.5. Competências interpessoais

De acordo com Cuervo (2025), as habilidades sociais precárias foram, positivamente, associadas à VFP. As habilidades sociais precárias podem manifestar-se por meio de diversos comportamentos, como menor conformidade com as normas sociais (Martínez-Ferrer et al., 2020), indisciplina escolar, aversão aos professores e desajuste social (Ibabe et al., 2014). No que se refere, diretamente, às relações sociais, os agressores de VFP apresentaram menor sensibilidade social, menor entreaajuda e menor colaboração com os outros.

Ademais, a VFP aumentou à medida que o autoconceito familiar e social diminuiu, sendo que raparigas com níveis mais baixos de autoconceito familiar apresentaram uma maior propensão a esse tipo de violência (Martínez-Ferrer et al., 2020). No geral, os ofensores de VFP apresentaram 13% mais sintomas de introversão social (Fandiño et al., 2021).

3.4. Psicopatologia do adolescente

Verificaram-se, significativamente, mais problemas de saúde mental (Sheed et al., 2023), de problemas comportamentais e emocionais (Ibabe et al., 2014), de sintomas nas dimensões clínicas básicas (Fandiño et al., 2021), de diagnósticos clínicos (Contreras & Cano, 2015) e de tratamentos psicológicos e/ou psiquiátricos (Contreras & Cano, 2015; Fongaro et al., 2023) nos agressores de VFP do que nos infratores em geral. Palanques et al. (2022) adicionaram que encontraram uma elevada média no abuso de substâncias e nas circunstâncias familiares, o que poderá refletir desconforto mental por parte destes jovens.

Os resultados permitiram observar que os níveis de VFP aumentaram à medida que o sofrimento psicológico aumentou, sugerindo que a VFP poderá ser uma expressão de desajuste nos jovens, associada a sofrimento psicológico (Martínez-Ferrer et al., 2020).

A sintomatologia psicopatológica revelou um grande poder preditivo de VFP nos jovens entre os 16 e os 18 anos de idade (Rosado et al., 2017). Sobretudo, na VFP contra o pai, verificou-se uma relação com a sensibilidade interpessoal nos rapazes, enquanto nas raparigas,

se perceberam mais sintomas obsessivos (Rosado et al., 2017). As raparigas revelaram mais problemas de saúde mental (Armstrong et al., 2018) e maiores níveis de sofrimento e stress psicológico (Martínez-Ferrer et al., 2020; Suárez-Relinque et al., 2020). Por outro lado, os rapazes obtiveram valores mais elevados nas atitudes não conformistas (Suárez-Relinque et al., 2020).

Os jovens agressores de VFP apresentaram maior deterioração e, epidemiologicamente, a prevalência de casos clínicos e moderadamente deteriorados foi muito elevada em todas as dimensões clínicas da medida de avaliação MMPI-A (Fandiño et al., 2021). Os resultados obtidos através da medida de avaliação STROOP, indicaram habilidade em inibir respostas ligadas a estímulos que exigem supressão de respostas automáticas, baixa capacidade de planeamento/execução de planos e baixa flexibilidade cognitiva (Fandiño et al., 2021).

3.4.1. Perturbações relacionadas com o consumo de substâncias

Repetitivamente, diversos autores indicaram o consumo de substâncias enquanto fator comum e preditivo nos casos de VFP (Armstrong et al., 2018; Calvete et al., 2011; Carrasco et al., 2018; Contreras & Cano, 2015; Cortina & Martín, 2020; Cuervo & Palanques, 2022; Ibabe et al., 2014; Ibabe & Jaureguizar, 2010; Palanques et al., 2022), podendo existir influência de drogas ou álcool aquando das agressões contra os pais - 46.70% dos jovens praticaram VFP sob influência de substâncias (Contreras & Cano, 2015).

O uso de substâncias foi considerado um problema comportamental, preditor significativo de VFP (Ibabe et al., 2014), nomeadamente, no final da adolescência e na fase adulta jovem (Sheed et al., 2023).

As substâncias mais utilizadas registadas foram a marijuana, álcool e outras, sendo as raparigas mais propensas a consumir álcool e outras drogas (Armstrong et al., 2018). Já os rapazes demonstraram maior probabilidade de abuso de substâncias (Loinaz et al., 2020; Loinaz et al., 2023; Padilla-Falcón & Moreno-Manso, 2019; Rosado et al., 2017).

Percebeu-se que a anterior vitimização do jovem induz a maior probabilidade de uso de substâncias (Armstrong et al., 2018), podendo o consumo ser regular ou esporádico (Padilla-Falcón & Moreno-Manso, 2019).

Contrariamente a toda a informação, um estudo de Loinaz et al. (2020) não comprovou o uso de substâncias como fator preponderante nestes jovens.

3.4.2. Perturbações do humor

Compreenderam-se as perturbações do humor como presentes nestes jovens (Ibabe & Jaureguizar, 2010), tendo os ofensores de VFP apresentado mais sintomas de hipomania (17%)

(Fandiño et al., 2021). Especificamente, as raparigas apresentaram mais características limite (Padilla-Falcón & Moreno-Manso, 2019).

Outra condição psicológica declarada como bastante presente por variados autores, foi a sintomatologia depressiva. Os infratores de VFP apresentaram um perfil com maior prevalência de sintomas depressivos (Fandiño et al., 2021; Fongaro et al., 2023; Ibabe et al., 2014) e com níveis elevados de desajuste pessoal e desequilíbrio emocional (Ibabe et al., 2014). Cuervo et al. (2023) corroboraram esta informação, afirmando que a sintomatologia depressiva revelou um valor preditivo significativo, nomeadamente, nos rapazes (Cuervo, 2025), porém, Armstrong et al. (2018) adicionaram que foi também prevalente nas raparigas.

Suárez-Relinque et al. (2020) adicionaram que os sintomas de depressão presentes na adolescência aumentaram a probabilidade de agredir os pais ou outras figuras de autoridade na família. Por outro lado, expôs-se a inexistência de diferenças significativas na sintomatologia depressiva (Sasaki et al., 2021; Zuñeda et al., 2016) e a relação negativa entre depressão e VFP de todos os tipos (Rosado et al., 2017).

3.4.3. Sintomatologia ansiosa

A sintomatologia ansiosa foi, similarmente, associada à VFP (Ibabe & Jaureguizar, 2010), detalhadamente, a perturbação de ansiedade generalizada (Fandiño et al., 2024); ansiedade de doença ou hipocondria (Fandiño et al., 2021; Fandiño et al., 2024); perturbação dos sintomas somáticos (Fandiño et al., 2024); e psicastenia (Fandiño et al., 2021). Adicionalmente, Fandiño et al. (2021) relataram que, clinicamente, estes jovens apresentaram mais deterioração moderada na histeria (23% mais sintomas), caracterizada por ingenuidade, egocentrismo, exibicionismo, extroversão e superficialidade. Ademais, problemas de ansiedade em crianças que apresentaram comportamento severamente tirano, também se associaram a fobia social, agorafobia e a perturbações do sono (Fongaro et al., 2023)

As raparigas foram mais propensas a apresentar ansiedade (Armstrong et al., 2018), nomeadamente, maior preocupação, sensibilidade, apreensão e tensão (Padilla-Falcón & Moreno-Manso, 2019).

Em oposição, Rosado et al. (2017) e Sasaki et al. (2021) afirmaram que não foi encontrada relação entre a ansiedade e VFP e Zuñeda et al. (2016) não encontraram diferenças significativas na ansiedade, somatização e pânico.

3.4.4. Perturbação de hiperatividade e défice de atenção

Um diagnóstico preponderante no perfil clínico dos jovens que cometeram VFP foram as perturbações do neurodesenvolvimento (Sasaki et al., 2021), especificamente, a perturbação de hiperatividade e défice de atenção (PHDA) (Contreras & Cano, 2015; Fongaro et al., 2023;

Ibabe et al., 2014; Ibabe & Jaureguizar, 2010; Sasaki et al. 2021). A grande proporção de jovens com PHDA verificada, sugeriu a relação de características desta condição com a ocorrência de VFP, como a impulsividade (Sasaki et al., 2021). Ibabe et al. (2014) corroboraram a informação anterior afirmando que a hiperatividade, considerada um problema comportamental, foi preditor significativo de VFP (Ibabe et al., 2014).

3.4.5. Perturbações relacionadas com trauma e fatores de stress

Cano-Lozano et al. (2021), realizaram um estudo durante o período de confinamento devido ao vírus COVID-19, onde se percebeu que a maioria dos jovens que perpetuaram VFP apresentaram acumulação de stressores, o que se correlacionou, positivamente, com VFP contra ambos os pais.

Suárez-Relinque et al. (2020) adicionaram que quando os sintomas de stress se manifestam na adolescência, podem aumentar a probabilidade de agredir os pais ou outras figuras de autoridade na família.

As raparigas apresentaram mais perturbações relacionados com o stress pós-traumático (Padilla-Falcón & Moreno-Manso, 2019).

3.4.6. Perturbação obsessivo-compulsiva

Apenas Fandiño et al. (2024) e Fongaro et al. (2023), ressaltaram a prevalência, em alguns jovens infratores de VFP, de sintomas obsessivo-compulsivos.

3.4.7. Sintomas psicóticos

A nível dos sintomas psicóticos verificou-se grande presença de ideação paranoide (Fandiño et al., 2024; Rosado et al., 2017), que Rosado et al. (2017) afirmaram se relacionar com VFP total e psicológica contra ambos os pais. A ideação paranoide manifestou-se, sobretudo, através de sensibilidade à crítica e da personalização das ações dos outros contra si (Fandiño et al., 2021), sendo que Padilla-Falcón e Moreno-Manso (2019) adicionaram o ressentimento.

Os rapazes foram mais propensos a apresentar alucinações (Armstrong et al., 2018) e as raparigas paranoia (Padilla-Falcón & Moreno-Manso, 2019).

Quanto a um diagnóstico clínico preciso, os resultados indicaram a Esquizofrenia (Fandiño et al., 2021; Fandiño et al., 2024), onde os infratores de VFP apresentaram 24% mais sintomas desta perturbação (Fandiño et al., 2021), sobretudo entre os 14 e os 15 anos de idade (Padilla-Falcón & Moreno-Manso, 2019).

3.4.8. Perturbações disruptivas, do controlo dos impulsos e do comportamento

Assumiu-se como sintomatologia clínica presente e frequente no perfil dos jovens ofensores de VFP, os sintomas associados ao comportamento disruptivo e controlo dos impulsos (Contreras & Cano, 2015; Fongaro et al., 2023). Kennedy et al. (2010) defenderam a possibilidade de perturbações do comportamento na raiz dos comportamentos agressivos contra os pais. Neste sentido, foi defendida a presença de comportamentos delinquentes perceptíveis através de violência verbal (Calvete et al., 2011) e de perturbação do comportamento disruptivo (Ibabe & Jaureguizar, 2010).

Existiu uma maior taxa de problemas relacionados ao comportamento fora do contexto familiar nos rapazes (Ibabe et al., 2014), tendo estes apresentado mais agressão física e diagnóstico de alguma perturbação do comportamento (Padilla-Falcón & Moreno-Manso, 2019).

3.4.9. Perturbações da personalidade

As perturbações da personalidade também foram defendidas nos resultados obtidos, sobretudo, a perturbação esquizoide da personalidade (Ibabe & Jaureguizar, 2010), a perturbação estado-limite (Borderline) da personalidade (Ibabe & Jaureguizar, 2010) e perturbação antissocial da personalidade (i.e., Cuervo, 2023; Cuervo & Palanques, 2022).

A perturbação antissocial da personalidade foi amplamente verificada em diversos estudos, em jovens que cometeram vários tipos de crimes (Cuervo, 2023; Ibabe, 2014; Loinaz et al., 2023), contudo, apresentou-se com maior valor preditivo do crime de VFP (Cuervo, 2023; Cuervo & Palanques, 2022). Fandiño et al. (2021) corroboraram esta informação, ressaltando que os ofensores VFP apresentaram um maior desvio psicopático (68%) (Fandiño et al., 2021). Por outro lado, Hoyo-Bilbao et al. (2021) referiram que os traços de psicopatia foram associados positiva, mas fracamente, com VFP psicológica. Adicionalmente, os comportamentos antissociais e violadores da lei foram, significativa e positivamente, correlacionados a VFP, por Espuig et al. (2025).

Clinicamente, estes jovens apresentaram mais sintomas nas dimensões clínicas básicas do que a população normal, relatando deterioração clínica no desvio psicopático, caracterizado por falta de confiança, egocentrismo, incapacidade de aprender com a experiência, problemas com familiares/autoridades, raiva nas relações e sob situações de stress (Fandiño et al., 2021).

Os traços de psicopatia apresentaram uma forte correlação com VFP contra ambos os pais, podendo indicar que jovens com esta componente elevada demonstram dificuldades na regulação emocional (Espuig et al., 2025), empatia reduzida (Espuig et al., 2025) e traços de

psicopatia interpessoais e afetivos (Fandiño et al., 2024), aumentando a probabilidade de cometer VFP (Espuig et al., 2025).

Quanto ao sexo dos agressores, os rapazes revelaram mais características e comportamento antisocial do que as raparigas (Loinaz et al., 2020; Padilla-Falcón & Moreno-Manso, 2019).

Loinaz et al. (2023) adicionaram que, a nível interpessoal, estes jovens demonstraram mais relações com pares que apresentaram comportamentos antissociais.

3.4.10. Ideação suicida

Um maior envolvimento em VFP resultou em níveis elevados de ideação suicida (Martínez-Ferrer et al., 2020; Suárez-Relinque et al., 2023), solidão emocional (Suárez-Relinque et al., 2023) e alexitimia (Suárez-Relinque et al., 2023). No que concerne à alexitimia, Suárez-Relinque et al. (2023) referiram que a vitimização física e sexual pode levar a maiores níveis de incapacidade de distinguir e nomear as emoções e sentimentos. Tanto Armstrong et al. (2018) como Martínez-Ferrer et al. (2020) defenderam que as raparigas foram mais propensas a apresentar ideação suicida.

4. Discussão

O presente estudo teve como principal objetivo realizar uma síntese atualizada do conhecimento empírico disponível sobre os preditores da VFP praticada por adolescentes, especificamente, analisar a relação entre VFP e a exposição dos adolescentes a diversos tipos de vitimização ao longo do seu desenvolvimento, analisar a relação entre o perfil de personalidade do adolescente e a ocorrência de VFP e ainda conhecer a relação entre psicopatologia do adolescente com a ocorrência de VFP e quais as perturbações mais comuns. A escolha deste tema deve-se aos escassos estudos desenvolvidos no contexto português, o que confere relevância a esta RSL. Esta lacuna no conhecimento motivou a escolha, com o intuito de contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre o assunto em Portugal.

Para colmatar os objetivos supracitados, recorreu-se à análise de artigos, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão pré-definidos, tendo transitado para a fase de leitura completa e de efetiva inclusão na RSL, um total de 46 artigos.

Dos 46 artigos incluídos 97.8% foram publicados nos últimos 16 anos (entre 2010 e 2025), especificamente, entre 2020 a 2025 (n= 30), indicando um maior enfoque e recente interesse da investigação científica sobre esta temática.

No que diz respeito à dimensão das amostras, estas foram, predominantemente, grandes (n= 22), contudo, verificaram-se, maioritariamente, com pouca representatividade devido à especificidade do público e dos contextos analisados.

Os artigos analisados foram conduzidos em diversos países, porém verificou-se que a Espanha (n= 37) foi o país onde mais autores se interessaram por este tema, indicando um maior investimento, em relação a outros países, na análise, prevenção e intervenção em casos de VFP.

Relativamente às variáveis abordadas, a personalidade foi a mais analisada (n= 33), seguindo-se a vitimização (n= 24) e a psicopatologia (n= 17), o que poderá indicar um maior interesse científico em compreender os perfis e características de personalidade dos jovens que cometem VFP, assim como se as experiências adversas pelas quais passaram influenciam na ocorrência deste comportamento violento.

Quanto ao tipo de estudos, existiu uma elevada preponderância dos métodos quantitativos (n= 45). Na avaliação qualitativa dos artigos, realizada através do MMAT (2018), excluíram-se estudos com uma percentagem inferior a 50%, ou seja, que corresponderam a uma qualidade baixa, portanto, os artigos incluídos apresentaram uma qualidade média (n= 13), superior a 50% e inferior a 80%, e alta (n= 33), igual ou superior a 80%.

A análise da vitimização ao longo do desenvolvimento da criança revelou-se um ponto fundamental para compreender a prática de VFP na adolescência. A literatura analisada destacou, consistentemente, que experiências precoces de violência familiar, tanto de violência direta, caracterizada pela agressão dos pais contra os filhos, quanto de violência vicária, ou seja, a exposição indireta a agressões entre os pais (i.e., violência doméstica do pai contra a mãe), foram fatores preponderantes na gênese da VFP (i.e., Bautista-Aranda et al., 2025; Calvete et al., 2011; Cano-Lozano et al., 2024; Cano-Lozano et al., 2021). A exposição constante a um ambiente familiar abusivo e violento pareceu aumentar a probabilidade de perpetração de VFP, mas também da internalização de modelos agressivos enquanto estratégias de resolução de conflitos (Izaguirre & Calvete, 2017; Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2023), alinhando-se e corroborando teorias da aprendizagem social e da transmissão intergeracional da violência. Logo, os adolescentes tendem a perpetrar os comportamentos violentos a que foram sujeitos anteriormente no seu contexto.

Além das agressões de pais para filhos, um funcionamento familiar disfuncional, onde se ressalta a falta de apoio emocional e a baixa coesão familiar, por exemplo, reforça as circunstâncias para a internalização da violência como resposta a conflitos (Maranon & Ibabe, 2024).

A vitimização familiar associou-se também aos estilos de apego preocupado, evitativo e traumatizado, sugerindo que a qualidade das relações afetivas familiares é um mediador significativo na manifestação de comportamentos violentos contra os outros (Navas-Martínez et al., 2023). Contudo, a VFP poderá não ser somente resultado de relacionamentos familiares disfuncionais, mas também de outras expressões comportamentais de uma criança com uma possível condição clínica de perturbação do comportamento (Kennedy et al., 2010), como se poderá perceber mais adiante.

Observou-se que, tanto a predominância de violência física, como de violência psicológica perpetrada pelos pais foi crucial para gerar um fraco desenvolvimento emocional (Cano-Lozano et al., 2021; Gámez-Guadix & Calvete, 2012). Globalmente, as raparigas agressoras de VFP foram expostas a maiores níveis de polivitimização (Armstrong et al., 2018; Bautista-Aranda et al., 2025; Loinaz et al., 2020), podendo sugerir que ser rapariga é um fator de risco para ser vítima de violência familiar.

O direcionamento da VFP verificou-se com maior incidência contra o pai, estando associada à anterior vitimização paterna (Cano-Lozano et al., 2024).

A vitimização interpessoal, nomeadamente por bullying, também foi citada como um fator de moderada relevância, influenciando o comportamento agressivo, a propensão a fugir de casa e a manifestação de comportamentos opostos (Loinaz et al., 2020; Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2023). Contudo a influência dos pares, demonstrou-se, tanto como um fator de risco, como um fator protetor (Naam et al., 2022), revelando que as relações interpessoais apresentam um cariz complexo e de elevada importância na fase da adolescência, devendo-se encorajar, precocemente, a relacionamentos positivos.

Quanto à variável dos traços de personalidade, apesar de Martín et al. (2022) defenderem a existência de um perfil comum a adolescentes e adultos que cometeram VFP, a presente RSL não verificou um perfil linear e conciso, apenas diversos traços e características comuns aos adolescentes que cometeram VFP. Os traços de psicopatia foram os mais observados e marcantes no perfil (Fandiño et al., 2024), incluindo traços de manipulação, insensibilidade, egocentrismo, maquiavelismo e falta de empatia (Calvete et al., 2011; Cortina & Martín, 2020; Contreras & Cano, 2016; Fandiño et al., 2024; Loinaz et al., 2023). Percebeu-se, efetivamente, a ausência de empatia nestes jovens (Martín et al., 2022), podendo indicar o subdesenvolvimento da regulação emocional e da capacidade de processamento afetivo. Aliado aos traços de psicopatia, foram perceptíveis comportamentos como o desrespeito de regras e de figuras de autoridade (Contreras & Cano, 2016; Ibabe et al., 2014), um autoajuste social

diminuído (Ibabe et al., 2014) e maior taxa de desemprego ou de abandono escolar (Sheed et al., 2023).

A fraca inteligência emocional emergiu, similarmente, como um preditor central da VFP (i.e., Contreras & Cano, 2016; Maranon & Ibabe, 2024). Os jovens que cometeram VFP revelaram significativas dificuldades na identificação, expressão e regulação das emoções, o que compromete a escolha de comportamentos socialmente adequados, como a capacidade de recuperação emocional (Contreras & Cano, 2016; Maranon & Ibabe, 2024) que, conseqüentemente, poderá induzir à escolha de comportamentos violentos.

A agressividade e a impulsividade foram, também, amplamente reconhecidas como preditores da VFP (Cuervo & Palanques, 2022). Em particular, a componente emocional da agressão, ou seja, a raiva, parece ter apresentado uma maior relevância (Zuñeda et al., 2016). Os jovens infratores de VFP apresentaram problemas de controlo emocional da raiva, manifestando-se em elevados valores de justificação da violência (Calvete et al., 2011; Loinaz et al., 2023) e na seleção de comportamentos agressivos em conflitos com os pais (Loinaz et al., 2023). A componente comportamental da exteriorização da raiva, percebeu-se através de fracasso escolar (Carrasco et al., 2018), outros envolvimento com a justiça (Armstrong et al., 2018) e atitudes não conformistas (Suárez-Relinque et al., 2020), o que revela a expansão do comportamento violento além do seio familiar.

Aliado à agressividade esteve a impulsividade (i.e., Calvete et al., 2011; Palanques et al., 2022), nomeadamente, através de impulsividade na resolução de conflitos sociais (Calvete et al., 2011), todavia, nem todos os autores concordaram com este resultado (Loinaz et al., 2020).

No que diz respeito à evidência de um processamento sociocognitivo desadaptativo (Contreras et al., 2020), perceberam-se dificuldades na antecipação das conseqüências dos próprios comportamentos e na seleção de estratégias eficazes para resolução de problemas (Contreras & Cano, 2015), o que reforça a ideia de que a VFP está associada a défices cognitivos e emocionais que comprometem a adaptação social e a autorregulação. Por outro lado, a baixa autoestima esteve relacionada com uma maior frequência de agressões (Calvete et al., 2011; Nam et al., 2022), levando a crer que o fortalecimento do autoconceito poderá ser um alvo importante para o delineamento de futuras intervenções. A diminuição do autoconceito familiar e social, particularmente entre as raparigas, esteve relacionado ao aumento da violência, indicando que o contexto relacional e o suporte social são elementos cruciais na prevenção da VFP (Martínez-Ferrer et al., 2020).

A psicopatologia apresentou-se como o fator de risco mais preponderante, segundo Carrasco et al. (2018). Nos jovens infratores de VFP, a presença de problemas de saúde mental, problemas comportamentais e emocionais, diagnósticos clínicos e tratamentos psicológicos/psiquiátricos anteriores foram mais frequentes (i.e., Ibabe et al., 2014; Fandiño et al., 2021; Sheed et al., 2023). A presença de sintomas e sinais característicos de quadros clínicos de perturbações do humor, de ansiedade, de perturbações do neurodesenvolvimento, de sintomas psicóticos e de perturbações do comportamento, evidenciam a complexidade do perfil e das circunstâncias destes jovens.

As raparigas revelaram mais problemas de saúde mental (Armstrong et al., 2018) e elevados níveis de sofrimento psicológico (Martínez-Ferrer et al., 2020; Suárez-Relinque et al., 2020), enquanto os rapazes mais atitudes não conformistas (Suárez-Relinque et al., 2020). Estes dados podem sugerir que ser rapariga é, novamente, um fator de risco, pois para além destas serem mais expostas a polivitimização ao longo do desenvolvimento, como já se verificou, também apresentaram mais problemas psicológicos do que os rapazes.

O consumo de substâncias, foi das condições mais frequentemente identificadas como fator de risco e preditivo de VFP (Ibabe et al., 2014), podendo exacerbar a impulsividade, a agressividade e contribuir para a perpetuação da violência (i.e., Armstrong et al., 2018; Calvete et al., 2011; Contreras & Cano, 2015). Percebeu-se que os adolescentes podem estar, ou não, sob o efeito de substâncias aquando das agressões aos pais (Contreras & Cano, 2015), o que corrobora o efeito e influência destas no comportamento dos jovens. Além do mais, percebeu-se que a anterior vitimização aumenta a probabilidade de uso de substâncias (Armstrong et al., 2018), levando a refletir sobre a motivação dos adolescentes para o uso de substâncias.

As perturbações da personalidade foram também preditivas, nomeadamente, a perturbação antissocial da personalidade (i.e., Cuervo & Palanques, 2022; Ibabe, 2014), corroborando os significativos traços de personalidade psicopática defendidos anteriormente. Estes jovens revelaram um maior desvio psicopático, caracterizado por falta de confiança nos outros, egocentrismo, incapacidade de aprender com a experiência, problemas com familiares ou com as autoridades, raiva nas relações e sob situações de stress (Fandiño et al., 2021). Estas características refletem um comportamento disfuncional e desregulação emocional (Espuig et al., 2025), que influenciam a escolha de comportamentos agressivos. Exemplificando e relacionando com a informação já exposta, a vitimização precoce pode influenciar o aumento da falta de confiança nos outros o que, conseqüentemente, induz uma visão hostil e desconfiada do ambiente e a maior probabilidade de conflitos.

Outra perturbação da personalidade evidenciada foi a perturbação borderline da

personalidade (Ibabe & Jaureguizar, 2010), onde os indivíduos, entre outras características, demonstram oscilações entre valorização e desvalorização dos outros, dificuldades no controlo dos impulsos, instabilidade afetiva e raiva. A perturbação esquizoide da personalidade (Ibabe & Jaureguizar, 2010), também foi defendida, sendo que os indivíduos com esta condição tendem a não apreciar nem a confiar nas relações interpessoais e apresentam dificuldades na expressão emocional.

Os sintomas depressivos também prevaleceram enquanto preditor de VFP (Fandiño et al., 2021; Fongaro et al., 2023; Ibabe et al., 2014), sendo que os jovens com estes sintomas tiveram maior probabilidade de agredir os pais (Suárez-Relinque et al., 2020). Adicionalmente, sintomatologia e perturbações relacionadas à ansiedade também se associaram à VFP (Fandiño et al., 2024), tal como a perturbação de ansiedade generalizada.

Relacionado aos problemas comportamentais, certos autores identificaram a PHDA (i.e., Contreras & Cano, 2015; Fongaro et al., 2023; Sasaki et al. 2021), corroborando os traços de impulsividade já referidos.

Por outro lado, a VFP caracteriza-se essencialmente, pela presença de comportamentos delinquentes, que se podem associar a quadros clínicos de perturbação do comportamento disruptivo (Ibabe & Jaureguizar, 2010), amplamente verificados em muitos estudos.

Numa minoria pouco concisa, mas também identificada, estiveram presentes os sintomas psicóticos, especificamente, a ideação paranoide (Fandiño et al., 2024; Rosado et al., 2017), mas também as perturbações relacionadas com o stress pós-traumático (Padilla-Falcón & Moreno-Manso, 2019), os sintomas obsessivos-compulsivos (Fandiño et al., 2024; Fongaro et al., 2023) e a ideação suicida (Martínez-Ferrer et al., 2020).

Os estudos analisados apresentaram importantes limitações. A limitação mais mencionada pelos autores foi a pequena dimensão e a fraca representatividade das amostras, uma vez que, em grande parte dos estudos, as amostras foram constituídas por adolescentes de nacionalidade espanhola ou de regiões de Espanha o que dificulta a generalização dos resultados obtidos. Outra limitação apontada foi a aplicação de, somente, medidas de autorrelato aos jovens, o que poderá ter aumentado a desejabilidade social, influenciando as respostas dadas por estes. Ainda relacionado à recolha dos dados, foi mencionada a recolha de informações a partir de relatos dos pais e da análise de documentos de serviços públicos, sem incluir o relato dos jovens. No que concerne, especificamente, à análise dos traços de personalidade e da psicopatologia dos jovens, apontou-se a avaliação realizada sem um diagnóstico formal, sendo os resultados apenas especulações. Anota-se ainda a parca quantidade de estudos focados apenas nos traços de personalidade, sendo necessário um maior

foco nesta variável de modo a ser possível compreender o funcionamento destes jovens e de delinear intervenções adequadas. Finalmente, verificaram-se também muitos desenhos transversais, que não permitem realizar inferências de causalidade.

5. Conclusão

Esta RSL contribuiu para sistematizar o conhecimento científico existente sobre os preditores da VFP, especificamente, permitiu verificar a associação deste tipo de violência com a vitimização dos jovens ao longo do seu desenvolvimento, dos traços de personalidade e da psicopatologia.

Embora as contribuições da presente RSL, identificaram-se algumas limitações. Seria benéfica a inclusão de mais fontes de informações, uma vez que apenas foram analisados artigos com o texto completo disponível, em português, inglês e espanhol e que incluíssem amostras compostas por adolescentes que tivessem perpetuado comportamentos violentos contra os pais. A inclusão de artigos noutros idiomas e de literatura cinzenta poderia acrescentar mais informações pertinentes ao presente estudo. Além do mais, a VFP é um tema, que apesar de apresentar um crescente interesse, mantém-se, globalmente, negligenciado, o que leva a uma menor quantidade de publicação de investigações.

Os estudos analisados revelaram uma clara associação entre a agressão física, psicológica e/ou económica dos filhos contra os pais e a vitimização ao longo do desenvolvimento por eles experienciada. Experienciar qualquer tipo de vitimização e um funcionamento familiar disfuncional, ao longo da infância, aumentaram a internalização de modelos agressivos de comportamento e de resposta a conflitos, da justificação da violência e, consequentemente, da probabilidade de comportamentos violentos direcionados aos pais na adolescência. Ademais, verificou-se que a violência direta ou vicária de um dos pais contra os filhos, relacionou-se a futura VFP do filho contra esse mesmo pai, indicando a aprendizagem social de comportamentos agressivos e a presença de sentimentos de revolta, raiva e vingança para com este pai.

Decorrente da exposição a vitimização na infância, verificou-se um desenvolvimento sociocognitivo afetado, manifesto através de défices cognitivos, fraca adaptação social e justificação da violência. Percebeu-se também desequilíbrio emocional com tendência a elevados níveis de raiva, uma fraca capacidade da regulação emocional, fraco processamento afetivo e maior impulsividade, o que compromete a escolha de comportamentos socialmente adequados, levando a dificuldades na antecipação das consequências e à seleção de estratégias ineficazes para a resolução de problemas.

Quanto aos traços de personalidade, aqueles que mais se relacionaram com a VFP enquanto preditores foram os traços de psicopatia, como o maquiavelismo, manipulação, ausência de remorso e, essencialmente, a ausência de empatia. A ausência da empatia poderá indicar o subdesenvolvimento da regulação emocional e da capacidade de processamento afetivo, já mencionados.

Estas características decorrentes, não apenas da vitimização, mas também da influência de outros contextos, como um grupo de pares com comportamentos de risco, revelam-se potenciadores para o desenvolvimento de quadros clínicos mais complexos. A nível da psicopatologia, os estudos permitiram verificar a associação da VFP com maior presença de problemas de saúde mental, diagnósticos clínicos e tratamentos psicológicos/psiquiátricos. O consumo de substância foi o comportamento de risco, que se pode manifestar como perturbação, mais observado entre estes jovens. O consumo de álcool e drogas pode exacerbar a impulsividade, a agressividade e contribuir para a perpetuação da violência. Já o diagnóstico clínico mais observado e associado à VFP foi a perturbação antissocial da personalidade, enquadrada nas perturbações da personalidade, o que corrobora a prevalência de traços de psicopatia. Verificou-se também a presença de sintomatologia ansiosa, depressiva, stress e característica de PHDA, o que vai de acordo com um maior consumo de substâncias, ideação suicida, alexitimia, ideação paranoide e impulsividade.

Relativamente, ao sexo, percebeu-se que ser rapariga apresenta-se como um fator de risco, uma vez que estas registaram mais vitimização familiar, menor desenvolvimento emocional e maior taxa de psicopatologia, comparativamente com os rapazes.

Em suma, os resultados indicaram que a VFP é um fenómeno multifatorial, tendo como preditores, essencialmente, a exposição dos infratores de VFP a vitimização familiar ao longo do seu desenvolvimento, o que parece influenciar diretamente o desenvolvimento de traços de personalidade desadaptativos e, conseqüentemente, de quadros clínicos psicopatológicos complexos. Verificou-se, portanto, que a vitimização familiar, os traços de personalidade e a psicopatologia dos jovens são fatores preditores da VFP.

Concluindo, a integração destes resultados em modelos explicativos e a sua divulgação é essencial para o desenvolvimento de estratégias preventivas e interventivas eficazes e focadas nas particularidades destes jovens. Em Portugal, destaca-se a grande importância do desenvolvimento da investigação teórica e prática sobre esta problemática de forma a criar intervenções multidisciplinares que colmatem as necessidades identificadas, nomeadamente, com foco nas dinâmicas familiares e estilos parentais e educativos, no desenvolvimento de

competências socioemocionais, no fortalecimento do ajuste e reintegração social e que ofereçam um suporte clínico adequado às características destes agressores.

Para além do trabalho direto com os adolescentes, destaca-se a importância de oferecer apoio aos pais e a outros familiares envolvidos, uma vez que uma intervenção sistémica, poderá promover e manter mudanças comportamentais dos jovens.

Para finalizar, futuras pesquisas deveriam priorizar o desenvolvimento de estudos longitudinais que permitam compreender as trajetórias de desenvolvimento da VFP, bem como integrar métodos qualitativos para aprofundar a compreensão das experiências subjetivas dos jovens envolvidos e criar, testar e avaliar a eficácia de intervenções.

6. Referências bibliográficas

- Achenbach, T. M., Dumenci, L. & Rescorla, L. A. (2000). Ratings of relations between DSM-IV diagnostic categories and items of the CBCL/6-18, TRF, and YSR. *Burlington VT: University of Vermont*.
- Alexandre, J., & Rodrigues, I. C. (2016). Julho 2016 Número 1.
- American Psychiatric Association. (2014). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais, DSM-5* (5 ed.).
- Andreu, J.M.; Peña, M.E. Propiedades Psicométricas de La Escala de Conducta Antisocial y Delictiva En Adolescentes. *Anales de Psicología*. 2013, 29, 516–522.
- Arias Rivera, S. J., & Hidalgo García, M. V. (2020). Fundamentos teóricos y factores explicativos de la Violencia filio-parental. Un estudio de Alcance. *Anales de Psicología*, 36(2), 220–231. <https://doi.org/10.6018/analesps.338881>.
- Arias-Rivera, S., Lorence, B., & Hidalgo, V. (2021). Parenting Skills, Family Functioning and Social Support in Situations of Child-to-Parent Violence: a Scoping Review of the Literature. *Journal of Family Violence*, 1147–1160. <https://doi.org/10.1007/s10896-021-00316-y>.
- Armsden, G., & Greenberg, M. (1987). The Inventory of parent and peer attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 427-454. <https://doi.org/10.1007/BF02202939>.
- Armstrong, G. S., Cain, C. M., Wylie, L. E., Muftić, L. R., & Bouffard, L. A. (2018). Risk factor profile of youth incarcerated for child to parent violence: A nationally representative sample. *Journal of Criminal Justice*, 58(June), 1–9. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2018.06.002>.
- Arnosó, A., Ibabe, I., Elgorriaga, E., & Asla, N. (2021). Evaluación de la Eficacia a Corto y Medio Plazo del Programa de Intervención Precoz en Situaciones de Violencia Filioparental. *Anuario de Psicología Jurídica*, 31(1), 109–117. <https://doi.org/10.5093/apj2021a11>.
- Aroca-Montolío, C., Lorenzo-Moledo, M., & Miró-Pérez, C. (2014). La violencia filio-parental: Un análisis de sus claves. *Anales de Psicología*, 30(1), 157–170. <https://doi.org/10.6018/analesps.30.1.149521>.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, APAV (1979). *Porque Precisamos Que Apoio Está Disponível?*
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, APAV (2017). *Folha Informativa, Violência Filio-parental*.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, APAV (2018). *Estatísticas APAV, Crimes de Violência Doméstica, Violência filio-parental 2013-2018*.
- Bagby, R. M., Parker, J. D., & Taylor, G. J. (1994). The twenty item Toronto Alexithymia Scale I. Item selection and cross validation of the factor structure. *Journal of Psychosomatic Research*, 38(1), 23–32. [https://doi.org/10.1016/0022-3999\(94\)900051](https://doi.org/10.1016/0022-3999(94)900051).
- Barnes, H.L., & Olson, D.H. (1982). Parent-adolescent communication scale. En Olson, D.H., McCubbin, H.L., Barnes, H.L., Larsen A.S., Muxen, M.J. y Wilson M.C., (Eds.), *Family inventories: Inventories used in a national survey of families across the family life cycle* (pp. 51-63). St. Paul, MN: University of Minnesota.

- Barnow, S., Lucht, M. & Freyberger, H. J. (2005). Correlates of aggressive and delinquent conduct problems in adolescence. *Aggressive Behavior*, 31, 24-39.
- Bautista-Aranda, N., Contreras, L., & Cano-Lozano, M. C. (2023). Exposure to Violence during Childhood and Child-to-Parent Violence: The Mediating Role of Moral Disengagement. *Healthcare* (Switzerland), 11(10). <https://doi.org/10.3390/healthcare11101402>.
- Beckmann, L., Bergmann, M. C., Fischer, F., & Möble, T. (2021). Risk and Protective Factors of Child-to-Parent Violence: A Comparison Between Physical and Verbal Aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(3-4), NP1309-1334NP. <https://doi.org/10.1177/0886260517746129>.
- Bernstein, D. P., Stein, J. A., Newcomb, M. D., Walker, E., Pogge, D., Ahluvalia, T., Stokes, J., Handelsman, L., Medrano, M., & Desmond, D. (2003). Development and validation of a brief screening version of the Childhood Trauma Questionnaire. *Child abuse & neglect*, 27(2), 169-190. [https://doi.org/10.1016/s0145-2134\(02\)00541-0](https://doi.org/10.1016/s0145-2134(02)00541-0).
- Birleson P. The validity of depressive disorder in childhood and the development of a self-rating scale: a research report. *Journal Child Psychology Psychiatry* 1981;22:73-88.
- Björkqvist, K., & Österman, K. (2014). Does childhood physical punishment predispose to a “victim personality”. *Pediatrics & Therapeutics*, 4(1). <https://doi.org/10.4172/2161-0665.1000190>.
- Borges, A., Prieto, P., Ricchetti, G., Hernández-Jorge, C., & Rodríguez-Naveiras, E. (2008). *Psicothema*, 20(4), 924-927.
- Brighi, A., Ortega, R., Pyzalski, J., Scheithauer, H., Smith, P. K., Tsormpatzoudis, C., et al. (2012). European bullying intervention project questionnaire (EBIPQ). *Bologna: University of Bologna*.
- Burgos-Benavides, L., Cano-Lozano, M. C., Ramírez, A., León, S. P., Medina-Maldonado, V., & Rodríguez-Díaz, F. J. (2024). Assessment of Adolescents in Child-to-Parent Violence: Invariance, Prevalence, and Reasons. *Children*, 11(7), 845. <https://doi.org/10.3390/children11070845>
- Burgos-Benavides, L., Cano-Lozano, M. C., Suevos-Rodríguez, I., Bustos-Benítez, P., & Rodríguez-Díaz, F. J. (2025). Mediating Effects of Exposure to Violence in Different Contexts of Child-to-Parent Violence: Validation of the Exposure to Violence Scale. *Children*, 12(4), 409. <https://doi.org/10.3390/children12040409>.
- Burns GL, Desmul C, Walsh JA, et al. A multitrait (ADHD- IN, ADHD-HI, ODD toward adults, academic and social competence) by multisource (mothers and fathers) evaluation of the invariance and convergent/discriminant validity of the child and adolescent disruptive behavior inventory with Thai adolescents. *Psychology Assessment* 2009;21:635-41.
- Buss, A.H., & Perry, M.P. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 452-459.
- Butcher, J.N.; Williams, C.L.; Graham, J.R.; Archer, R.P.; Tellegen, A.; Ben- Porath, Y.S.; Kaemmer, B. *MMPI-A: Manual*; TEA: Madrid, Spain, 2003.
- Butler, A. C., Beck, A. T., & Cohen, L. H. (2007). The Personality Belief Questionnaire-Short Form: Development and preliminary findings. *Cognitive Therapy and Research*, 31(3), 357-370. <https://doi.org/10.1007/s10608-006-9041-x>.
- Calvete E, & Orue I. Frecuencia y razones para las agresiones contra padres y madres. *Psicologia Conductual*. (2016) 24:481-95.
- Calvete, E. & Estévez, A. (2009). Consumo de drogas en adolescentes: El papel del estrés, la impulsividad y los esquemas relacionados con la falta de límites. *Adicciones*, 21, 49-56.

- Calvete, E. (2023). Are All Child-to-Parent Violence Profiles Associated with Exposure to Family Violence? Findings from a Sample of Spanish Adolescents. *Healthcare (Switzerland)*, 11(12). <https://doi.org/10.3390/healthcare11121710>.
- Calvete, E., & Orue, I. (2013). Cognitive mechanisms of the transmission of violence: Exploring gender differences among adolescents exposed to family violence. *Journal of Family Violence*, 28, 73-84.
- Calvete, E., Gámez-Guadix, M., & García-Salvador, S. (2015). Social information processing in child-to-parent aggression: Bidirectional associations in a 1 year prospective study. *Journal of Child and Family Studies*, 24, 2204–2216. <https://doi.org/10.1007/s10826-014-0023-4>.
- Calvete, E., Gámez-Guadix, M., & Orue, I. (2014). Family characteristics associated with child-to-parent violence in adolescents. *Anales de Psicología*. 30, 1176–1182. doi: 10.6018/ analesps.30.3.166291.
- Calvete, E., Gámez-Guadix, M., Orue, I., González-Diez, Z., de Arroyabe, E. L., Sampedro, R., Pereira, R., Zubizarreta, A., & Borrajo, E. (2013). The adolescent child-to-parent aggression questionnaire: An examination of aggressions against parents in Spanish adolescents. *Journal of Adolescence*, 36, 1077–1081. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2013.08.017>.
- Calvete, E., Jiménez-Granado, A., & Orue, I. (2022). The revised Child- to-Parent Aggressions Questionnaire: An examination during the Covid-19 pandemic. *Journal of Family Violence*. <https://doi.org/10.1007/s10896-022-00465-8>.
- Calvete, E., Orue, I., & Gámez-Guadix, M. (2013). Child-to-Parent Violence: Emotional and Behavioral Predictors. *Journal of Interpersonal Violence*, 28(4), 755–772. <https://doi.org/10.1177/0886260512455869>.
- Calvete, E., Orue, I., & Sampedro, R. (2011). Violencia filio-parental en la adolescencia: Características ambientales y personales. *Infancia Y Aprendizaje*, 34(3), 349–363.
- Calvete, E., Orue, I., Fernández-González, L., Chang, R., & Little, T. D. (2020). Longitudinal Trajectories of Child-to-Parent Violence through Adolescence. *Journal of Family Violence*, 35(2), 107–116. <https://doi.org/10.1007/s10896-019-00106-7>.
- Calvete, E., Gámez-Guadix, M., & Orue, I. Características familiares asociadas a las agresiones ejercidas por adolescentes contra sus progenitores. *Anales de Psicología*. 2014, 30, 1176–1182.
- Cano-Lozano, M. C., León, S. P., & Contreras, L. (2021). Child-to- parent violence: Examining the frequency and reasons in Spanish youth. *Family Relations*, 70(4), 1132–1149. <https://doi.org/10.1111/fare.12567>.
- Cano-Lozano, M. C., Navas-Martínez, M. J., & Contreras, L. (2024). Lagged and simultaneous effects of exposure to violence at home on child-to-parent violence: gender differences. *Frontiers in Psychiatry*, 1–11. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2024.1441871>.
- Cano-Lozano, M.C., León, S.P., & Contreras, L. Child-to-Parent Violence: Examining the Frequency and Reasons in Spanish Youth. *Fam. Relat.* 2021, 70, 1132–1149.
- Cardeñoso, O., & Calvete, E. (2004). Desarrollo del Inventario de Creencias Irracionales para Adolescentes. *Behavioral Psychology*, 12, 289–304.
- Carmen Cano-Lozano, M., Navas-Martínez, M. J., & Contreras, L. (2021). Child-to-parent violence during confinement due to covid-19: Relationship with other forms of family violence and psychosocial stressors in spanish youth. *Sustainability (Switzerland)*, 13(20). <https://doi.org/10.3390/su132011431>.
- Carrasco, N., García, J., & Zaldívar, F. (2018). Differences associated with child to parent violence depending on the type of family (“normalized” vs. “at risk”) and kinship of the victim. *Revista de Psicología Clínica Con Niños y Adolescentes*, 5(3), 30–35. <https://doi.org/10.21134/RPCNA.2018.05.3.4>.

- Carroll, A., Houghton, S., Hattie, J., & Durkin, K. (1999). Adolescent reputation enhancement: differentiating delinquent, nondelinquent, and at risk youths. *Journal Child Psychology Psychiatry* 40, 593–606. doi: 10.1111/1469-7610.00476.
- Connor, K.M., Davidson, J.R.T. Development of a new resilience scale: The Connor Davidson Resilience Scale (CD-RISC). *Depression Anxiety* 2003, 18, 76–82.
- Contreras L, Bustos-Navarrete C, & Cano-Lozano MC. Child-to-parent Violence Questionnaire (CPV-Q): Validation among Spanish adolescents. *Clinic Health Psychology*. (2019) 19:67–74. doi: 10.1016/j.ijchp.2018.09.001.
- Contreras, L., & Cano, M. C. (2015). Exploring psychological features in adolescents who assault their parents: a different profile of young offenders? *Journal of Forensic Psychiatry and Psychology*, 26(2), 224–241. <https://doi.org/10.1080/14789949.2015.1004634>.
- Contreras, L., & Cano, M. C. (2016). Social Competence and Child-to-Parent Violence: Analyzing the Role of the Emotional Intelligence, Social Attitudes, and Personal Values. *Deviant Behavior*, 37(2), 115–125. <https://doi.org/10.1080/01639625.2014.983024>.
- Contreras, L., Bustos-Navarrete, C., & Cano-Lozano, M. C. (2019). Child-to-parent violence questionnaire (CPV-Q): Validation among Spanish adolescents. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 19,69–74. <https://doi.org/10.1016/j.ijchp.2018.09.001>.
- Contreras, L., Bustos-Navarrete, C., & Cano-Lozano, M. C. (2019). Child-to-parent violence questionnaire (CPV-Q): validation among Spanish adolescents. *International Journal Clinic Health Psychology*. 19, 67–74. doi: 10.1016/j.ijchp.2018.09.001.
- Contreras, L., León, S. P., & Cano-Lozano, M. C. (2020). Socio-cognitive variables involved in the relationship between violence exposure at home and child-to-parent violence. *Journal of Adolescence*, 19–28. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2020.01.017>.
- Contreras, L., Bustos-Navarrete, C., & Cano-Lozano, M.C. Child-to-Parent Violence Questionnaire (CPV-Q): Validation among Spanish adolescents. *International Journal Clinic Health Psychology*. 2019, 19, 67–74.
- Contreras-Sáez et al (2022). Violencia filio-parental, una revisión sistemática de la literatura. *Revista Aletheia*, 17(2), 13–36. <http://dx.doi.org/10.11600/21450366.8.1aletheia.80.99>.
- Cortina, H., & Martín, A. M. (2020). La especificidad conductual de la violencia filio-parental. *Anales de Psicología*, 36(3), 386–399. <https://doi.org/10.6018/analesps.411301>.
- Cottrell, B., & Monk, P. (2004). Adolescent-to-parent abuse: A qualitative overview of common themes. *Journal of Family Issues*, 25(8), 1072–1095. <https://doi.org/10.1177/0192513X03261330>.
- Crowne, D., & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, 24, 349. <https://doi.org/10.1037/h0047358>.
- Cuervo, K. (2023). A Deeper Understanding of Child to Parent Violence (CPV): Personal Traits, Family Context, and Parenting. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 67(10–11), 1079–1105. <https://doi.org/10.1177/0306624X211065588>.
- Cuervo, K. (2025). Risk Factor Profile in Child-to-Parent Violence: A Gender Analysis. *Criminal Justice and Behavior*, 628–645. <https://doi.org/10.1177/00938548241304767>.
- Cuervo, K., & Palanques, N. (2022). Risk and Protective Factors in Child-to-Parent Violence: A Study of the YLS/CMI in a Spanish Juvenile Court. *Journal of Child and Family Studies*, 31(6), 1707–1723. <https://doi.org/10.1007/s10826-022-02295-0>.

- D’Zurilla, T., Nezu, A., & Maydeu-Olivares, T. *Social Problem-Solving Inventory Revised (SPSI-R)*: Manual, 1st ed.; Multi-Health Systems: North Tonawanda, NY, USA, 1999.
- Davis, M.H. A multidimensional approach to individual differences in empathy. *JSAS Catalog Selec. Doc. Psych.* 1980, 10, 1–17.
- Del Hoyo-Bilbao, J., Orue, I., & Calvete, E. (2022). Interaction of Psychopathic Traits Dimensions in the Prediction of Psychological and Physical Child-to-Parent Violence in Adolescents. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 44(1), 235–244. <https://doi.org/10.1007/s10862-021-09940-w>.
- Derogatis, L. R. (2001). *Brief Symptom Inventory (BSI)-18. Administration, scoring and procedures manual*. Minneapolis: NCS Pearson, Inc.
- Derogatis, L.R. (2001). *Cuestionario de 90 síntomas (SCI-90-R)*. Madrid: TEA Ediciones.
- Duke, M. P., Lazarus, A., & Fivush, R. (2008). Knowledge of family history as a clinically useful index of psychological well-being and prognosis: A brief report. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, 45(2), 268–272. <https://doi.org/10.1037/0033-3204.45.2.268>.
- DuPaul GJ, Power TJ, & Anastopoulos AD. *ADHD rating Scale- IV: checklists, norms, and clinical interpretation*. New York: The Guilford Press, 1998.
- Espuig, A., Lacomba-Trejo, L., & González-Sala, F. (2025). Child-to-Parent Violence Among Adolescents: A Preliminary Analysis of Its Association with Sociodemographic Variables, Dating Violence, and Antisocial Traits. *Children*, 12(2), 1–17. <https://doi.org/10.3390/children12020243>.
- Fandiño, R., Basanta, J., Fariña, F., & Arce, R. (2024). Prevalence of Dangerousness to the Public, Criminogenic Risk Factors and Psychopathic Traits in Child-to-Parent Offenders and Contrast with Non-Child-to-Parent Offenders. *Healthcare (Switzerland)*, 12(6). <https://doi.org/10.3390/healthcare12060622>.
- Fandiño, R., Basanta, J., Sanmarco, J., Arce, R., & Fariña, F. (2021). Evaluation of the Executive Functioning and Psychological Adjustment of Child-to-Parent Offenders: Epidemiology and Quantification of Harm. *Frontiers in Psychology*, 12(April), 1–9. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.616855>.
- Fernández-Berrocal, P., Natalio, E., & Ramos, N. 2004. “Validity and Reliability of the Spanish Modified version of the Trait Meta-Mood Scale.” *Psychological Reports* 94:751–755.
- Fernández-Fuertes, A.A., Fuertes, A., & Pulido, R.F. Evaluación de La Violencia En Las Relaciones de Pareja de Los Adolescentes. Validación Del Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI)-Versión Española. *Internacional Journal Clinic Health Psychology*. 2006, 6, 339–358.
- Fongaro, E., Picot, M. C., Aouinti, S., Pupier, F., Purper-Ouakil, D., & Franc, N. (2023). Children and Adolescents with Severe Tyrannical Behaviour: Profile of Youth and Their Parents. *Child Psychiatry and Human Development*, 0123456789. <https://doi.org/10.1007/s10578-023-01592-z>.
- Forman, E. M., & Davies, P. T. (2005). Assessing children’s appraisals of security in the family system: The development of the Security in the Family System (SIFS) scales. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 46, 900–916. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2004.00385.x>.
- Forth, A.E., Kosson, D.S., & Hare, R.D. *The Psychopathy Checklist: Youth Version; Multi-Health Systems*: Toronto, ON, Canada, 2003.
- Frick, P. (2003). *The Inventory of Callous-Unemotional Traits*.
- Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2012). Violencia filio-parental y su asociación con la exposición a la violencia marital y la agresión de padres a hijos. *Psicothema*, 24(2), 277–283.

- Gámez-Guadix, M., Straus, M.A., Carrobbles, A., & Muñoz-Rivas, M.J. Corporal Punishment and Long-Term Behavior Problems: The Moderating Role of Positive Parenting and Psychological Aggression. *Psicothema* 2010, 22, 529–536.
- García, F., & Musitu, G. (2014). *Autoconcepto Forma-5* (4th ed.). Madrid, Spain: TEA.
- García, F., & Musitu, G. (1999). *AF5: Self-Concept Form 5*. Madrid: TEA Ediciones, S.A.
- García, F., Musitu, G. *Autoconcepto Forma 5*, 4th ed.; Tea: Madrid, Spain, 2014. 84.
- García-Pérez, E. M., & Magaz, A. (2006). *Escala Magallanes de identificación de déficit de atención*. Bilbao: Grupo Albor-Cohs.
- Glick, P., & Fiske, S. (1996). The ambivalent sexism inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 491-512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>.
- Golden, C. J. (2005). *Stroop: Test de colores y palabras*. Madrid: TEA.
- Graham, J. R. (2011). *MMPI-2: Assessing Personality and Psychopathology*. 5th Edn. New York, NY: Oxford University Press.
- Grisso, T., & Barnum, R. (2006). Massachusetts youth screening instrument, version 2 (MAYSI-2): User's manual and technical report, 2006 (Revised Edition). *Sarasota, FL: Professional Resource Press*.
- Grych, J. H., Seid, M., & Fincham, F.D. (1992). Assessing marital conflict from the child's perspective. The children's perception of interparental conflict scale. *University of Illinois Urbana Champaign*, 63(3), 558-572.
- Harbin, H. T., & Madden, D. J. (1979). Battered parents: A new syndrome. *American Journal of Psychiatry*, 136(10), 1228–1291. <https://doi.org/10.1176/ajp.136.10.1288>.
- Harries, T., Curtis, A., Valpied, O., Baldwin, R., Hyder, S., & Miller, P. (2023). Child-to-Parent Violence: Examining Cumulative Associations with Corporal Punishment and Physical Abuse. *Journal of Family Violence*, 38(7), 1317–1324. <https://doi.org/10.1007/s10896-022-00437-y>.
- Hernández, A. El Perfil Psicosocial de los Agresores y de las Víctimas de la Violencia Filioparental. *Ph.D. Thesis, Universidad de La Laguna, La Laguna, Spain, 2016*.
- Hernández, P. (2004). *Test Evaluativo Multifactorial de Adaptación Infantil (TAMAI)*. Madrid: TEA Ediciones, SA.
- Hoge, R. D., & Andrews, D. A. (2006). Youth level of service/case management inventory (YLS/ CMI). *Multi-Health Systems*.
- Hong, Q. N., Gonzalez-Reyes, A., & Pluye, P. (2018). Improving the usefulness of a tool for appraising the quality of qualitative, quantitative and mixed methods studies, the Mixed Methods Appraisal Tool (MMAT). *Journal of Evaluation in Clinical Practice*, 24(3), 459–467. <https://doi.org/10.1111/jep.12884>.
- Ibabe, I. (2014). Efectos directos e indirectos de la violencia familiar sobre la violencia filio-parental. *Estudios de Psicología*, 35(1), 137–167. <https://doi.org/10.1080/02109395.2014.893647>.
- Ibabe, I. (2015). Predictores familiares de la violencia filio-parental: El papel de la disciplina familiar. *Anales de Psicología*, 31(2), 615–625. <https://doi.org/10.6018/analesps.31.2.174701>.
- Ibabe, I. A Systematic Review of Youth-to-Parent Aggression: Conceptualization, Typologies, and Instruments. *Frontiers in Psychology*. 2020, 11, 577757.
- Ibabe, I., & Jaureguizar, J. (2010). Child-to-parent violence: Profile of abusive adolescents and their families. *Journal of Criminal Justice*, 38(4), 616–624. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2010.04.034>.
- Ibabe, I., Arnoso, A., & Elgorriaga, E. (2014). The Clinical Profile of Adolescent Offenders of Child-to-Parent Violence. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 131, 377–381. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.04.133>.

- Ibabe, I., Jaureguizar, J., & Bentler, P.M. (2013). Risk Factors for Child-to-Parent Violence. *Journal of Family Violence*, 28, 523-534.
- Izaguirre, A., & Calvete, E. (2017). Exposure to Family Violence as a Predictor of Dating Violence and Child-to-Parent Aggression in Spanish Adolescents. *Youth and Society*, 49(3), 393–412. <https://doi.org/10.1177/0044118X16632138>.
- Jaureguizar, J. & Ibabe, I. (2012). Conductas violentas de los adolescentes hacia las figuras de autoridad: el papel mediador de las conductas antisociales. *Revista de Psicología Social*, 27, 7-24. doi: 10.1174/021347412798844088.
- Jesson, J., Matheson, L. & Lacey, F. (2011) *Doing Your Literature Review: Traditional and Systematic Techniques*. Sage, London.
- Jiménez-Granado, A., Hoyo-Bilbao, J. del, & Fernández-González, L. (2023). Interaction of Parental Discipline Strategies and Adolescents' Personality Traits in the Prediction of Child-to-Parent Violence. *European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 15(1), 43–52. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2023a5>.
- Junco-Guerrero, M., Ruiz-Fernández, A., & Cantón-Cortés, D. (2022). Family Environment and Child-To-Parent Violence: The Role of Emotional Insecurity. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(15–16), NP13581–NP13602. <https://doi.org/10.1177/08862605211006370>.
- Kennedy, T. D., Edmonds, W. A., Dann, K. T. J., & Burnett, K. F. (2010). The clinical and adaptive features of young offenders with histories of child-parent violence. *Journal of Family Violence*, 25(5), 509–520. <https://doi.org/10.1007/s10896-010-9312-x>.
- Kessler, R., & Mroczek, D. (1994). Final Versions of Our Non-Specific Psychological Distress Scale. *Ann Arbor: Survey Research Center for Social Research, University of Michigan*.
- Kessler, R., & Mroczek, D. (1994). Final versions of our Non-Specific Psychological Distress Scale. *Ann Arbor(MI): Survey Research Center of the Institute for Social Research, University of Michigan*, 1994.
- Lambert, M. J., Gregersen, A. T., & Burlingame, G. M. (2004). *The outcome questionnaire-45*. In M. E. Maruish & M. E. Maruish (Eds.), *The use of psychological testing for treatment planning and outcomes assessment: Volume 3: Instruments for adults* (3rd ed., pp. 191–234). Lawrence Erlbaum Associates Publishers. <https://doi.org/10.4324/9781410610614>.
- Lingwooda, J., & Bullb, R. (2013). The European Journal of Psychology Applied to Legal Context. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 7(1), 39–47. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2022a10>.
- Loinaz, I. & M. de S. A. (2020). Multivariate Models of Child-to-Mother Violence and Child-to-Father Violence among Adolescents. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 12(1), 43–51.
- Loinaz, I., Barboni, L., & Sousa, A. M. de. (2020). Diferencias de sexo en factores de riesgo de violencia filio-parental. *Anales de Psicología*, 36(3), 408–417.
- Loinaz, I., Irureta, M., & San Juan, C. (2023). Child-to-Parent Violence Specialist and Generalist Perpetrators: Risk Profile and Gender Differences. *Healthcare (Switzerland)*, 11(10), 1–11. <https://doi.org/10.3390/healthcare11101458>.
- Maranon, D., & Ibabe, I. (2024). Families in Youth-to-Parent Aggression Situation: Clinical Symptoms, Parenting and Family Functioning. *Victims and Offenders*, 19(4), 573–594. <https://doi.org/10.1080/15564886.2022.2124337>.
- Martín, A. M., De la Fuente, L., Hernández, A., Zaldívar, F., Ortega-Campos, E., & García-García, J. (2022). Psychosocial Profile of Juvenile and Adult Offenders Who Acknowledge Having Committed Child-to-Parent Violence. *International Journal of*

- Environmental Research and Public Health*, 19(1).
<https://doi.org/10.3390/ijerph19010601>.
- Martínez-Ferrer, B., Moreno, D., & Musitu, G. (2018b). Are adolescents engaged in the problematic use of social networking sites more involved in peer aggression and victimization. *Frontiers in Psychology*, 9:801. doi: 10.3389/fpsyg.2018.00801.
- Martínez-Ferrer, B., Romero-Abrio, A., León-Moreno, C., Villarreal-González, M. E., & Musitu-Ferrer, D. (2020). Suicidal Ideation, Psychological Distress and Child-To-Parent Violence: A Gender Analysis. *Frontiers in Psychology*, 11(December), 1–10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.575388>.
- Millon, T. (1993). *Manual of Millon Adolescent Clinical Inventory*. Minneapolis: National Computer Systems.
- Millon, T. (2004). *MACI. Inventario Clínico para Adolescente*. Madrid: TEA Ediciones.
- Moos, R. & Moos, B. (1981). *Family Environment Scale. Manual*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologist Press.
- Moraleda, M., González, A., & García-Gallo, J. (1998). *A ECS. Actitudes y Estrategias Cognitivas Sociales*. Madrid: TEA Ediciones.
- Morey, L. C. (2007). *Personality Assessment Inventory-Adolescent: Professional manual. Psychological Assessment Resources*.
- Ouzzani, M., Hammady, H., Fedorowicz, Z., & Elmagarmid, A. Rayyan — a web and mobile app for systematic reviews. *Systematic Reviews* (2016) 5:210, doi: 10.1186/s13643-016-0384-4.
- Mouren-Siméoni, Cook, S., Flament, S., Nedey-Saiag, M. C., Nollet-Cléménçon, C., Paillère-Martinot, M. L., Purper-Ouakil, D., & Vila, G. (2002). *Kiddie-SADS-Version Vie Entière (K-SADS- P/L)*.
- Nam, B., Kim, J. Y., Bright, C. L., & Jang, D. (2022). Exposure to Family Violence, Peer Attachment, and Adolescent-to-parent Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(7–8), NP4718–NP4739. <https://doi.org/10.1177/0886260520960109>.
- Navas-Martínez, M. J., & Cano-Lozano, M. C. (2022). Differential Profile of Specialist Aggressor versus Generalist Aggressor in Child-to-Parent Violence. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(9). <https://doi.org/10.3390/ijerph19095720>.
- Navas-Martínez, M. J., & Cano-Lozano, M. C. (2022). Profile of the Victimized Aggressors in Child-to-Parent Violence: Differences According to the Type of Victimization. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 22(2), 100302. <https://doi.org/10.1016/j.ijchp.2022.100302>.
- Navas-Martínez, M. J., & Cano-Lozano, M. C. (2023). Relationship between child-to-parent violence and cumulative childhood adversity: the mediating role of parental attachment, resilience, and emotional intelligence. *Frontiers in Psychology*, 1–11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1135419>.
- Navas-Martínez, M. J., León, S. P., & Cano-Lozano, M. C. (2023). Mediating Effects of Insecure Parental Attachment on the Relationship Between Direct and Vicarious Family Victimization and Child-to-Parent Violence. *Journal of Family Violence*, 0123456789. <https://doi.org/10.1007/s10896-023-00649-w>.
- Nowakowski-Sims, E., & Rowe, A. (2017). The relationship between childhood adversity, attachment, and internalizing behaviors in a diversion program for child-to-mother violence. *Child Abuse and Neglect*, 266–275. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.08.015>.
- Olson, D. H., Bell, R., & Portner, J. (1982). *FACES II*. Minnesota: Family Social Science.
- Olson, D. H., Portner, J., & Bell, R. Q. (1982). *FACES II*. University of Minnesota.

- Ortega-Ruiz, R., Del Rey, R., & Casas, J. A. (2016). Assessing bullying and cyberbullying: Spanish validation of the EBIP-Q and ECIP-Q. *Edu. Psychol.* 22, 71–79. doi: 10.1016/j.pse.2016.01.004.
- Orue, I. & Calvete, E. (2010). Elaboración y validación de un cuestionario para medir la exposición a la violencia en infancia y adolescencia. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 10 (2), 279-292.
- Orue, I., Calvete, E., & Fernández-González, L. (2021). Early Maladaptive Schemas and Social Information Processing in Child-to-Parent Aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(15–16), 6931–6955. <https://doi.org/10.1177/0886260519831395>.
- Orue, I., & Calvete, E. Elaboración y validación de un cuestionario para medir la exposición a la violencia en infancia y adolescencia. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 2010, 10, 279–292.
- Padilla-Falcón, C. M., & Moreno-Manso, J. M. (2019). Violencia filio-parental desde la jurisdicción de menores: Características psicosociales y clínicas. *Behavioral Psychology/ Psicología Conductual*, 27(3), 511–532.
- Page, M. J., Moher, D., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., ... McKenzie, J. E. (2021). PRISMA 2020 explanation and elaboration: Updated guidance and exemplars for reporting systematic reviews. *The BMJ*, 372. <https://doi.org/10.1136/bmj.n160>.
- Palanques, N., Cuervo, K., & Villanueva, L. (2022). Criminological profile of minors who have committed child-to-parent violence. *Psychiatry, Psychology and Law*, 29(5), 765–778. <https://doi.org/10.1080/13218719.2021.1976301>.
- Parker, G., Tupling, H., & Brown, L. B. (1979). A parental bonding instrument. *British Journal of Medical Psychology*, 52(1), 1–10. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8341.1979.tb02487.x>.
- Pereira, R., Loinaz, I., del Hoyo-Bilbao, J., Arrospide, J., Bertino, L., Calvo, A., Montes, Y., & Gutiérrez, M. M. (2017). Proposal for a definition of filio-parental violence: Consensus of the Spanish Society for the Study of Filio-Parental Violence (SEVIFIP). *Papeles del Psicólogo*, 38(3), 216–223.
- Pierrehumbert, B.; Karmaniola, A.; Sieye, A.; Meister, C.; Miljkovitch, R.; Halfon, O. Relationship patterns: Development of an adult attachment self-questionnaire. *Psychiatrie L'Enfant* 1996, 1, 161–206.
- Reynolds, C. R., & Kamphaus, R. W. (2004). *Sistema de Evaluación de la Conducta de Niños y Adolescentes*. Madrid: TEA Ediciones.
- Reynolds, C., & Kamphaus, R. W. (1992). *Behavior assessment system for children- BASC*. Circle Pines: American Guidance Service.
- Rico, E., Rosado, J., & Cantón-Cortés, D. (2017). Impulsiveness and Child-to-Parent Violence: The Role of Aggressor's Sex. *Spanish Journal of Psychology*, 20, 1–11. <https://doi.org/10.1017/sjp.2017.15>.
- Roberts, R. E. (1980). Reliability of the CES-D scale in different ethnic contexts. *Psychiatry research*, 2(2), 125–134. [https://doi.org/10.1016/0165-1781\(80\)90069-4](https://doi.org/10.1016/0165-1781(80)90069-4).
- Rogers, M. M., & Ashworth, C. (2024). Child-to-Parent Violence and Abuse: A Scoping Review. *Trauma, Violence, and Abuse*. <https://doi.org/10.1177/15248380241246033>.
- Ros, María & Héctor M. Grad. 1991. “El Significado del Valor del Trabajo como relacionado a la Experiencia Ocupacional: Una Comparación entre Profesores de EGB y Estudiantes del CAP”. *Revista de Psicología Social* 6(2):181–208.

- Rosado, J., Rico, E., & Cantón-Cortés, D. (2017). Influencia de la psicopatología en la comisión de violencia filio-parental: Diferencias en función del sexo. *Anales de Psicología*, 33(2), 243–251. <https://doi.org/10.6018/analesps.33.2.240061>.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self image*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Rubio-Garay, F, Amor, P, & Carrasco, M (2017). Dimensionality and psychometric properties of the Spanish version of the Mechanisms of Moral Disengagement Scale (MMDS-S). *Revista de Psicopatología y Psicología Clínica*. <https://doi.org/10.5944/rppc.vol.22.num.1.2017.16014>.
- Salekin, R.T., Ziegler, T.A., Larrea, M.A., Anthony, V.L., & Bennett, A.D. Predicting Dangerousness with Two Millon Adolescent Clinical Inventory Psychopathy Scales: The Importance of Egocentric and Callous Traits. 2003, 80, 154–163.
- Salovey, P., Mayer, J. D., Goldman, S. L., Turvey, C., & Palfai, T. P. (1995). *Emotional attention, clarity, and repair: Exploring emotional intelligence using the trait metamood scale*. In J. R. Pennebaker (Ed.), *Emotion, disclosure, & health* (pp. 125–154). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10182-006>.
- Sasaki, Y., Usami, M., Sasaki, S., Sunakawa, H., Toguchi, Y., Tanese, S., Saito, K., Shinohara, R., Kurokouchi, T., Sugimoto, K., Hakoshima, Y., Inazaki, K., Yoshimura, Y., Mizumoto, Y., & Okada, T. (2021). Case-control study on clinical characteristics of child and adolescent psychiatric outpatients with child-to-parent violence. *BMJ Open*, 11(12), e048222. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2020-048222>.
- Sedlak, A. (2003). Survey of youth in residential placement (SYRP). ICPSR34304-v1. Ann Arbor, MI: Inter-university Consortium for Political and Social Research. <https://doi.org/10.3886/ICPSR34304.v1>.
- Sheed, A., McEwan, T., Simmons, M., Spivak, B., & Papalia, N. (2024). Characteristics of Young People who use Family Violence in Adolescence and Young Adulthood: An Age-based Analysis. *Journal of Family Violence*, 39(5), 849–860. <https://doi.org/10.1007/s10896-023-00529-3>.
- Shields, C. G., Franks, P., Harp, J. J., McDaniel, S. H., & Campbell, T. L. (1992). Development of the Family Emotional Involvement and Criticism Scale (FEICS): A self-report scale to measure expressed emotion. *Journal of Marital and Family Therapy*, 18(4), 395–407. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.1992.tb00953.x>.
- Shim, S., Serido, J., & Barber, B. L. (2011). A consumer way of thinking: Linking consumer socialization and consumption motivation perspectives to adolescent development. *Journal of Research on Adolescence*, 21(1), 290–299. <https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2010.00730.x>.
- Shirley Arias-Rivera, V. H. G. (2020). Marco teórico y factores explicativos de la violencia filio-parental. Una revisión del alcance. *Anales de Psicología*, 36(2), 220–231. <https://revistas.um.es/analesps/article/view/338881>.
- Spence SH. A measure of anxiety symptoms among children. *Behav Res Ther* 1998;36:545–66.
- Straus, M. (1979). Measuring intrafamily conflict and violence: The Conflict Tactics (CT) scales. *Journal of Marriage and the Family*, 41(1), 75–88.
- Straus, M. A. & Fauchier, A. (2007). Manual for the Dimensions of Discipline Inventory (DDI). *Durham, NH: Family Research Laboratory, University of New Hampshire*.
- Straus, M. A. & Fauchier, A. (2008). The International Parenting Study. <http://pubpages.unh.edu/~mas2/IPS.htm>.
- Straus, M. A. (2001). *Handbook for the Conflict Tactics Scales (CTS): Including revised versions CTS2 and CTSPC*. University of New Hampshire.

- Straus, M. A., & Douglas, E. M. (2004). A short form of the revised conflict tactics scales, and typologies for severity and mutuality. *Violence and Victims*, 19, 507–520. doi: 10.1891/vivi.19.5.507.63686.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Finkelhor, D., Moore, D. W., & Runyan, D. W. (1998). Identification of child abuse with the PCCTS: Development and psychometric data for a national sample of American parents. *Child Abuse & Neglect*, 22(4), 249–270.
- Straus, M. A., Hamby, S., Boney-McCoy, S. & Sugarman, D. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17, 283-316. Doi: 10.1177/019251396017003001.
- Straus, M. A., Hamby, S.L., Finkelhor, D., Moore, D. W. & Runyan, D. (1998). Identification of child maltreatment with the parent-child conflict tactics scales: Development and psychometric data for a national sample of American parents. *Child Abuse and Neglect*, 22, 249-270. Doi: 10.1016/S0145-2134(97)00174-9.
- Straus, M., & Fauchier, A. (2007). *Manual for the Dimensions of Discipline Inventory (DDI)*. PsycTests. <https://doi.org/10.1037/t37478-000>.
- Suárez-Relinque, C., del Moral Arroyo, G., Jiménez, T. I., Calleja, J. E., & Sánchez, J. C. (2020). Predictive Psychosocial Factors of Child-to-Parent Violence in a Sample of Mexican Adolescents. *Frontiers in Psychology*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.576178>.
- Suárez-Relinque, C., Del Moral, G., León-Moreno, C., & Callejas-Jerónimo, J. E. (2023). Emotional Loneliness, Suicidal Ideation, and Alexithymia in Adolescents Who Commit Child-to-Parent Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 38(3–4), 4007–4033. <https://doi.org/10.1177/08862605221111414>.
- Tachimori H, Takahashi M, & Osada H. Utility as a diagnostic support measure of pervasive developmental disorder of Tokyo autistic behavior scale (TABS). *Japanese Journal Clinic Psychology*. 2000;29:529–36.
- Téllez, A., Almaraz, D. A., Valdez, A., & Juárez, D. M. (2022). Validating the Spanish adverse childhood experiences international questionnaire (ACE-IQ): a Mexican analysis. *J. Aggress. Maltreat. Traum.* 32, 918–934. doi: 10.1080/10926771.2022.2144788.
- Trechera, J., Millán, G., & Fernández, E. (2008). Estudio empírico del trastorno narcisista de la personalidad. *Acta Colombiana de Psicología*, 11, 25-36.
- Van Baardewijk, Y., Andershed, H., Stegge, H., Nilsson, K. W., Scholte, E., & Vermeiren, R. (2010). Development and tests of short versions of the youth psychopathic traits inventory and the youth psychopathic traits inventory-child version. *European Journal of Psychological Assessment*, 26(2), 122–128. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a00001>.
- Vilelas, J. (2022). *Investigação - O Processo de Construção do Conhecimento* (3ª ed.). Edições Sílabo. ISBN: 978-989-561-097-6.
- Violencia, C. (2022). literatura Artículo de Revisión. 14, 13–36.
- Wolfe, D. A., Scott, K., Reitzel-Jaffe, D., Wekerle, C., Grasley, C., & Pittman, A. L. (2001). Development and validation of the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory. *Psychological Assessment*, 13, 277-293.
- Wong, C.-S.; Law, K.S. The effects of leader and follower emotional intelligence on performance and attitude: An exploratory study. *Leadersh. Q.* 2002, 13, 243–274.
- Zimet, G. D, Dahlem, N. W., Zimet, S. G. & Farley, G. K. (1988). The multidimensional scale of perceived social support. *Journal of Personality Assessment*, 52, 30-41.
- Zuñeda, A., Llamazares, A., Marañón, D., & Vázquez, G. (2016). Características individuales y familiares de los adolescentes inmersos en violencia filio-parental: La agresividad física, la cohesión familiar y el conflicto interparental como variables explicativas.

Revista de Psicopatología y Psicología Clínica, 21(1), 21–33.
<https://doi.org/10.5944/rppc.vol.21.num.1.2016.15021>.

Apêndices

Apêndice A. Autores e ano de publicação, objetivo(s), método de recolha de dados, plano de análise, principais resultados, conclusões e limitações

Autor(es) e ano de publicação	Objetivo(s)	Método de recolha de dados	Plano de análise	Principais resultados	Principais conclusões e limitações
Armstrong et al. (2018)	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o perfil de risco de jovens encarcerados por VFP; - Analisar o sexo e etnia e se sofreram de vitimização ou de transmissão intergeracional de violência; - Perceber se os indicadores de VFP variam de acordo com o sexo. 	<p>Dados do <i>Survey of Youth in Residential Placement</i> (SYRP) 2003 (Sedlak, 2003) disponibilizados pelo <i>Inter-University Consortium for Political and Social Research</i> (ICPSR).</p> <p>Características sociodemográficas: questionário construído com sexo (masculino ou feminino); idade; etnia (caucasiano não-hispânico, negro não-hispânico, hispânico, nativo americano/asiático/havaiano</p>	<p>Análise descritiva:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estatísticas univariadas para descrever os perfis de risco dos jovens encarcerados por VFP. <p>Análise inferencial:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Testes T para determinar diferenças médias entre 	<p>Características sociodemográficas: maioria dos jovens, de ambos os sexos, encarcerados por VFP, eram caucasianos (60.1%).</p> <p>Verificaram-se diferenças de sexo significativas para a idade (i.e., os rapazes eram em média 1 ano mais velhos do que as raparigas: 16.4% vs. 15.2%) e para a etnia (i.e., maior proporção dos rapazes era caucasiana ou negra, enquanto que 33.9% das raparigas eram hispânicas, nativas americanas/</p>	<p>O encarceramento por VFP é mais prevalente entre rapazes caucasianos estando, frequentemente, associada a uso de armas na ofensa.</p> <p>As raparigas relatam maiores níveis de vitimização direta e vicária, polivitimização, problemas emocionais e comportamentos agressivos como forma de autodefesa.</p> <p>Contextos familiares monoparentais e uso de substâncias são fatores comuns entre estes jovens. As</p>

		<p>ou outras/2 ou mais etnias); gravidade da ofensa (assassinato, ofensa com arma ou ofensa sem arma); e relação com a vítima (pai biológicos, padrasto, pai adotivo ou avô).</p> <p>Uso de substâncias: questionário construído com frequência (todos os dias/ várias vezes por semana, 1 vez por semana, 1 vez por mês ou nunca); uso de álcool e drogas em simultâneo; se o uso de drogas impedia de cumprir responsabilidades; se tiveram problemas enquanto bebiam ou usavam drogas; uso de substâncias durante a ofensa; e uso de substâncias antes da custódia judicial.</p>	<p>sexos nos perfis de risco dos jovens encarcerados por VFP.</p>	<p>asiáticas/havaianas ou de outro grupo.</p> <p>Características das ofensas: a maioria dos jovens, de ambos os sexos, foram encarcerados por agressões sem arma e vitimaram um dos progenitores. As raparigas cometeram significativamente mais agressões sem arma do que os rapazes (71.4% vs. 64.7%). Foram encarcerados significativamente mais rapazes do que raparigas por homicídio (9.1 vs. 3.1), sendo que os mesmos demonstraram-se mais propensos a vitimizar um pai/mãe ou padrasto/madrasta do que as raparigas (77% vs. 73.4%; 26.9% vs. 23.3%).</p>	<p>raparigas encarceradas por VFP, iniciam a vida numa estrutura familiar com dois pais, contudo sofrem mais de vitimização, abuso sexual, levando a uma probabilidade aumentada de uso de substâncias e problemas de saúde mental.</p> <p>Todos estes fatores contribuem para comportamentos problemáticos em casa e na escola.</p> <p>Limitações:</p> <p>- Referido que estão disponíveis escassos estudos sobre a temática de VFP, nomeadamente, sobre as diferenças de sexo, o que leva</p>
--	--	--	---	---	--

		<p>Saúde mental: itens do Massachusetts <i>Youth Screening Inventory</i> (MAYSI) (Grisso & Barnum, 2006); presença ou ausência, no início da sua detenção, de depressão, ansiedade, raiva, alucinações ou ideação suicida.</p> <p>Situação de vida: avaliação da situação de vida antes da detenção (morar com os 2 pais, com 1 dos pais, em acolhimento, com outro parente, com amigos, sem abrigo/sozinho/outro); e situação de vida durante o crescimento (morar com os 2 pais, com 1 dos pais, sem os pais, em acolhimento).</p> <p>Vitimização: escala de</p>	<p>Uso de substâncias: quase 80% da amostra relatou uso de marijuana, 76% de álcool e 76.6% de outras drogas. As raparigas foram significativamente mais propensas a consumir álcool (82.2% vs. 72.4%) e outras drogas ilícitas (80.7% vs. 74.2%), bem como a relatar que se envolveram em problemas enquanto consumiam substâncias (50.3% vs. 36.2%) e apresentaram uma probabilidade significativamente superior de estarem sob o efeito de drogas e álcool (32.7% vs. 24.1%) no momento da ofensa. Já os rapazes apresentaram uma probabilidade</p>	<p>a uma maior necessidade de estudar este tema para que seja possível delinear intervenções eficientes.</p>
--	--	---	---	--

		<p>polivitimização, incluindo vitimização direta e vitimização secundária (abuso físico, abuso sexual, relações sexuais forçadas, abuso emocional ou se testemunhou violência grave).</p> <p>Problemas escolares: baixo desempenho escolar; diagnóstico de perturbações na aprendizagem; e problemas comportamentais, incluindo suspensão escolar.</p> <p>Envolvimento com a justiça juvenil: número de vezes em que esteve sob custódia judicial; e o histórico de infrações (sem histórico, com histórico sem condenações ou com condenações).</p>		<p>significativamente maior de estarem sob o efeito do álcool (7.9% vs. 1.6%).</p> <p>Saúde mental: as raparigas eram significativamente mais propensas a apresentar depressão (67.7% vs. 50.6%), ansiedade (29.9% vs. 11.0%), raiva (67.8% vs. 55.5%) ou ideação suicida (56.4% vs. 37.8%). Enquanto os rapazes apresentavam taxas significativamente mais elevadas de alucinações (25.9% vs. 22.9%).</p> <p>Vitimização: as raparigas relataram mais vitimização direta (i.e., sofreram mais abusos físicos, sexuais ou emocionais, ou tiveram relações sexuais forçadas</p>	
--	--	--	--	--	--

				<p>durante a infância) e polivitimização do que os rapazes.</p> <p>Situação de vida: ao momento do crime, as raparigas apresentaram uma probabilidade significativamente superior de viver em famílias monoparentais (51.2% vs. 44.6%) e os rapazes em famílias com os 2 pais (38.3% vs. 32.1%). Apesar de ao longo do crescimento se verificar um padrão oposto (i.e., as raparigas apresentaram maior probabilidade de ter vivido com os 2 pais e os rapazes apresentaram maior probabilidade de ter vivido em famílias monoparentais). Ao</p>	
--	--	--	--	---	--

				<p>longo do crescimento, mais raparigas indicaram ter vivido sem os pais (13,4% vs. 6,0%) ou em lares de acolhimento/grupo (24,2% vs. 18,2%).</p> <p>Outros problemas comportamentais: maioria dos jovens encarcerados por VFP, de ambos os sexos, relataram problemas na escola, especialmente suspensões escolares anteriores (60.5% e 60.3%), assim como envolvimento com a justiça juvenil antes deste delito, incluindo encarceramento (90.7% e 80.7%).</p>	
Bautista-Aranda et al. (2025)	- Analisar a relação entre a exposição à violência familiar	VFP: <i>Child-to-Parent Violence Questionnaire</i> , versão para adolescentes	Análise descritiva: - Análise de	Tanto a VFP-pai como a VFP-mãe apresentaram uma relação positiva e significativa com a	Exposição vicária e direta a violência em casa e o desengajamento moral

<p>antes dos 10 anos e a VFP;</p> <p>- Examinar a relação entre o desengajamento moral e a VFP;</p> <p>- Analisar o papel mediador do desengajamento moral na relação entre a exposição à violência familiar na infância e à VFP.</p>	<p>(CPV-Q-A).</p> <p>Exposição precoce a violência familiar: <i>Exposure to Violence Scale</i> (VES) (Burgos-Benavides et al., 2025), subescala Exposição a Violência em Casa;</p> <p>Desengajamento moral: <i>Mechanisms of Moral Disengagement Scale</i>, versão Espanhola (MMDS-S) (Rubio-Garay et al., 2017).</p>	<p>frequências, nomeadamente, médias, desvio-padrão, assimetria e curtose.</p> <p>Análise inferencial:</p> <p>- Modelação de equações estruturais (MEE) para verificar se a exposição a violência familiar aumenta a VFP através do desengajamento moral.</p>	<p>exposição vicária e direta à violência familiar e com o desengajamento moral. Efeitos diretos positivos e significativos entre a exposição vicária à violência familiar e a VFP (VFP-pai, $\beta = 0.248$, $SE = 0.064$, $p < 0.001$; VFP-mãe, $\beta = 0.245$, $SE = 0.060$, $p < 0.001$).</p> <p>Efeitos diretos positivos e significativos entre exposição direta à violência familiar e a VFP (VFP-pai, $\beta = 0.301$, $SE = 0.045$, $p < 0.001$; VFP-mãe, $\beta = 0.315$, $SE = 0.042$, $p < 0.001$).</p> <p>O efeito indireto da exposição vicária e direta à violência familiar na VFP através do desengajamento moral revelou-se positivo e significativo (exposição vicária: VFP-pai, β</p>	<p>contribuem para explicar a VFP.</p> <p>A vitimização familiar associa-se e prediz, significativamente, a VFP.</p> <p>O desengajamento moral revelou-se um mediador entre exposição a violência familiar direta/vicária e VFP.</p> <p>Limitações:</p> <p>- Constitui-se um estudo transversal e retrospectivo, que não permite avaliar efeitos a longo prazo;</p> <p>- A amostra é constituída por adolescentes de 4 regiões de Espanha, o que limita a generalização de resultados, sendo estes baseados em autoavaliações.</p>
---	---	--	---	---

				<p>= 0.037, $SE = 0.014$, $p < 0.001$; VFP-mãe, $\beta = 0.039$, $SE = 0.015$, $p < 0.05$ / exposição direta: VFP-pai, $\beta = 0.042$, $SE = 0.009$, $p < 0.001$; VFP-mãe, $\beta = 0.045$, $SE = 0.0210$, $p < 0.001$).</p> <p>Os modelos foram controlados para a variável sexo, sendo que os resultados revelaram que os homens obtiveram pontuações mais elevadas no desengajamento moral, enquanto que as mulheres obtiveram pontuações mais elevadas na exposição indireta e direta à violência.</p>	
Calvete et al. (2011)	- Avaliar a prevalência de VFP física e verbal praticada por	VFP: Conflict Tactics Scales - Child Parents (CTS-CP) (Straus & Fauchier, 2008). Crenças associadas ao uso	Análise descritiva: - Análise de frequências dos	Elevada correlação entre as escalas de Agressão Materna e contra o pai (coeficientes entre 0.60 e 0.77).	A VFP verbal é mais frequente do que a VFP física, sendo que os rapazes tendem a perpetuar esta última.

<p>adolescentes; - Identificar o perfil destes de acordo com as suas características familiares, do contexto educativo, comunitário e pessoais.</p>	<p>de violência: subescala de Justificação da Violência da <i>Escala de Creencias Irracionales para Adolescentes</i> (Cardeñoso & Calvete, 2004). Exposição a violência: subescala de Exposição a Violência Familiar da <i>Escala de Exposición a la Violência</i> (Orue & Calvete, 2010). Apoio social: subescala de Apoio por parte dos Amigos da <i>Escala Multidimensional de Apoyo Social Percibido</i> (Zimet, Dahlem, Zimet & Farley, 1988). Comportamentos de disciplina usados pelos pais: escalas de Disciplina de Castigo, Supervisão e</p>	<p>comportamentos violentos para com os pais. Análise inferencial: - ANOVA de medidas repetidas para avaliar se existiam diferenças na VFP em função do sexo dos pais e do adolescente; - Correlação entre VFP e variáveis ambientais e individuais; - Regressão linear múltipla</p>	<p>Considerou-se um número de 4 perfis, com probabilidades posteriores médias de Perfil 1= 0.95, Perfil 2= 0.99, Perfil 3= 0.95 e Perfil 4= 1.00. Os tamanhos de efeito para as diferenças foram elevados para todas as variáveis ($\eta^2 > 0,14$), excluindo o calor parental e a ausência de limites. O perfil 1 (n= 1.354; 82.2%) englobou jovens com pontuações muito baixas em VFP e na exposição à violência familiar. O perfil 2 (n= 102; 6.2%) obteve pontuações médias em VFP psicológica e muito altas em ambas as formas de exposição a violência familiar. O perfil 3 (n= 160; 9.7%) caracterizou-se por</p>	<p>As mães sofrem mais VFP verbal do que os pais, não havendo diferenças entre agressões físicas entre mães e pais. A VFP direcionada ao pai associa-se a pontuações mais baixas em várias formas de disciplina parental, sugerindo que estes progenitores aplicam menos disciplina de castigo. Relação negativa entre VFP e supervisão exercida pelos pais. Estes resultados sugerem um perfil de baixa disciplina exercida pelos pais. A VFP revelou-se presente em todos os estratos sociais. Estes adolescentes demonstram maior exposição a violência familiar e maior</p>
---	--	---	--	---

		<p>Disciplina Indutiva do <i>Inventario de Dimensiones de Disciplina Forma C</i> (Straus & Fauchier, 2007).</p> <p>Comportamentos agressivos e delinquentes no grupo de pares: Questionário de Barnow, Lucht & Freyberger (2005).</p> <p>Sintomas depressivos e comportamento delinquente: subescalas Problemas Afetivos e Conduta Delincente e <i>Ruptura de Normas do Autoinforme para Jóvenes</i> (YSR) (Achenbach & Rescorla, 2001).</p> <p>Consumo de substâncias: <i>Inventario de Consumo de Drogas en Adolescentes</i> (Calvete & Estévez, 2009).</p>	<p>hierárquica para avaliar em que medida cada variável contribuiu para explicar a variância da VFP.</p>	<p>pontuações elevadas em VFP psicológica e muito baixas na exposição a violência familiar. O perfil 4 (n= 31; 1.9%) englobou pontuações altas em VFP, incluindo a agressão física, e elevada exposição a violência familiar. Relativamente ao sexo, as percentagens nos perfis foram semelhantes, à exceção do perfil 3 onde prevaleceram raparigas (12.4% raparigas; 6.9% rapazes). Associação nula entre perfis e o nível socioeconómico ($\chi^2(12) = 8.44, p = 0.750$). Tamanho de efeito alto (> 0.14) para a seleção de respostas agressivas, moderado para a atribuição hostil, antecipação</p>	<p>relação com amigos que apresentam problemas de comportamento. A VFP correlacionou-se positivamente com o consumo de drogas, estilo impulsivo na resolução de conflitos sociais, sintomas depressivos e baixa autoestima. Baixa relação da VFP com a justificação da violência, enquanto a grandiosidade associou-se a todos os tipos de VFP.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudo baseado em autorrelatos dos jovens; - Referido que as escalas aplicadas foram as mais utilizadas neste contexto até ao momento do estudo, não
--	--	--	--	---	---

		<p>Autoestima: Inventário de Autoestima de Rosenberg (1965).</p> <p>Esquema de grandiosidade: <i>Cuestionario de Esquemas – Forma reducida</i> (Young & Brown, 1994).</p> <p>Impulsividade: <i>Inventario de Solución de Problemas Sociales Revisado - Forma abreviada</i> (D’Zurilla, Nezu & Maydeu-Olivares, 1998).</p>	<p>de consequências positivas para a agressão e os problemas externalizantes.</p> <p>Comparou-se os perfis 1, 2 e 4 ao perfil 3. O perfil 3 foi associado a níveis elevados de justificação da violência e de seleção de comportamento agressivo em conflitos com os pais. Comparando com o perfil 4, o perfil 3 apresentou menos tendência a respostas agressivas e expectativas positivas, mas maior raiva e sintomas depressivos. Quanto ao perfil 2, o perfil 3 foi associado a maior idade e probabilidade de englobar raparigas, assim como menor hostilidade, estruturas de conhecimento, raiva e conflitos</p>	<p>revelando novos métodos de avaliação da problemática;</p> <p>- O estudo deveria avaliar a dimensão de afeto familiar para o ajuste psicológico dos filhos.</p>
--	--	--	--	---

				com os pais. Relativamente ao perfil 1, o perfil 3 foi associado a pontuações altas na hostilidade, seleção de comportamento agressivo, depressão e problemas de externalização.	
Cano-Lozano et al. (2024)	<p>- Clarificar a relação entre a exposição a violência familiar antes dos 10 anos e no último ano (direta e vicária) e a VFP;</p> <p>- Identificar tipos de vitimização familiar que predizem a VFP;</p> <p>- Analisar que tipo de motivos para a VFP (i.e., reativos,</p>	<p>VFP e motivos para VFP: <i>Child-to-Parent Violence Questionnaire, adolescent version</i> (CPV-Q) (Contreras et al., 2019).</p> <p>Exposição a violência familiar em casa: <i>Violence Exposure Scale, adapted version</i> (VES) (Calvete & Orue, 2016), subescala exposição a violência em casa com adaptação para incluir dois momentos temporais diferentes (i.e., durante a</p>	<p>Análise inferencial:</p> <p>- Correlações para compreender as relações entre as variáveis em estudo;</p> <p>- Regressão linear múltipla com método <i>stepwise</i>, independente para rapazes e</p>	<p>VFP esteve positivamente relacionada com a exposição direta e vicária a violência familiar em casa durante o último ano e durante a infância, em rapazes e raparigas.</p> <p>A VFP apresentou coeficientes de correlação mais altos na vitimização direta ($r = .27$ até $r = .40$) do que na vicária ($r = .20$ até $r = .30$). Assim como na exposição a violência familiar durante o último ano do que com durante a infância.</p>	<p>Relação positiva entre VFP e exposição a violência familiar direta e vicária, durante o último ano e na infância, em ambos os sexos.</p> <p>Correlações mais fortes entre a vitimização direta ocorrida no último ano, sugerindo que os efeitos imediatos são mais intensos.</p> <p>A VFP correlaciona-se fortemente com a vitimização pelo pai nos rapazes e a violência contra as mães</p>

<p>instrumentais ou ambos) interferem na relação entre os diferentes tipos de vitimização familiar e se esses resultados são diferentes em função do sexo.</p>	<p>infância - antes dos 10 anos e durante o último ano).</p>	<p>raparigas, para avaliar em que medida cada variável contribuiu para explicar a variância da VFP contra a mãe e contra o pai;</p> <p>- Mediação, independente para rapazes e raparigas, para verificar se os motivos para a VFP influenciam a relação entre a exposição a violência</p>	<p>Nos rapazes, a VFP contra os pais correlacionou-se mais fortemente com a vitimização perpetrada pelo pai ($r = .40$) do que pela mãe ($r = .32$). Nas raparigas, a VFP contra as mães correlacionou-se mais fortemente com a vitimização perpetrada pela mãe ($r = .39$) do que pelo pai ($r = .33$).</p> <p>Ambos os tipos de vitimização obtiveram correlações altas nas razões reativas ($r = .24$ a $r = .55$) do que razões instrumentais ($r = .24$ a $r = .29$).</p> <p>A única correlação não significativa entre motivos para a VFP e exposição a violência familiar foi nas raparigas, em que os motivos instrumentais para a VFP não se</p>	<p>correlaciona-se mais com a vitimização pela mãe nas raparigas.</p> <p>Vitimização vicária é um preditor de VFP quando ocorre na infância, indicando mais efeitos compensatórios neste tipo de vitimização.</p> <p>Nos rapazes, a VFP é motivada por razões reativas e instrumentais em todas a vitimizações, à exceção da vitimização vicária do pai contra a mãe no último ano que relacionou com razões reativas.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudo retrospectivo longitudinal; - A amostra, apesar de grande,
--	--	---	---	---

			<p>familiar em casa e a VFP.</p> <p>correlacionaram significativamente com a vitimização vicária (de pai para mãe) na infância.</p> <p>Ambos os tipos de exposição a violência familiar apresentaram coeficientes de correlação mais elevados com os motivos reativos ($r = 0.24$ a $r = 0.55$) do que com os motivos instrumentais ($r = 0.08$ a $r = 0.29$).</p> <p>Verificaram-se ainda correlações positivas e significativas também entre os motivos reativos e instrumentais e a VFP em relação ao pai e à mãe tanto em rapazes como em raparigas.</p> <p>Tanto a vitimização direta</p>	<p>revelou-se pouco representativa uma vez que abrangeu apenas jovens espanhóis com idades entre 13 e os 17 anos;</p> <p>- As medidas aplicadas foram de autorrelato.</p>
--	--	--	--	---

				<p>como vicária predizem significativamente a VFP em ambos os sexos.</p> <p>VFP contra o pai: a proporção de variância da VFP contra o pai foi ligeiramente superior nos rapazes ($R^2 = .201$ vs. $R^2 = .148$). A vitimização direta pelo pai foi o melhor preditor tanto nos rapazes como nas raparigas, verificando-se diferenças entre sexos ao nível da vitimização vicária. Nos rapazes, a VFP contra o pai foi explicada pela exposição vicária a violência do pai contra a mãe durante o último ano. Já nas raparigas, a VFP contra o pai foi explicada pela exposição vicária a violência da mãe contra o pai durante o</p>	
--	--	--	--	--	--

				<p>último ano.</p> <p>VFP contra a mãe: a proporção de variância da VFP contra mãe também foi ligeiramente superior nos rapazes ($R^2 = .239$ vs. $R^2 = .194$). A vitimização direta pela mãe durante o último ano e pelo pai durante a infância foram preditor comuns tanto nos rapazes como nas raparigas, verificando-se diferenças entre sexos ao nível da vitimização vicária. Nos rapazes, a VFP contra a mãe foi explicada pela exposição vicária a violência do pai contra a mãe durante a infância. Já nas raparigas, a VFP contra a mãe foi explicada pela exposição vicária a violência da mãe contra o pai</p>
--	--	--	--	--

				<p>durante a infância.</p> <p>Influência dos motivos para a VFP: nos rapazes, a relação entre a violência contra o pai e a vitimização direta pelo mesmo (último ano e na infância) é influenciada por motivos instrumentais e reativos. Contudo, a relação entre a violência contra o pai e a vitimização vicária do pai contra a mãe (no último ano) foi mais influenciado por motivos reativos. Já nas raparias, as relações entre a VFP e todas as experiências de vitimização foram mais influenciadas por motivos reativos do que instrumentais, com uma exceção (i.e., a relação entre a violência contra</p>	
--	--	--	--	--	--

				a mãe e a vitimização direta pelo pai na infância foi influenciada da mesma forma por motivos reativos e instrumentais).	
Cano-Lozano et al. (2021)	<ul style="list-style-type: none"> - Examinar a frequência de VFP na população jovem espanhola, contra ambos os pais, e outras formas de violência familiar, assim como a sua relação com diferentes stressores psicossociais; - Compreender diferenças de sexo; - Determinar as contribuições individuais e 	<p>Medidas aplicadas para obter dados estritamente no período de confinamento devido ao vírus COVID-19, de 14 de março a 10 de maio de 2020.</p> <p>Dados sociodemográficos: características dos participantes (sexo, idade, nacionalidade e escolaridade) e da sua estrutura familiar (estado civil e escolaridade dos pais, e número de irmãos).</p> <p>VFP: <i>The Child-to-parent Violence Questionnaire</i>, versão jovem (CPV-Q-J) (Cano-Lozano et al., 2021).</p>	<p>Análises descritivas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Análise de frequências de VFP, outros tipos de violência familiar e dos stressores psicossociais relacionados ao confinamento; - Frequência de stressores acumulados. <p>Análise</p>	<p>Tipo de VFP: 65.2% dos jovens exerceu algum tipo de comportamento violento contra a mãe e 59.4% contra o pai. Um proporção significativamente superior de raparigas, comparativamente a rapazes, relatou ter exercido VFP contra as mães [$\chi^2_{(1, 2221)} = 22.5, p < .001$] e contra os pais [$\chi^2_{(1, 2181)} = 10.4, p = .001$].</p> <p>O tipo mais frequente de VFP foi a psicológica (40.1% a 61.3%), seguindo-se comportamentos de controlo/dominação (36.5% a</p>	<p>Mais de metade dos jovens praticou pelo menos um comportamento agressivo contra os pais, num mês, sendo mães as mais afetadas.</p> <p>As raparigas praticaram mais VFP psicológica e comportamentos de controlo/dominação contra as mães e os rapazes mais violência física e económica.</p> <p>16% dos jovens sofreu de algum tipo de violência por parte da mãe e 14.9% por parte do pai. As raparigas relataram sofrer mais de violência</p>

<p>aditivas dos diferentes tipos de violência familiar e dos diferentes tipos de stressores psicossociais na previsão da VFP.</p>	<p>Violência familiar: <i>The Violence Exposure Scale</i> (VES), subescala violência doméstica (Orue & Calvete, 2010).</p> <p>Stressores psicossociais: foi construído um questionário para avaliar os stressores psicossociais relacionados ao confinamento (stressores académicos/trabalho, convivência familiar, finanças, COVID-19, saúde física e saúde mental).</p>	<p>inferencial:</p> <p>- Análise de qui-quadrado para examinar as diferenças entre homens e mulheres em ambos os tipos de violência e stressores psicossociais;</p> <p>- Correlações bivariadas de Spearman para analisar as relações entre VFP contra as mães e os pais e os outros tipos de violência familiar e</p>	<p>43%), violência económica (12% a 16.6%) e violência física (1.7% a 3.3%). Em comparação com os rapazes, as raparigas exerceram significativamente mais VFP psicológica tanto contra as mães como contra os pais [respetivamente, $\chi^2_{(1, 2221)} = 33.1, p < .001$ e $\chi^2_{(1, 2181)} = 28.9, p < .001$] e referiram mais comportamentos de controlo/dominação contra as mães [$\chi^2_{(1, 2221)} = 4.0, p = 0.040$]. Já os rapazes exerceram significativamente mais violência física e económica contra os pais, comparativamente com as raparigas [respetivamente, $\chi^2_{(1, 2181)} = 6.0, p = .014$ e $\chi^2_{(1, 2181)} =$</p>	<p>psicológica por parte das mães.</p> <p>Maioria dos jovens relatou grande preocupação com a escola/trabalho, com o vírus e a saúde mental. Mais de 90% apresentou acumulação de stressores.</p> <p>Relações positivas entre VFP e violência entre pais e filhos e VFP e exposição a violência entre pais. A maiores correlações foram entre VFP contra a mãe e violência da mãe contra o filho e entre VFP contra o pai e violência do pai contra o filho. VFP contra ambos os pais, significativamente relacionada com stressores e a acumulação destes.</p>
---	---	---	---	---

			<p>stressores psicossociais;</p> <p>- Regressões lineares múltiplas hierárquicas para determinar os efeitos individuais e aditivos dos tipos de violência familiar e stressores.</p>	<p>8.2, $p = .004$].</p> <p>16% dos jovens sofreram pelo menos um comportamento violento perpetuado pela mãe e 14.9% pelo pai. O tipo mais frequente de violência perpetrada pelos pais foi a psicológica (12.4%-17.1%), seguida da violência verbal (4.6-5.7%) e da física (2.8%-3.4%). Em comparação com os rapazes, significativamente mais raparigas foram vítimas de violência psicológica por parte das mães [$\chi^2_{(1, 2221)} = 9.7$, $p = .002$], tendo também assistido a mais violência psicológica do pai contra a mãe [$\chi^2_{(1, 2159)} = 6.5$, $p = .010$].</p> <p>11.6% e 11.9% dos jovens assistiram a violência da mãe</p>	<p>Os stressores académicos/trabalho, convivência familiar e saúde mental predizem a VFP contra ambos os pais. Na VFP contra a mãe, a convivência familiar parece predizer melhor e no caso de VFP contra o pai é a saúde mental que prediz melhor.</p> <p>A violência familiar e os stressores são preditores e, conjuntamente, explicam em maior grau a VFP.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudo transversal, não permitindo a identificação de relações causais; - A amostra revelou uma sobre-representação de
--	--	--	--	---	--

				<p>contra o pai e do pai contra a mãe, respectivamente. A exposição a violência psicológica entre os pais foi a mais frequente (9.9–13.4%), seguida pela exposição a violência verbal (0.4–1.2%) e pela exposição a violência física (0.9–1%).</p> <p>Frequência de stressores psicossociais relativos ao confinamento: 44.6%</p> <p>vivenciou um stressor académico/trabalho, sendo significativamente mais frequente nas raparigas [$\chi^2_{(1, 2245)} = 19.7, p < .001$] do que nos rapazes, destacando-se o medo dos resultados académicos (95.9%) e medo pela continuidade do emprego</p>	<p>estudantes universitários e sub-representação de jovens com o grau escolar de ensino primário e secundário na amostra;</p> <p>- Referidos poucos itens para avaliar cada stressor psicossocial.</p>
--	--	--	--	--	--

				<p>(88.9%). 29.3% vivenciou um stressor relacionado com a convivência familiar (21.8% experienciou falta de espaço pessoal e 12.6% dificuldades em passar tempo com a família), sendo mais frequente em raparigas do que nos rapazes [$\chi^2_{(1, 2245)} = 10.5, p = .001$]. Ambos os sexos experienciaram stressores económicos e relacionados com a saúde física em igual proporção e 45.1% dos jovens experienciou um stressor relacionado à COVID-19, sendo as infeções o mais frequente (43.4%), verificando-se uma proporção significativamente superior de raparigas do que rapazes a</p>	
--	--	--	--	--	--

				<p>indicar esse stressor [$\chi^2_{(1, 2245)} = 32.5, p < .001$]. 96.6% manifestaram stressores de saúde mental, sendo igualmente mais frequente em raparigas do que rapazes [$\chi^2_{(1, 2245)} = 31.8, p < .001$]. 88.4% dos jovens relatou um impacto psicológico num membro da família, 87.1% impacto psicológico no próprio e 77% distúrbios do sono.</p> <p>Acumulação de stressores psicossociais em 94.7% dos jovens, sendo que as raparigas experienciaram uma proporção superior de stressores cumulativos [$\chi^2_{(1, 2245)} = 18.6, p < .001$] comparativamente com os rapazes.</p> <p>Relação entre VFP, outros</p>	
--	--	--	--	--	--

				<p>tipos de violência familiar e stressores psicossociais relacionados ao confinamento: a VFP contra as mães e os pais apresentou uma correlação positiva e significativa com os tipos de violência familiar incluídos neste estudo. Os coeficientes mais elevados foram encontrados na relação entre VFP contra as mães e a violência mãe-filho [$r_{(2159)} = 0.37, p < .001$] e na relação entre VFP contra os pais e a violência pai-filho [$r_{(2159)} = 0.37, p < .001$]. A VFP correlacionou-se ainda significativa e positivamente com o tipo de stressores psicossocial e com a</p>	
--	--	--	--	---	--

acumulação destes (VFP contra a mãe: $r_{(2245)} = 0.16$, $p < .001$ e VFP contra o pai: $r_{(2245)} = 0.15$, $p < .001$).

Regressões lineares múltiplas da VFP contra os progenitores: 15.8% da VFP contra a mãe é explicada pela violência entre mãe e filho ($\beta = 0.392$, $p < .001$, $R^2 = 0.158$), sendo que a variância da VFP contra a mãe também aumentou pela exposição a violência da mãe contra o pai ($\beta = 0.120$, $p < .001$, $R^2 = 0.168$) e por stressores académicos/trabalho ($\beta = 0.065$, $p = .001$), convivência com a família ($\beta = 0.093$, $p < .001$) e saúde mental ($\beta = 0.057$, $p = .005$). O modelo final [$F_{(7, 2158)} = 70.91$, $p < .001$,

$R^2 = 0.187$] revelou que o efeito aditivo de diferentes tipos de violência familiar e de certos stressores predisse 18.7% da VFP contra as mães. Já 17.5% da VFP contra o pai foi explicada pela violência de pai para filho ($\beta = 0.383, p < .001, R^2 = 0.175$), verificando-se que aumentou pela exposição a violência da mãe contra o pai ($\beta = 0.139, p < .001, R^2 = 0.188$) e por stressores acadêmicos/trabalho ($\beta = 0.053, p = .007$), convivência familiar ($\beta = 0.077, p < .001$) e saúde mental ($\beta = 0.086, p = .025$). O modelo final [$F_{(7, 2158)} = 77.44, p < .001, R^2 = 0.201$] indicou que o efeito aditivo dos diferentes tipos de violência

				<p>familiar e de certos stressores psicossociais preveram 20.1% da VFP contra o pai.</p> <p>Regressão linear múltipla da VFP contra os progenitores que inclui o efeito da acumulação de stressores psicossociais: a acumulação de stressores teve um efeito significativo na previsão da VFP contra as mães ($\beta = 0.107$, $p < 0.001$) e pais ($\beta = 0.095$, $p < 0.001$), comparativamente com o efeito de cada stressor separadamente.</p>	
Carrasco et al. (2018)	- Analisar a existência de diferenças entre fatores de risco numa amostra de adolescentes e	Analisados todos os casos do <i>Servicio Municipal de Urgencias Sociales</i> (SMUS) de Bilbao (Comunidade Autónoma do País Basco), Espanha, classificados como	Análise descritiva: - Análise de frequências das variáveis dos 2 grupos (Grupo 1:	54.2% ($n= 39$) dos jovens englobaram o Grupo 1 e 45.8% ($n= 33$) o Grupo 2. Os fatores de risco foram altamente prevalentes na amostra total, identificando-se	Diferenças estatisticamente significativas na separação familiar e na exposição a violência em ambos os grupos. Fatores de risco mais

<p>jovens que cometeram VFP, dependendo do tipo de família a que pertencem;</p> <p>- Identificar a vítima principal do comportamento violento consoante a composição familiar.</p>	<p>violência doméstica ou violência doméstica cometida por menores/ jovens (até 21 anos), entre janeiro de 2008 e junho de 2013.</p>	<p>famílias aparentemente normalizadas;</p> <p>Grupo2: famílias em risco social).</p> <p>Análise inferencial:</p> <p>- Teste qui-quadrado para amostras independentes para estimar diferenças de frequências nos grupos através dos fatores de risco para a VFP.</p>	<p>o fracasso escolar (90.7%), o consumo de drogas (87.8%) e a psicopatologia (86.9%) como mais preponderantes.</p> <p>Diferenças significativas entre ao nível da separação familiar e da exposição a violência, em que o Grupo 1 apresentou maior frequência em ambos os fatores de risco, comparativamente com o Grupo 2, com tamanhos de efeito moderados-altos (respetivamente, $r = .57$ e $r = .54$).</p> <p>A amostra incluiu 21 famílias nucleares (29%), 21 reconstituídas (29%) e 30 monoparentais (42%). Em 81% dos casos ($n = 51$) existiu correspondência entre o tipo de</p>	<p>preponderantes foram o fracasso escolar, consumo de droga e psicopatologia.</p> <p>O Grupo 1 apresentou maior frequência de separação familiar ($n = 37$; 94.87%) e maior frequência de exposição da violência ($n = 23$; 100%).</p> <p>A mãe foi a principal vítima de VFP, podendo dever-se a ser o único foco nas famílias monoparentais. Nas famílias nucleares e reconstituídas, a mãe também foi a vítima mais frequente, mas ambos os progenitores foram agredidos.</p> <p>Limitações:</p> <p>- Informação obtida por relatos dos pais e de um serviço público, não</p>
--	--	---	---	--

				<p>família e a vítima de VFP. A mãe foi a vítima mais frequente de VFP como única vítima nas famílias monoparentais (70.7%) e em famílias reconstituídas ou nucleares (29.3%).</p> <p>Nas famílias nucleares e reconstituídas, onde ambos os progenitores estão presentes (n= 42; 48.3%), a VFP foi perpetrada contra ambos em 66.7% desses casos (n= 28).</p>	<p>englobando serviços de ajuda privados ou o relato dos jovens;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pouca informação obtida acerca do fator de risco de psicopatologia; - Apenas integraram a amostra casais heterossexuais.
Contreras & Cano (2016)	- Analisar a inteligência emocional, atitudes sociais e valores pessoais de adolescentes que cometeram um crime de abuso	Inteligência emocional: <i>Trait meta-mood scale (TMMS-24)</i> , versão espanhola de (Fernández-berrocal et al., 2024). Atitudes sociais: <i>Attitudes and social cognitive strategies questionnaire (cuestionario</i>	Análise inferencial: - MANOVA com grupo como variável independente para avaliar as diferenças de	Efeitos principais significativos do grupo para inteligência emocional $\lambda = .57$, $F(3, 54) = 13.30$; $p < .001$; $\eta^2 = .42$, e para atenção aos sentimentos $F(1, 56) = 21.78$, $p < .001$, $\eta^2 = .28$, clareza de sentimentos $F(1, 56) = 9.31$, $p < .01$, $\eta^2 = .14$, e	Os resultados indicaram que os agressores parentais apresentaram, comparativamente com adolescentes não agressores, níveis mais baixos de inteligência emocional, atitudes menos pró-sociais e

<p>parental, verificando se existem diferenças perante adolescentes não infratores, através de avaliações diretas e individuais dos participantes.</p>	<p><i>de actitudes y estrategias cognitivas sociales, AECS</i> (Moraleda et al, 1988). Valores pessoais: <i>Schwartz's values questionnaire</i>, versão espanhola de Ros & Grad (1991).</p>	<p>grupos nas atitudes sociais; - MANOVA com o grupo como variável dependente para avaliar as diferenças de grupo nos valores pessoais.</p>	<p>reparação de humor, $F(1, 56) = 22.90, p < .001, \eta^2 = .29$. Efeitos principais significativos gerais do grupo para atitudes sociais, $\lambda = 0.59, F(9, 48) = 3.64; p < 0.01; \eta^2 = 0.41$. Nas atitudes pró-sociais efeitos de grupo significativos para sensibilidade social, $F(1, 56) = 11.07, p < 0.001, \eta^2 = 0.16$, ajuda e colaboração com outros, $F(1, 56) = 13.14, p < 0.001, \eta^2 = 0.19$, e conformidade com normas, $F(1, 56) = 17.94, p < 0.001, \eta^2 = 0.24$. Já nas antissociais e associas existiram efeitos de grupo significativos para dominância, $F(1, 56) = 3.89, p < 0.05, \eta^2 = 0.06$, e agressividade/obstinação, $F(1,$</p>	<p>mais antissociais, assim como maior hedonismo e poder. Relativamente à inteligência emocional, os agressores apresentaram menos atenção aos sentimentos, clareza de sentimentos e recuperação do humor, tendo, menor capacidade de identificar, expressar e controlar emoções e sentimentos. Isto leva a menor capacidade de regulação emocional e de comportamentos adequados socialmente, especialmente no meio familiar. No que toca às relações sociais, os agressores parentais apresentaram menor sensibilidade social, menor tendência a ajudar e colaborar</p>
--	--	---	---	---

			<p>56) = 5.4, $p < 0.05$, $\eta^2 = 0.08$. As atitudes associas indicaram efeitos de grupo significativos para apatia-reticência, $F(1, 56) = 6.74$, $p < 0.05$, $\eta^2 = 0.11$. Efeitos principais significativos do grupo para os valores pessoais, $\lambda = 0.44$, $F(10, 47) = 5.88$; $p < 0.001$; $\eta^2 = 0.56$. Efeitos de grupo significativos para hedonismo, $F(1, 56) = 4.89$, $p < 0.05$, $\eta^2 = 0.08$, poder, $F(1, 56) = 4.85$, $p < 0.05$, $\eta^2 = 0.07$, universalismo, $F(1, 56) = 15.63$, $p < 0.001$, $\eta^2 = 0.22$, benevolência, $F(1, 56) = 4.64$, $p < 0.05$, $\eta^2 = 0.07$, segurança, $F(1, 56) = 4.42$, $p < 0.05$, $\eta^2 = 0.07$, conformidade, $F(1, 56) = 22.41$, $p < 0.001$, $\eta^2 = 0.28$ e tradição, $F(1, 56) = 28.33$, $p <$</p>	<p>com outros e menor conformidade com normas sociais. No que concerne às atitudes antissociais, os agressores revelaram maior tendência à agressividade e ao domínio, o que indica maior probabilidade de desrespeito de figuras de autoridade, comportamentos agressivos e tendência a intimidar, ameaçar e manipular. Acerca dos valores pessoais, os agressores demonstraram tendência a atribuir importância a aspectos de hedonismo, de poder e de controle. Os agressores indicaram pouca importância a valores de conformidade e tradição, como o respeito</p>
--	--	--	--	---

				0.001, $\eta^2 = 0.33$.	pelos pais e normas sociais, enquanto não agressores obtiveram valores mais elevados na autotranscendência e valores de conservação. Limitações: - Estudo baseado em dados transversais; - Amostra pequena e pouco representativa.
Contreras & Cano (2015)	- Explorar traços psicológicos de adolescentes reportados por violência contra os pais, analisando como diferem de outros adolescentes infratores e não	Diagnóstico clínico e tratamento psicológico/psiquiátrico: informação retirada dos autos dos infratores, onde inclui relatórios da equipa psicossocial judicial e serviços sociais. Consumo de substâncias:	Análise descritiva: - Análises de frequências das variáveis referentes ao diagnóstico clínico, tratamento	No que concerne ao diagnóstico clínico e ao tratamento psicológico/psiquiátrico , 30% dos jovens do Grupo VFP ($n = 9$) revelaram algum diagnóstico, sendo o mais comum Perturbação de Hiperatividade e Déficit de	Verificados mais diagnósticos clínicos nos jovens que praticaram VFP (30%) do que nos infratores em geral. O diagnóstico mais frequente foi PHDA e de Perturbação do Comportamento. Maior percentagem de infratores de VFP com

<p>infratores, a nível de diagnósticos clínicos e tratamento psicológico/psiquiátrico;</p> <p>- Examinar o uso de substâncias, estilo sociocognitivo e autoestima.</p>	<p>entrevista estruturada <i>ad hoc</i>.</p> <p>Estilo socio-cognitivo: <i>Cuestionario de Actitudes y Estrategias Cognitivas Sociales (AECS)</i> (Moraleda, González, & García-Gallo, 1998).</p> <p>Autoestima: Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES) (Rosenberg, 1965).</p>	<p>psicológico/psiquiátrico e consumo de substâncias.</p> <p>Análise inferencial:</p> <p>- Teste qui-quadrado para explorar diferenças entre as variáveis em função dos grupos com e sem VFP;</p> <p>- MANOVA com o fator de grupo como variável independente para compreender</p>	<p>Atenção (PHDA) (55.6%; $n=5$), Perturbação de Ajustamento com Perturbação do Comportamento ($n=2$). Não foi encontrado nenhum diagnóstico clínico no Grupo sem VFP.</p> <p>Diferenças significativas entre os grupos no tratamento psicológico [$\chi^2_{(1, N=60)} = 10.00, p < 0.001, \phi = 0.38$] e no tratamento psiquiátrico [$\chi^2_{(1, N=60)} = 4.04, p < 0.05, \phi = 0.25$], em que uma percentagem superior de jovens no Grupo VFP recebeu tratamento psicológico (60%, $n=18$) ou psiquiátrico (20%, $n=6$) comparativamente ao Grupo sem VFP (20%, $n=6$ e 0%, respetivamente).</p>	<p>tratamento psicológico (60%) ou psiquiátrico (20%) durante a execução legal do que os infratores em geral (20% e 0%, respetivamente).</p> <p>Ambos os grupos de infratores apresentaram consumo de substâncias. Quanto às drogas ilegais, ambos os grupos infratores foram mais propensos a consumir, sugerindo que estes jovens têm mais tendência a consumir do que a população geral. 46.70% dos jovens que praticaram VFP, foram violentos contra os pais sob influencia de drogas ou álcool. No Grupo VFP, mostraram menor habilidade de antecipação de consequências</p>
--	--	---	--	---

		<p>diferenças entre os grupos ao nível do estilo sociocognitivo;</p> <p>- ANOVA com fator de grupo como variável independente a fim de explorar diferenças na autoestima em função dos grupos;</p> <p>- Regressão logística para prever diferenças de acordo com a presença ou ausência de VFP, com todas</p>	<p>Quanto ao consumo de substâncias, verificaram-se diferenças significativas entre grupos nas substâncias lícitas [$\chi^2_{(2, N=90)} = 15.41, p < 0.001, \phi = 0.41$], em que uma percentagem significativamente superior de jovens do Grupo VFP (93.30%, $n= 28$) e do Grupo sem VFP (90%, $n= 27$) consumiram estas substâncias. Quanto às drogas ilícitas, ambos os grupos infratores foram significativamente mais propensos a consumir haxixe [$\chi^2_{(2, N=90)} = 42.02, p < 0.001, \phi = 0.68$], assim como cocaína, [$\chi^2_{(2, N=90)} = 10.96, p < 0.05, \phi = 0.35$].</p> <p>Relativamente ao estilo</p>	<p>dos seus comportamentos e de seleção de comportamentos apropriados aos objetivos sociais. Ambos os grupos de infratores, foram propensos à impulsividade e a independência, demonstrando dificuldades nas estratégias sociocognitivas e tendo uma perceção mais negativa da autoridade parental e da aceitação e afetividade dos pais, juntamente com menor capacidade de estratégias cognitivas para resolver problemas interpessoais, de antecipar e compreender consequências dos comportamentos sociais e de seleccionar meios apropriados para atingir objetivos sociais.</p>
--	--	---	--	---

			<p>as variáveis como preditores. sociocognitivo, verificaram-se efeitos principais significativos do grupo [$\lambda = .58$, $F_{(20, 150)} = 2.28$, $p < .000$, $\eta^2 = .23$], mas nenhum efeito do sexo [$\lambda = .93$, $F_{(10, 75)} = .48$, $p > .05$] nem interação Gênero \times Grupo [$\lambda = .81$, $F_{(20, 152)} = .79$, $p > .05$].</p> <p>Especificamente, observaram-se efeitos significativos do grupo para a impulsividade/reflexividade [$F_{(2, 84)} = 5.79$, $p < 0.05$, $\eta^2 = 0.12$], dependência/independência, [$F_{(2, 84)} = 5.92$, $p < 0.05$, $\eta^2 = 0.12$], percepção da autoridade dos pais [$F_{(2, 84)} = 7.06$, $p < 0.05$, $\eta^2 = .14$], percepção de aceitação e afeto dos pais [$F_{(2, 84)} = 14.53$, $p < 0.001$, $\eta^2 =$</p>	<p>A percepção e expetativas das relações sociais e a capacidade de procurar soluções para comportamentos sociais, não divergiram entre infratores e não infratores.</p> <p>Os 3 grupos revelaram semelhanças a nível da autoestima, contudo os rapazes demonstraram níveis mais elevados de autoestima do que as raparigas.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudo baseado em dados transversais; - Amostra total pequena e pouco representativa; - Verificada a privacidade de muitos outros casos.
--	--	--	--	---

				<p>0.26], capacidade de perceber e reter informações significativas sobre situações sociais [$F_{(2, 84)} = 3.82, p < 0.05, \eta^2 = 0.08$], capacidade de antecipar e entender as consequências dos comportamentos sociais [$F_{(2, 84)} = 7.25, p < 0.05, \eta^2 = 0.15$] e capacidade de selecionar meios apropriados para atingir os objetivos de um comportamento social [$F_{(2, 84)} = 7.86, p < 0.05, \eta^2 = 0.16$]. As comparações <i>post hoc</i> de Bonferroni, indicaram que os jovens do Grupo VFP e do Grupo sem VFP apresentaram resultados significativamente superior ao nível da independência e impulsividade e capacidade</p>
--	--	--	--	---

			<p>significativamente inferior de perceber e reter informações significativas sobre situações sociais. No Grupo VFP, em comparação com os restantes grupos, verificou-se ainda uma percepção significativamente mais negativa tanto da autoridade como da aceitação e afeto dos pais, assim como uma capacidade significativamente inferior de antecipar e compreender as consequências dos comportamentos sociais, e de selecionar meios apropriados para atingir objetivos.</p> <p>A ANOVA não revelou efeitos significativos do grupo para a autoestima [$F_{(2, 84)} = 1.90, p > 0.05$], verificando-se efeitos</p>
--	--	--	---

			<p>significativos de sexo [$F_{(2, 84)} = 6.46, p < 0.05, \eta^2 = 0.07$], onde rapazes pontuaram significativamente mais alto do que raparigas ($M = 31.2; DP = 0.76$ vs. $M = 25.13, DP = 2.26$). Sem efeitos significativos da interação Grupo \times Gênero para a autoestima [$F_{(2, 84)} = 1.87, p > 0.05$].</p> <p>Quanto aos preditores de VFP, o modelo completo, contendo todos os preditores, foi estatisticamente significativo [$\chi^2_{(13, N = 90)} = 71.26, p < 0.001, R^2 \text{ Nagelkerke} = 0.76$, com 90% dos casos corretos]. As variáveis que contribuíram significativamente para o modelo foram a</p>
--	--	--	--

				impulsividade/reflexividade, a percepção de autoridade dos pais e a percepção de aceitação e afeto dos pais.	
Contreras et al. (2020)	- Investigar a relação entre a exposição à violência doméstica, variáveis sociocognitivas e se o uso reativo ou instrumental da agressão pode contribuir para esclarecer a natureza do tipo de violência familiar.	Exposição a violência doméstica: <i>Exposure to Violence Scale</i> (Orue & Calvete, 2010), subescala Exposição a Violência em Casa. VFP: <i>Child-to-parent Violence Questionnaire</i> (CPV-Q) (Contreras et al., 2019). Processamento de informação social: <i>Social Information Processing (SIP) in Child-to-parent Conflicts Questionnaire</i> (Calvete et al., 2015).	Análises conduzidas pelo software R do Laavan, sendo o <i>design</i> gráfico dos modelos SEM realizado com o software <i>Ωnyx</i> . Análise fatorial confirmatória (AFC) para analisar o ajuste de cada uma das subescalas utilizadas. Análise	Análise fatorial confirmatória das escalas: Todas as subescalas utilizadas apresentaram índices de fiabilidade bons a excelentes e as AFC demonstraram aceitáveis a excelentes ajustes [Exposição a violência: $\chi^2_{(5)} = 43,6$, $p < 0,001$ com CFI = 0,988 e RMSEA = 0,069; $\alpha = 0,832$; $\omega = 0,834$ / CPV-Q M: $\chi^2_{(68)} = 483$, $p < 0,001$ com CFI = 0,928 e RMSEA = 0,061; $\alpha = 0,792$; $\omega = 0,827$ / CPV-Q F: $\chi^2_{(67)} = 590$, $p < 0,001$ com CFI = 0,907 e RMSEA = 0,069; $\alpha = 0,788$; $\omega = 0,823$ / Subescala de	Percebeu-se que a exposição a violência promoveu o desenvolvimento de um processamento sociocognitivo desadaptativo. Elementos desadaptativos do processamento sociocognitivo estiveram relacionados a diferentes tipos de comportamentos de VFP. A exposição a violência em casa esteve positivamente relacionada a atribuições hostis, à raiva (falha na regulação emocional), respostas agressivas, antecipação das

		<p>Justificação da violência: <i>Justification of Violence Subscale of the Irrational Beliefs Scale for Adolescents</i> (Cardeñoso & Calvete, 2004).</p>	<p>inferencial:</p> <p>- Modelagem de equações estruturais (MEE).</p>	<p>Razões: $\chi^2_{(16)} = 122, p < 0,001$ com CFI = 0,958 e RMSEA = 0,063; $\alpha = 0.705$; $\omega = 0.717$ / Processamento de informação social na VFP: $\chi^2_{(169)} = 1811, p < 0,001$ com CFI = 0,866 e RMSEA = 0,077; $\alpha = 0.785$; $\omega = 0.812$ / Justificação da violência: $\chi^2_{(22)} = 111, p < 0,001$ com CFI = 0,971 e RMSEA = 0,049; $\alpha = 0.761$; $\omega = 0.778$).</p> <p>Modelagem MEE:</p> <p>O fator exposição à violência está relacionado com a atribuição hostil, raiva, respostas agressivas, consequências positivas, empatia e justificação da violência. Além disso, enquanto a atribuição hostil, a</p>	<p>consequências positivas da agressão e a justificação da violência.</p> <p>Raiva e acesso a respostas agressivas positivamente relacionadas a VFP a ambos os pais.</p> <p>Forte relação entre repostas agressivas e a VFP motivada por motivos reativos.</p> <p>Antecipação de consequências positivas da agressão e a justificação da violência estão positivamente relacionadas ao uso instrumental da VFP a ambos os progenitores.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudo baseado em dados transversais; - Ausência da inclusão de
--	--	---	--	--	--

				<p>raiva e a resposta agressiva estão relacionadas com a razões reativas, consequências positivas, empatia e a justificação da violência estão relacionados com as razões instrumentais.</p> <p>O modelo ajusta-se de forma semelhante tanto para as mães como para os pais. Todas as relações propostas foram significativas, exceto a relação entre a exposição a violência e atribuição hostil e qualquer relação em que a empatia estivesse envolvida.</p> <p>Os coeficientes de regressão estrutural padronizados entre as variáveis latentes mostraram um intervalo entre 0.842 (exposição a violência-</p>	<p>relatos dos pais;</p> <p>- Apesar de grande, a amostra revelou-se pouco representativa de outros países, incluído apenas jovens de 2 regiões de Espanha.</p>
--	--	--	--	---	---

				atribuição hostil) e -0,013 (exposição a violência-empatia) para as mães e entre 0,840 (exposição a violência-atribuição hostil) e -0,012 (exposição a violência-empatia) para os pais.	
Cortina & Martín (2020)	- Analisar diferentes formas de VFP e a sua relação a 2 grupos de variáveis, um com variáveis sociodemográficas e comuns no estudo de VFP, e outro com variáveis de personalidade e de exposição a violência.	VFP: questão “ <i>Durante la convivencia con tus padres o tutores ¿con qué frecuencia realizas o has realizado algunas de las siguientes conductas?</i> ”. Exposição a violência: <i>Escala de Violencia Observada</i> (Orue y Calvete, 2010). Autoconceito: <i>Escala de Autoconceito Forma-5 (AF5)</i> (García y Musitu, 2014). Afeto parental: <i>Inventario de</i>	Análise descritiva: - Análise de frequências das variáveis em estudo. Análises inferenciais: - Teste t de <i>Student</i> (variáveis quantitativas) e Teste Qui-Quadrado (para	Todos os participantes referiram ter usado violência contra os pais, variando entre o comportamento mais suave de insulto (57%) e o comportamento mais grave de bater (3.6%). Taxa significativamente elevada para os atos de: Insultar (.573), $Z_{(N=225)} = 35.99, p = .000, \delta = 1.83$, PSES = .803; Fugir (.182), $Z_{(N=225)} = 9.08, p = .000, \delta = .74$, PSES = .397; Gestos obscenos (.142),	Maior parte dos adolescentes praticou um ato ou insultou, porém os comportamentos considerados mais graves não ocorreram isolados. Sendo que o cuspir, intimidar e bater ocorreram sempre com outros atos de VFP. Sem diferenças significativas no sexo, idade e estrutura familiar, mas com diferenças no uso de drogas, desempenho escolar, exposição a violência, autoconceitos, apego e

	<p><i>Apego con Padres y Pares (IPPA)</i> (Armsden & Greenberg, 1987), subescalas para a mãe e pai.</p> <p>Psicopatia: <i>Inventory of Callous-Unemotional Traits</i> (Frick, 2003).</p> <p>Narcisismo: <i>Escala de Narcisismo</i> (Trechera et al., 2008).</p> <p>Sexismo: <i>Escala de Sexismo Ambivalente hacia las Mujeres (ASI)</i> (Glick & Fiske, 1996).</p> <p>Desejabilidade social: <i>Escala de Deseabilidad Social (SDS)</i> (Crowne & Marlowe, 1960).</p>	<p>variáveis categóricas) para comparar os jovens que se envolveram em cada comportamento e aqueles que não o fizeram;</p> <p>- Análise de regressão logística binária com método <i>stepwise forward</i> para analisar a capacidade preditiva de cada variável entre os participantes que se envolveram</p>	<p>$Z_{(N=225)} = 6.33, p = .000, \delta = .57, PSES = .311$; Roubar (.133), $Z_{(N=225)} = 5.71, p = .000, \delta = .53, PSES = .289$; Destruir (.093), $Z_{(N=225)} = 2.95, p = .003, \delta = 0.32, PSES = .182$; e Intimidar (.084), $Z_{(N=225)} = 2.34, p = .019, \delta = 0.27, PSES = .151$.</p> <p>O comportamento de Insultar ocorreu isoladamente em 83.8% dos casos, sendo que cuspir, intimidar e bater nunca ocorreram isoladamente, ou seja, ocorreram sempre com outros atos de VFP.</p> <p>Associação significativa entre o consumo de drogas e os atos de fugir de casa [$\chi^2_{(1)} = 6.22, p = .013, OR = 1.57$]; 24.6% dos participantes que consumiram</p>	<p>comunicação com a mãe, sexismo hostil e benevolente e traços de psicopatia (crueldade e indiferença). Relativamente aos traços de personalidade percebeu-se que a crueldade está associada a gestos obscenos, a indiferença a cuspir, o maquiavelismo a contrair dívidas.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desigualdade na composição dos grupos; - Comportamentos com baixa frequência; - Identificado viés de desejabilidade social.
--	---	--	---	--

			<p>em comportamentos de VFP.</p>	<p>drogas referiram fugir de casa] e bater [$\chi^2_{(1)} = 4.50; p = .034$, OR = 1.46; 6.1% dos participantes que consumiram drogas referiram ter batido nos pais]. A frequência do consumo também se relacionou com o ato de fuga de casa [$t_{(42,234)} = 2.28, p = .028, d = .52$), uma vez que os menores que fugiram de casa admitiram consumir com maior frequência ($M = 4.24, DP = 2.51$) do que os que não o fizeram ($M = 3.05, DP = 2.19$). Relação igualmente significativa entre o ato de fugir de casa e a presença de psicopatologia [$\chi^2_{(1)} = 4.36, p = .038$, OR = 1.46; 44.4% dos participantes diagnosticados</p>	
--	--	--	----------------------------------	---	--

			<p>com doença mental indicaram ter fugido de casa].</p> <p>Ademais, verificou-se uma relação estatisticamente significativa entre o desempenho acadêmico e contrair dívidas [$t_{(223)} = 2.49, p = .013, \delta = .626$], pelo que os participantes que contraíram dívidas aos pais tiveram um desempenho acadêmico inferior (M= 5.47, DP= 1.70) aos que não o fizeram (M= 6.5, DP= 1.69). E uma relação estatisticamente significativa entre o nível de escolaridade e o ato de Intimidar [$\chi^2_{(3)} = 9.83; p = .020, OR = 1.76$].</p> <p>Média mais alta para o autoconceito familiar (7.81), seguido do autoconceito social,</p>	
--	--	--	---	--

			<p>comunicação com a mãe, confiança com o pai e autoconceito acadêmico, entre 6 e 7.</p> <p>As variáveis preditivas para o grupo de VFP foram: indiferença, crueldade, narcisismo, maquiavelismo, sexismo hostil, sexismo benevolente, comunicação com a mãe, raiva da mãe, autoconceito familiar, autoconceito físico, ver violência em casa e sofrer violência na rua.</p> <p>Sofrer violência na rua multiplicou por 1.26 a probabilidade de fugir de casa e por 1.34 a probabilidade de realizar gestos obscenos. Já o narcisismo multiplicou por</p>	
--	--	--	--	--

				<p>1.24 a probabilidade de fugir de casa e a crueldade (Insensibilidade) multiplicou por 1.45 a probabilidade de realizar gestos obscenos. Por sua vez, o sexismo hostil duplicou (2.28) a probabilidade de cuspir e multiplica por 1.26 a probabilidade de roubar aos pais. A indiferença também duplicou (2.78) a probabilidade de cuspir. Já o sexismo benevolente reduziu a probabilidade de cuspir para quase o dobro (1.96) e a comunicação com a mãe reduziu a probabilidade de roubar em 1.25. O autoconceito físico também reduziu a probabilidade de Insultar em 1.16 e um autoconceito familiar</p>	
--	--	--	--	--	--

				elevado a probabilidade de contrair dividas em 1.31. Por fim, o maquiavelismo multiplicou a probabilidade de contrair dividas em 1.29; ver violência em casa multiplicou por 1.35 a probabilidade de destruir coisas; e a raiva com a mãe multiplicou por 1.48 a probabilidade de bater.	
Cuervo (2023)	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar as diferenças entre perfis dos jovens que cometeram VFP dos que cometeram outros crimes; - Analisar a influência específica de 3 grupos de variáveis: características 	<p>Análise de registos de menores de 2010 a 2017.</p> <p>Avaliação dos menores: <i>Youth Level of Service/Case Management Inventory (YLS/CMI)</i> (Hoge and Andrews, 2006).</p>	<p>Análise descritiva:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Análises de frequências das variáveis. <p>Análise inferenciais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Teste qui-quadrado; - ANOVA para examinar as 	<p>As circunstâncias familiares estão fortemente relacionadas com a prática de VFP ($r = .55, p < .001$), seguindo-se a personalidade antissocial ($r = .43, p < .001$), estado depressivo ($r = .36, p < .001$), e exposição a violência ($r = .24, p < .001$). Baixa autoestima ($r = .24, p < .001$), insensibilidade ($r = .15, p < .005$) e adoção ($r =$</p>	<p>O grupo VFP apresentou maiores índices de défices emocionais, insensibilidade, maiores valores na personalidade antissocial e baixa autoestima. No contexto familiar, estes jovens apresentaram maiores percentagens de adoção, de estruturas familiares não tradicionais e maiores</p>

	<p>psicológicas do jovem, contexto familiar e parentalidade.</p>		<p>diferenças significativas nas variáveis contínuas;</p> <p>- Regressão logística com estatística de Nagelkerke para analisar o valor preditivo de cada um dos grupos de variáveis para o tipo de crime;</p> <p>- Teste de Wald para a significância dos parâmetros do modelo.</p>	<p>.13, $p < .005$) também relacionadas com VFP.</p> <p>Sexo masculino relacionou-se negativamente com VFP ($r = .18, p < .001$).</p> <p>Nas variáveis pessoais, os preditores significativos de VFP foram a depressão e a personalidade antissocial (Nagelkerke $R^2 = .368$). Nas variáveis familiares foram a exposição a violência e a adoção (Nagelkerke $R^2 = .115$).</p> <p>As circunstâncias familiares, quando inserida no modelo, tem um valor preditivo mais forte do que as outras variáveis familiares (Nagelkerke $R^2 = .412$).</p>	<p>pontuações na exposição a violência e nas circunstâncias familiares.</p> <p>O estado depressivo foi considerado presente quando os jovens apresentavam sinais de instabilidade emocional ou sinais de depressão.</p> <p>Exposição a violência na família foi importante para o desenvolvimento de uma percepção social hostil, assumindo-se como preditor de VFP.</p> <p>Jovens que abusaram dos pais apresentaram um perfil psicossocial de maior risco do que o perfil geral dos ofensores.</p> <p>O estado depressivo e a personalidade antissocial</p>
--	--	--	---	---	---

					<p>apresentam-se como significantes preditores de VFP.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Amostra média, mas fracamente representativa da população geral; - Relutância social em denunciar as agressões o que leva a uma amostra mais reduzida; - Avaliação realizada sem diagnóstico formal.
Cuervo (2025)	- Identificar as variáveis predictoras com maior capacidade explicativa para VFP;	Análise de registos de menores no Tribunal de Menores de uma província espanhola, de 2011 a 2017. Risco de reincidência: <i>Youth Level of Service/Case Management Inventory</i>	Análises inferenciais: - Teste de qui-Quadrado; - Teste t de Student para comparação de	Raparigas foram mais propensas a VFP. Variáveis de reiteração, família não tradicional, família monoparental, conflito conjugal, pai abusivo, depressão, negação, habilidade	As variáveis com maior poder preditivo foram o estado depressivo, a reiteração criminal e a pontuação total YLS/CMI. Verificou-se que os jovens pertencentes ao grupo de risco moderado, com

<p>- Desenvolver um modelo geral e replica-lo, com base no sexo dos participantes.</p>	<p>(YLS/CMI) (Hoge and Andrews, 2006).</p>	<p>médias; - Regressão logística clássica; - Árvore de inferência condicional. Análise não paramétrica: - Kruskal-Wallis.</p>	<p>sociais precárias e baixa autoestima apresentam uma associação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) com VFP. Grupo VFP com valores mais elevados no YLS/CMI e valores menores nos fatores de proteção. No Grupo VFP as pontuações de risco para raparigas foram 15.98 e para os rapazes 16.75. Relativamente, à predição da VFP pelas variáveis em estudo, o modelo tem um bom ajuste, com Nagelkerke $R^2=0.43$ e Hosmer-Lemeshow $p=0.808$. As variáveis de depressão, reiteração e o valor total de YLS previram a pática de VFP.</p>	<p>sintomas relacionados com o estado depressivo, eram mais propensos a VFP. Para os rapazes o melhor preditor foi o estado depressivo, reiteração criminal e o risco moderado de reincidência. Para as raparigas foi o conflito conjugal e o risco moderado de reincidência. A presença de VFP esteve geralmente relacionada com a pontuação total de YLS/CMI e ao risco moderado de reincidência. Jovens com uma pontuação superior a 8.5 no YLS/CMI (risco moderado) e que apresentam estados depressivos tiveram maior propensão para VFP em,</p>
--	--	--	---	---

				<p>Relativamente, ao sexo, o modelo tem um bom ajuste, com R2 de Nagelkerke de 0.37 e um resultado não significativo no teste de Hosmer-Lemeshow (p = 0.163). As variáveis depressão e reiteração previram a ocorrência de VFP.</p> <p>Relativamente, ao tipo de crime, o modelo tem um bom ajuste, com R2 de Nagelkerke = 0.72 e um resultado não significativo no teste de Hosmer-Lemeshow (p = 0.979). As variáveis de conflito parental, valor total de YLS/CMI e envolvimento em negação, previram a ocorrência de VFP.</p>	<p>aproximadamente, 80%.</p> <p>Testemunhar discussões conjugais influenciaram a prática de VFP, sendo uma variável com grande poder preditivo.</p> <p>Um elevado nível de reincidência esteve associado à prática de VFP, enquanto um baixo risco associou-se a outros crimes.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Número desconhecido de casos não notificados, que vai de encontro a relutância na denúncia de VFP; - Não foram incluídos menores fora do sistema penal juvenil, ou seja, menores de 14 anos ou maiores de 18
--	--	--	--	--	---

					anos, o que leva a pouca representatividade da amostra; - Elevada taxa de não resposta em jovens praticantes de VFP.
Cuervo & Palanques (2022)	- Verificar se existem diferenças nos fatores sociodemográficos e criminogênicos num grupo de jovens que cometeram VFP, em comparação com um grupo que cometeu outro tipo de crimes; - Analisar os fatores de risco no Inventário YLS/CMI são os	Análise de registos do Tribunal de Menores de uma província espanhola, entre 2011 e 2017. Fatores de risco: <i>Youth Level of Service/Case Management Inventory (YLS/CMI)</i> (Hoge and Andrews, 2006); Entrevistas com os adolescentes e familiares.	Análise descritiva: - Análises de frequências das variáveis. Análises inferenciais: - Teste qui-quadrado (variáveis dicotômicas) e ANOVA (variáveis contínuas) para examinar as diferenças	O sexo em ambos os grupos era predominantemente masculino. Diferenças significativas no sexo, sendo os rapazes mais prevalentes no grupo de comparação (80.3%) do que no grupo de VFP (63.4%) [$\chi^2_{(1)} = 12.1, p < .001$]. Verificou-se uma diferença significativa na reincidência entre os dois grupos, dado que a maioria dos jovens do grupo de VFP eram reincidentes (60.1% vs. 30,3% do grupo de comparação). Além disso, o grupo VFP apresentou uma	Jovens do grupo VFP apresentam maiores taxas de reincidência (60.1%), mais crimes cometidos e maior pontuação total no YLS/CMI. Nas subescalas do YLS/CMI a diferença mais significativa foi nas circunstâncias familiares, personalidade antissocial, abuso de substâncias e educação. Maioria dos jovens no grupo VFP foi classificado com níveis de risco moderado/alto e com fatores de proteção significativamente baixos.

	<p>melhores preditores de VFP.</p>		<p>estatisticamente significativas;</p> <p>- Regressão logística binária para compreender que variáveis predizem a VFP.</p>	<p>média de 2.67 casos de qualquer tipo de crimes e o grupo de comparação apresentou uma média de 1.64.</p> <p>No mesmo sentido, o número máximo de casos acumulados no grupo de VFP foi de 15, enquanto que o número máximo de casos no grupo de comparação foi de 8.</p> <p>As maiores diferenças entre os fatores de risco foram observadas nas subescalas Circunstâncias familiares/ parentalidade, Personalidade/ comportamento e Abuso de substâncias.</p> <p>O grupo VFP apresentou maior risco de reincidência do que o grupo de comparação [$F_{(56)} = 2.24, p < .001$], com 68.2% dos</p>	<p>As subescalas de risco preditivas de VFP foram as circunstâncias familiares, relações antissociais entre os pares, abuso de substâncias e personalidade antissocial. O preditor mais forte foi as circunstâncias familiares.</p> <p>Um ambiente familiar precário, combinado com relacionamentos familiares precários, supervisão inadequada, personalidade agressiva e abuso de substâncias, predizem a prática de VFP. Os antecedentes criminais, educação e atitudes não foram preditores de VFP.</p> <p>Limitações:</p>
--	------------------------------------	--	---	--	---

				<p>casos do grupo de VFP com nível de risco de reincidência moderado, seguindo-se 55% dos jovens do grupo de comparação com um nível de risco de reincidência baixo. Foi identificado um risco elevado de reincidência no grupo de VFP em 20.5% dos jovens, enquanto que no grupo de comparação identificou-se um risco elevado apenas em 6% dos jovens.</p> <p>O grupo de comparação apresentou taxas mais significativas de fatores de proteção do que o grupo VFP nas subescalas de Relações com os pares, Abuso de substâncias, Personalidade/comportamento e Atitudes/</p>	<p>- Fraca representatividade da amostra;</p> <p>- Não foram apresentadas as pontuações do YLS/CMI.</p>
--	--	--	--	---	---

				<p>orientação. Quando analisada a soma total dos fatores de risco, o grupo VPC apresentou uma média de 0.11 fatores de proteção por jovem, enquanto que o grupo de comparação apresentou uma média de 0.55 [$F_{(1, 272)} = 13.76, p < .001$].</p> <p>As subescalas de Circunstâncias familiares/parentalidade, Abuso de substâncias e Personalidade/comportamento previram a prática de VFP. A subescala Pares antissociais apresentou uma relação negativa a VFP, ou seja, uma pontuação mais elevada nesta subescala indica que as probabilidades de pertencer ao grupo VFP são mais reduzidas.</p>	
--	--	--	--	--	--

				Assim sendo, esta subescala prediz a prática de delitos gerais (grupo de comparação).	
Hoyo-Bilbao et al. (2021)	<p>- Analisar as relações longitudinais entre dimensões dos traços de psicopatia e a perpetração de VFP;</p> <p>- Examinar se o modelo preditivo é semelhante entre sexos.</p>	<p>VFP: <i>Child-to-Parent Aggression Questionnaire</i> (CPAQ) (Calvete et al., 2013).</p> <p>Dimensões dos traços de psicopatia: <i>Youth Psychopathic Inventory-Short Form</i> (YPI-S) (Van Baardewijk et al., 2010).</p>	<p>Análises descritivas:</p> <p>- Análise de frequências e correlação de Pearson para todas as variáveis.</p> <p>Análise inferenciais:</p> <p>- Método de estimativa de máxima verossimilhança robusta (ML) com o teste qui-quadrado da escala de</p>	<p>Traços de psicopatia positivamente relacionados entre si. Correlações moderadas, exceto entre irresponsabilidade e falta de empatia, que foi pequena. Raparigas obtiveram valores mais elevados na irresponsabilidade (d= 0.24) e na VFP psicológica em T1 e T2 (d= 0.61; d= 0.54). Os rapazes obtiveram valores mais elevados na falta de empatia (d= 0.38) e no egocentrismo (d= 0.23). A maioria das diferenças teve tamanho de efeito pequeno, exceto para VFP psicológica</p>	<p>Os traços de psicopatia apresentaram associação positiva, porém fraca, com VFP psicológica em análises de corte transversal. No seguimento longitudinal, apenas a irresponsabilidade previu a VFP psicológica. A interação entre os 3 traços previu a VFP física. Irresponsabilidade teve maior impacto na VFP física quando combinada com alta falta de empatia, baixa manipulação e egocentrismo. A VFP psicológica previu a VFP física, indicando um padrão de escalada da</p>

		<p>Satorra-Bentler com LISREL 8.8.</p>	<p>em T1 e T2, que foram moderadas a grandes ($d > 0,50$).</p> <p>O modelo apresentou um bom ajuste geral, especialmente com $RMSEA < 0,08$ e $CFI/NNFI > 0,90$, e mostrou capacidade de explicação da VFP psicológica e moderada da VFP física.</p> <p>Estabilidade da VFP ao longo do tempo. A VFP psicológica no T1 prediz a VFP física no T2. A interação das dimensões psicopáticas em T1 previu a VFP em T2.</p> <p>A irresponsabilidade apenas se relacionou com VFP física quando a falta de empatia é alta $\beta = 0.017$, $t = 2.95$, $p = 0.003$ e a inclinação baixo $\beta = 0.027$, $t = 2.82$, $p = 0.005$.</p>	<p>violência.</p> <p>Rapazes pontuaram mais alto em falta de empatia e egocentrismo, enquanto raparigas pontuaram mais em irresponsabilidade. No geral, os padrões de associação entre traços psicopáticos e VFP foram semelhantes entre raparigas e rapazes.</p> <p>Embora os traços de psicopatia tenham um efeito limitado individualmente, a combinação deste pode aumentar significativamente a violência física contra os pais.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Informação obtida de autorrelatos dos jovens, não incluindo informação
--	--	--	---	--

				O modelo preditivo foi invariante entre sexos, indicando um padrão semelhante entre rapazes e raparigas $\Delta\chi^2(12, N= 765) = 11.145, p = 0.516$.	dispensada pelos pais; - Amostra comunitária onde a violência física é muito baixa, sendo necessário estudos em amostras clínicas e com variáveis contextuais.
Espuig et al. (2025)	- Analisar a VFP contra as mães e pais, separadamente, analisando as associações com sexo, idade, violência física e verbal-emocional (no namoro) sofrida, psicopatia e comportamentos antissociais e violadores da lei.	Variáveis sociodemográficas: escala de personalidade. Psicopatia: <i>Psychopathy Content Scale (P-16)</i> (Salekin et al., 2003). Comportamento antissocial e violador da lei: <i>Antisocial and Criminal Behavior Scale in Adolescents (ECADA)</i> (Andreu & Peña, 2013). VFP: <i>Conflict Tactics Scales (CTS2)</i> - versão crianças para pais (Straus & Douglas, 2004; Gámez-Guadix et al, 2010).	Análise descritiva: - Análises de frequências e correlações de Pearson para analisar as relações violentas de namoro, psicopatia, comportamento criminoso, idade e VFP. Análises	Baixos níveis de violência física (M= 0.29, DP= 1) e verbal-emocional (M= 3.85, DP= 5.51), e valores médios baixos de psicopatia (M= 4.02, DP= 2.55), comportamentos antissociais e violadores da lei (M= 6.54, DP= 3.70), e VFP contra o pai (M= 3.06, DP= 3.39) e contra a mãe (M = 3.69, DP = 3.39). Idade positivamente associada a mais violência verbal e emocional sofrida ($r = 0.21, p \leq 0.05$), níveis mais elevados de	As raparigas que sofreram mais violência verbal e emocional, envolveram-se em menos comportamentos antissociais em comparação com rapazes e exibiram mais VFP contra a mãe. A psicopatia apresentou forte correlação com VFP contra ambos os pais, podendo indicar que jovens com valores elevados de psicopatia podem apresentar dificuldades de regulação emocional e empatia reduzida,

		<p>Violência no namoro: <i>Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI)</i> (Wolfe et al., 2001; Fernández-Fuertes et al., 2006).</p>	<p>inferenciais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Regressões lineares hierárquicas para examinar VFP contra ambos os pais, separadamente, considerando a idade, sexo, vitimização por violência física, violência verbal, comportamento criminoso e psicopatia; - Análise comparativa qualitativa de conjuntos fuzzy (software 	<p>psicopatia ($r = 0.21, p \leq 0.05$) e mais comportamentos antissociais ($r = 0.25, p \leq 0.01$). A VFP contra a mãe foi associada significativamente a violência verbal e emocional sofrida ($r = 0.41, p \leq 0.01$), níveis mais elevados de psicopatia ($r = 0.57, p \leq 0.01$), comportamentos antissociais ($r = 0.38, p \leq 0.01$) e ao aumento da VFP contra o pai ($r = 0.66, p \leq 0.01$). Já a VFP contra o pai foi associada a níveis mais elevados de psicopatia ($r = 0.47, p \leq 0.01$) e a comportamentos antissociais ($r = 0.19, p \leq 0.05$). As variáveis explicativas aumentaram significativamente a variância da VFP contra a mãe ($\Delta R^2 = 0.18, p \leq 0.001$),</p>	<p>aumentando a probabilidade de cometer VFP. Comportamentos antissociais e violadores da lei foram significativa e positivamente correlacionados a VFP, especificamente, contra as mães. Correlações significativas entre violência verbal-emocional no namoro e a VFP. Relação negativa entre VFP e idade. Os preditores de VFP contra a mãe foram a idade avançada, sexo feminino, violência verbal-emocional, psicopatia e comportamentos antissociais. Por outro lado, os preditores em relação a VFP</p>
--	--	---	---	--	--

			<p>fsQCA) para identificar interações.</p>	<p>mas não contra o pai ($\Delta R^2 = 0.05$, $p > 0.05$). Idade ($\beta = -0.21$, $t = 3.2$, $p \leq 0.01$) e violência verbal-emocional sofrida ($\beta = 0.22$, $t = 2.92$, $p \leq 0.01$) foram associadas a VFP contra a mãe. Ao incluir psicopatia e comportamentos antissociais, a variância de VFP contra a mãe aumentou significativamente ($\Delta R^2 = 0.28$, $p \leq 0.001$), assim como a variância contra o pai ($\Delta R^2 = 0.23$, $p \leq 0.001$). Psicopatia significativamente associada a VFP contra ambos os pais (mãe $\beta = 0.48$, $t = 6.33$, $p \leq 0.001$; pai $\beta = 0.52$, $t = 5.93$, $p \leq 0.001$). O modelo final explicou 44% da variância da VFP contra a mãe (R^2 ajustado = 0.44, $p \leq$</p>	<p>contra o pai foram idade mais jovem e a psicopatia.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudo transversal; - Amostra pequena e de conveniência, limitando a sua generalização; - Os dados foram de autorrelato, não se obtendo fontes de informação externas ao jovem.
--	--	--	--	---	--

				<p>0.001) e 25% contra o pai (R2 ajustado = 0.25, $p \leq 0.001$).</p> <p>Na VFP contra a mãe, foram identificadas três vias (63% da variância): 1º via (46%) combinando ser mulher, ter sofrido violência verbal e emocional e ter comportamentos antissociais; 2º via (41%) combinando ser mulher, ter sofrido violência verbal e emocional e ter psicopatia; 3º via (41%) combinando ser mulher, altos níveis de psicopatia e de comportamentos antissociais e baixos níveis de violência física e emocional. Já na VFP contra o pai, foram identificadas 3 vias (72% da variância): 1º via (55%) combinando ser mulher</p>	
--	--	--	--	---	--

				apresentar comportamentos antissociais e psicopatia; 2º via (55%) combinando ser mulher, psicopatia e ter sofrido violência física e emocional; 3ª (40%) combinando ser mulher e ter sofrido violência verbal-emocional.	
Fandiño et al. (2024)	<ul style="list-style-type: none"> - Estimar a prevalência de variáveis de referência de reincidência; - Comparar jovens praticantes de VFP com jovens não infratores de VFP. 	<p>Questionários de autorrelato durante as detenções, entrevistas com familiares e análise de arquivos judiciais e institucionais.</p> <p>Perigosidade: <i>Masculinity-Femininity and the Social Introversion scales (MMPI-A)</i> (Butcher et al., 2003).</p> <p>Traços de psicopatia: <i>Hare Psychopathy Checklist: Youth Version (PCL:YV)</i> (Forth et al., 2003).</p>	<p>Análise de validade dos protocolos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Análise inter-avaliadores. <p>Análises inferenciais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - MANOVA para a comparação de médias da perigosidade, traços 	<p>Diferenças significativas nos problemas de saúde mental $F(8, 125) = 1.76, p = 0.091$, com tamanho do efeito moderado ($0.59 < \eta^2 < 0.137$), $\eta^2 p = 0.101$, e poder observado 73.7%, $1 - \beta = 0.737$. A prevalência de casos entre ofensores foi significativa quando comparada com a significância clínica em hipocondria (Ansiedade de Doença) ($f = 22$; $OR = 7.72$; Z</p>	<p>A perigosidade não é uma característica distintiva dos ofensores VFP em relação a outros ofensores. Contudo, a prevalência de perigosidade é bastante alta entre os ofensores VFP, assim como a prevalência de traços de psicopatia.</p> <p>Traços de personalidade superficial, grandiosa e manipuladora, assim como insensibilidade e ausência de</p>

		<p>Fatores de risco criminogénicos: <i>Youth Level of Service/Case Management Inventory (YLS/CM)</i> (Hoge & Andrews, 2011).</p>	<p>psicopáticos e fatores de risco criminogénicos;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Eta quadrado parcial. - Índice de Probabilidade de Inferioridade (PIS). 	<p>= 9.56, $p < 0.001$), depressão ($f = 23$; OR = 8.26; $Z = 10.12$, $p < 0.001$), histeria (Perturbação dos Sintomas Somáticos) ($f = 22$; OR = 7.72; $Z = 9.56$, $p < 0.001$), desvio psicopático ($f = 44$; OR = 26.13; $Z = 21.16$, $p < 0.001$), paranoia ($f = 24$; OR = 8.78; $Z = 10.64$, $p < 0.001$), psicastenia (Perturbação de Ansiedade Generalizada e Perturbação Obsessivo-compulsiva) ($f = 18$; OR = 5.90; $Z = 7.48$, $p < 0.001$), e Esquizofrenia (alienação social) ($f = 20$; OR = 6.78; $Z = 7.94$, $p < 0.001$).</p> <p>Efeito multivariado significativo $F(4, 131) = 3.39$, $p = 0.011$, nos traços de psicopatia. Os ofensores</p>	<p>remorso, definem os ofensores VFP, em relação aos não ofensores.</p> <p>Os ofensores VFP têm um valor mais significativo nas circunstâncias familiares (supervisão inadequada, dificuldade em controlar o comportamento, fraca disciplina, inconsistência, relações parentais fracas), levando a menor autoestima, agressividade física, birras, falta de atenção, baixa tolerância à frustração, sentimentos de culpa, agressividade verbal e fatores de risco criminogénicos.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Presumiu-se a possível
--	--	---	---	---	---

				<p>exibiram mais traços de psicopatia interpessoais e afetivos, com tamanho do efeito moderado, aumentando em relação aos não ofensores em 28.7% e 23.8%, respectivamente. O diagnóstico de psicopatia entre os ofensores, 25% (n= 19), foi significativo $Z= 21.03$, $p < 0.001$, e de grande efeito, $h= 1.19$, IC 95% [1.09, 1.29].</p> <p>Efeito multivariado significativo nos fatores de risco $F(8, 127) = 3.34$, $p= 0.002$, com poder de 96.9%, $1 - \beta= 0.969$. Pontuações mais altas nos ofensores nas circunstâncias familiares ($0.20 < d < 0.50$) e nos fatores de risco de personalidade e</p>	<p>ausência de respostas ou inconsistência de sujeitos com perturbações da personalidade, em resposta acerca da saúde mental;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Referida inconsistência dos resultados da perigosidade entre significância e o tamanho do efeito; - Limites na generalização para a população, devido à especificidade da amostra.
--	--	--	--	--	---

				comportamento, de moderada magnitude.	
Fandiño et al. (2021)	<p>- Verificar se jovens infratores de VFP apresentam défices nas funções executivas e desajuste psicológico;</p> <p>- Quantificar os danos potenciais e a epidemiologia.</p>	<p>Desajuste psicológico: <i>Minnesota Multiphasic Personality Inventory</i>- versão para adolescentes- (MMPI-A) (Graham, 2011).</p> <p>Funções executivas: <i>Stroop Color-Word Test</i> (Golden, 2005).</p>	<p>Análises descritivas:</p> <p>- Análises das frequências e Teste t para uma amostra para a dimensões psicológicas e para o Teste STROOP;</p> <p>- Normalidade da distribuição pela assimetria e curtose;</p> <p>- d de Cohen para o tamanho.</p> <p>Análise inferencial probabilística</p>	<p>Relativamente ao ajuste psicológico, verificaram-se resultados significativamente mais elevados em todas as escalas, comparativamente à população normativa. Jovens ofensores de VFP apresentaram 23% mais sintomas de histeria, 37% mais sintomas depressivos, 44% mais hipocondria, 68% mais desvio psicopático, 26% mais psicastenia, 24% mais sintomas de esquizofrenia, 17% mais sintomas de hipomania e 13% mais introversão social. A magnitude do efeito (danos nos marcadores de saúde mental) foi superior a 26.6%</p>	<p>Clinicamente, estes jovens apresentaram mais sintomas nas dimensões clínicas básicas do que a população normal, relatando apenas deterioração clínica no desvio psicopático (que inclui as características de não confiável, egocêntrico, incapaz de aprender com a experiência, problemas com familiares/autoridades, raiva nas relações e sob stress) e deterioração moderada na histeria (ingénuo, egocêntrico, exibicionista, extrovertido e superficial) e na paranoia (sensível a críticas e a personalizar as ações dos outros em relação a si).</p>

			<p>- Tamanho do efeito binominal utilizando o r;</p> <p>- Analisadas pontuações Z e T.</p>	<p>hipocondria, 43.2% na depressão, 51.6% na histeria, 80.2% no desvio psicopático, 53.4% na paranoia, 30.4% na psicastenia, 27.4% na esquizofrenia, 19.8% na hipomania e 14.2% na introversão social.</p> <p>Epidemiologicamente a percentagem de deterioração clínica ($T \geq 66.45$, ou seja, percentil 95) foi maior que o esperado (0.05 na amostra normativa).</p> <p>A magnitude do efeito indicou taxas maiores do que o esperado (0.05 na amostra normativa) de 82.1, 82.9, 82.9, 91.7, 83.7, 77.9 e 80.2%, em hipocondria, depressão, histeria, psicopatia, paranoia,</p>	<p>Os jovens ofensores de VFP apresentam maior deterioração do que outras amostras de justiça juvenil.</p> <p>Epidemiologicamente, a prevalência de casos clínicos e moderadamente deteriorados foi muito elevada em todas as dimensões clínicas, excluindo a hipomania e introversão.</p> <p>Os resultados do STROOP indicam habilidade em inibir respostas ligadas a estímulos que exigem supressão de respostas automáticas, baixa capacidade de planeamento e execução de planos, baixa flexibilidade cognitiva ou disfunção na inibição cognitiva.</p>
--	--	--	--	---	---

				<p>psicastenia e esquizofrenia, respetivamente.</p> <p>Quanto às funções executivas, jovens que cometeram VFP mostraram maior comprometimento na leitura de palavras, nomeação de cores, cor-palavra e interferência do Teste STROOP. A magnitude do comprometimento foi de 62% na leitura, 47.9% na nomeação e 45.8% na cor-palavra e 11.9% na interferência. O estudo de casos revelou uma prevalência significativamente maior do que na população geral, com exceção da interferência.</p>	<p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fraca representatividade da amostra; - Sensibilidade do delineamento para estudo de caso foi de $\alpha/\beta = 1$; - Detetada defensividade nas respostas, o que pode ter levado a vieses; - Tarefas do STROPP são simples em ambientes experimentais.
Fongaro et al. (2023)	- Examinar características clínicas de crianças	Entrevista diagnóstica semiestruturada (Mouren-Simeoni, 2002),	Análises estatísticas pelo SAS (Enterprise	A idade média das crianças foi de 11.71 anos, variando entre os 7 e os 17 anos, sendo 57.32%	Uma minoria de crianças preencheu critérios para Perturbação do

<p>e adolescentes que cometeram VFP física ou verbal e as características sociodemográficas e gerais das suas famílias.</p>	<p>para avaliar episódios atuais e passados de psicopatologia em crianças e adolescentes.</p>	<p>Guide 8.2.) Análises descritivas: - Análises de frequências das características sociodemográficas e clínicas dos pais e crianças.</p>	<p>rapazes. 55.56% das crianças viviam com ambos os pais e 8.22% em famílias monoparentais. Relativamente ao status social, maioria dos pais eram profissionais e executivos de nível intelectual superior. 84.72% das crianças receberam acompanhamento psiquiátrico ou psicológico anterior. Apresentaram alta taxa de PHDA (69.86%) e de atuais quadros relacionados a perturbações de ansiedade (49.32%). 38.36% preencheu critérios para Agorafobia; 26.03% para Perturbação de Ansiedade Generalizada; 19.18% Perturbação de Ansiedade Social; 16.44% para</p>	<p>Comportamento, confirmando a violência e a dinâmica de comportamento tirano restrito no ambiente familiar. A diferença mais significativa foi a proporção de condições sociais mais elevadas nas mães comparativamente com a restante população francesa. Os rapazes pareceram apresentar maior risco de comportamento severamente tirano. Crianças com comportamento severamente tirano apresentaram altos níveis de condições psiquiátricas concomitantes. Verificaram-se pontuações elevadas na PHDA e no comportamento agressivo. Problemas de ansiedade em</p>
---	---	---	--	--

				<p>a Perturbação Depressiva; 41.10% para perturbação do sono; 56.16% para Perturbação do Humor Disruptivo; e 10.96% Perturbação de Ansiedade de Separação.</p>	<p>crianças com comportamento severamente tirano, também foram apresentados como fobia social e agorafobia, além da presença de perturbações do sono. Algumas das crianças apresentaram Perturbação Obsessivo-compulsiva e Perturbações Depressivas.</p> <p>Limitações:</p> <p>- Estudo meramente analítico, onde não é possível perceber correlações entre variáveis.</p>
Gámez-Guadix & Calvete (2012)	- Analisar a relação entre exposição a diferentes tipos de violência na família e a perpetuação de VFP física e	Violência entre os pais: <i>Escala de Tácticas para el Conflicto Revisada (CTS2)</i> (Straus & Douglas, 2004). Agressão física de pais para filhos: <i>Abuso Físico</i>	Análises estatísticas pelo software EQS 6.1. (Bentler, 2005). Análises	Todas as correlações entre variáveis foram significativas ($p < 0.001$). A maior correlação foi de 0.47 entre agressão física intraparental e agressão física entre pais e filhos.	Tanto a exposição a violência entre pais quanto a agressão entre pais e filhos (física e psicológica) estiveram associadas à ocorrência futura de VFP.

<p>psicológica; - Examinar se as relações entre vários tipos de violência doméstica eram semelhantes entre rapazes e raparigas.</p>	<p><i>Modificada de las Escalas de Tácticas para Conflictos, Padres-Hijos</i> (CTS-PC) (Straus et al., 1998). Agressão psicológica: <i>Inventario de Dimensiones de Disciplina, Forma A</i> (DDI) (Straus & Fauchier, 2007), subescala de Agressão Psicológica. VFP: <i>Escala de Violencia Filioparental</i> criada a partir das <i>Escalas de Tácticas cas para los Conflictos</i> (CTS2 e CTSPC) (Straus & Douglas, 2004).</p>	<p>descritivas: - Análise das frequências e correlação de Pearson para as variáveis em estudo. Análise inferenciais: - Método de máxima verossimilhança com χ^2 robusto de Satorra-Bentler para a normalidade das variáveis; - Resíduo quadrático médio padronizado e</p>	<p>Não foram encontradas diferenças entre rapazes e raparigas nas pontuações médias para exposição a violência intraparental psicológica [t (1670) = -0.87, ns] ou física [t (1670) = 1.58, ns], nem na agressão parental psicológica [t (1670) = -0.83, ns] ou física [t (1670) = 1.12, ns]. A agressão psicológica contra crianças foi maior nas raparigas (M= 2.45, DP= 1.59) do que nos rapazes (M= 2.08, DP= 1.46) [t(1670) = 4.19, p < 0.001]. Já a agressão física foi maior nos rapazes (M= 0.12, DP= 0.36) do que nas raparigas (M= 0.08, DP= 0.28) [t(1670) = 2.38, p < 0.05].</p>	<p>Maior frequência de agressão entre pais e filhos está relacionada a uma maior probabilidade de VFP. Relações consistentes em todos os tipos de violência, ou seja, a agressão psicológica intraparental e entre pais e filhos foi associada a VFP psicológica, e a agressão física intraparental e entre pais e filhos foi associada a VFP física. Associação significativa entre agressão intraparental e agressão entre pais e filhos (física ou psicológica). Relação entre exposição a violência doméstica e VFP é semelhante em ambos os sexos.</p>
---	---	---	--	---

			<p>versões robustas do índice de ajuste não normativo, o índice de ajuste comparativo e o erro quadrático médio de aproximação;</p> <p>- Análise multigrupo.</p>	<p>O modelo final estimado apresentou um bom ajuste S-B χ^2 (65, n= 1681) = 137.12; RMSEA= 0.026 (90% I.C.= 0.020 – 0.032); SRMR= 0.035, CFI= 0.95, NNFI= 0.91. O modelo explicou 21% da variância total na VFP psicológica e de 27% na VFP física.</p> <p>Os vários tipos de violência entre pais e de pais para filhos estiveram relacionados, com a magnitude da correlação variando de média (0.34, $p < 0.001$; agressão psicológica entre pais - agressão física de pais para filhos) a alta (0.54, $p < 0.001$; agressão física entre pais - agressão física de pais para filhos).</p>	<p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Resultados baseados em informações retrospectivas; - Fraca representatividade da amostra.
--	--	--	--	---	--

				Ajuste do modelo adequado para ambos os sexos [Raparigas: S-B χ^2 (65, n= 1293) = 141.70; RMSEA= 0.030 (90% CFI= 0.023 – 0.037); SRMR= 0.043, CFI= 0.93, NNFI = 0.90; Rapazes: S-B χ^2 (63, n= 379) = 66.14; RMSEA = 0.007 (90% CFI= 0.000 – 0.032); SRMR= 0.039, CFI= 0.99, NNFI= 0.98].	
Harries et al. (2022)	- Comparar diferentes categorias de força física parental no resultado de VFP contra ambos os pais.	Punição corporal: <i>Brief Physical Punishment Scale Corporal</i> (BPPS) (Björkqvist & Österman, 2007). Abuso físico: <i>Childhood Trauma Questionnaire – Short Form Physical (CTQ-SF)</i> (Bernstein et al., 2003). VFP: <i>Conflict Tactics Scale (CTS)</i> (Straus, 2001).	Análise descritiva: - Análises das frequências dos grupos em estudo. Análises inferenciais: - ANOVA unidirecional	Valores de punição corporal e abuso físico com correlação forte e positiva ($r= 0.80$). VFP contra ambos os pais também apresentaram correlação altamente positiva ($r= 0.48$). Para as mães os resultados revelaram um efeito global significativo $F(2, 297.24) =$	A frequência de VFP aumentou com a quantidade de punição corporal sofrida. Indivíduos que vivenciaram altos níveis de punição corporal na infância provavelmente usariam níveis semelhantes de violência contra os pais como os indivíduos que sofreram altos

			<p>para avaliar as pontuações médias da VFP-mãe e VFP-pai;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Teste de Kolmogorov-Smirnov e Teste de Shapiro-Wilk para a normalidade. 	<p>6.27, $p= 0.002$. Já no que concerne os pais revelou-se um efeito geral significativo, $F(2, 522.44) = 5.91, p= 0.003$.</p>	<p>níveis de abuso físico e punição corporal, sugerindo que o abuso físico não contribui para um aumento da VFP em jovens que também foram expostos a punição corporal.</p> <p>Punição corporal e abuso físico foram propensos a ocorrer simultaneamente.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudo transversal; - Utilizado o método de autorrelato baseado na recordação retrospectiva, o que pode causar um viés de recordação; - Detalhes limitados sobre a natureza da VFP associada a força física parental;
--	--	--	--	--	---

					- Amostra australiana, onde a punição corporal não é considerado crime, ou seja, desvalorizada socialmente.
Ibabe (2014)	- Analisar o efeito da violência familiar no desajuste de adolescentes e VFP; - Explorar o possível efeito mediador de problemas comportamentais e/ou emocionais de adolescentes na relação entre violência familiar e VFP	Desajuste: <i>Multifactor Self-assessment Test of Child Adjustment</i> (Hernández, 2004). Comportamento e personalidade: <i>Behaviour Assessment System for Children and Adolescents</i> (BASC) (Reynolds & Kamphaus, 1992). Consumo de drogas: <i>Millon Clinical Inventory</i> (1993) for adolescents (Millon, 1993). Violência familiar: <i>Scale of Intra-family Violence</i> (Ibabe & Jaureguizar, 2011).	Análises descritivas: - Análise de frequências dos tipos de VFP e tipos de violência. Análises inferenciais: - ANOVA unidirecional; - Teste de post hoc de Turkey; - Análise de máxima verossimilhança. Análise de	21% dos jovens relatou ter sido fisicamente violento contra os pais, 33% psicologicamente violento e 19% financeiramente violento. VFP física correlacionou-se significativamente com a violência conjugal ($r= 0.42$) e moderadamente com a violência parental contra os filhos (pai $r= 0.41$, mãe $r= 0.44$). A VFP financeira correlacionou-se moderadamente com a violência conjugal ($r= 0.51$) e com a violência parental contra os filhos (pai $r= 0.40$, mãe $r=$	Tanto a violência dos pais contra os filhos quanto a violência conjugal ajudaram a explicar a violência entre pais e filhos encontrada na amostra. A violência familiar previu diferentes problemas de desajuste dos adolescentes. As relações familiares negativas (falta de coesão e conflito) mostraram efeitos diretos no desenvolvimento de comportamento antissocial dos jovens e o comportamento antissocial previu o comportamento violento

			<p>adequação do modelo:</p> <p>- EQS 6.1 (Programa de Equações Estruturais)</p>	<p>0.45). Correlação entre a violência financeira e o desajuste pessoal $r = 0.24$, escolar $r = 0.24$ e social $r = 0.22$. No modelo 2 os índices de ajuste para o modelo foram adequados: ML $\chi^2(83, N = 485) = 231.79$, CFI = 0.95, NNFI = 0.93, IFI = 0.95, RMSEA = 0.061; Y-B $\chi^2(83, N = 485) = 165.50$; CFI = 0.96, NNFI = 0.95, IFI = 0.96, RMSEA = 0.045. Neste modelo estrutural o ajuste foi aceitável, ML $\chi^2(95, N = 485) = 277.0$, $p < 0.001$, CFI = 0.94, NNFI = 0.92, IFI = 0.94, RMSEA = 0.063. O modelo explicou 75% da variância da violência entre pais e filhos. Todas as cargas fatoriais foram significativas p</p>	<p>contra as figuras de autoridade. A exposição à violência familiar teve efeitos diretos em problemas emocionais (somatização, depressão e baixa autoestima) e em problemas comportamentais (consumo de drogas e comportamentos agressivos). Problemas emocionais e comportamentais previram VFP, sendo os fatores comportamentais melhores preditores. Verificou-se que à medida que a idade aumenta, também aumentam os problemas comportamentais, enquanto a violência entre filhos e pais diminui.</p>
--	--	--	--	---	---

			<p>< 0.001, exceto a falta de disciplina ($p < 0.01$). A violência intrafamiliar obteve efeitos diretos sobre problemas emocionais ($\beta = 0.46$, $p < 0.001$), problemas comportamentais ($\beta = 0.52$, $p < 0.001$) e na violência entre pais e filhos ($\beta = 0.45$, $p < 0.001$). A variável latente "problemas comportamentais" ($\beta = 0.53$, $p < 0.001$) foi preditiva de VFP. A idade revelou-se um preditor significativo de VFP ($\beta = - .25$, $p < .001$) e de problemas comportamentais ($\beta = .46$, $p < .001$). A faixa etária 12–14 anos apresentou comportamento significativamente mais violento em relação aos pais do que a faixa etária 17–18 anos.</p>	<p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudo de carácter transversal; - Possível efeito de enquadramento.
--	--	--	---	--

				<p>A idade foi significativa na tendência ao abuso de substâncias, $F(2, 463) = 15.40$, $p < 0.001$, consumo de álcool $F(2, 461) = 32.90$, $p < 0.001$, consumo de substâncias ilegais, $F(2, 441) = 5.62$, $p = 0.004$, e agressão social $F(2, 477) = 5.64$, $p = 0.004$.</p> <p>Os problemas emocionais foram mais frequentes em adolescentes que testemunharam e/ou vivenciaram violência familiar: somatização, $t(321) = -3.62$, $p < 0.001$, $d = 0.17$, IC 95% [1.4, 0.41], depressão, $t(321) = -3.03$, $p = 0.003$, $d = 0.14$, IC 95% [-0.57, -0.12] e baixa autoestima, $t(184.05) = -4.54$,</p>	
--	--	--	--	---	--

				p < 0.001, d= 0.21, IC 95% [1.41, 0.57].	
Ibabe (2015)	- Determinar o papel desempenhado pela qualidade das relações familiares e estratégias de disciplina familiar, dependendo do nível de coerção, no desenvolvimento de manifestações de violência e comportamentos pró-sociais de adolescentes em relação aos seus pais; - Estudar diferenças que possam existir entre diferentes	VFP: Escalas Tácticas para Conflictos Hijo-Padres (CTS1) (Straus et al., 1998). Violência conjugal: Escalas Tácticas Revisadas (CTS2) (Straus et al., 1996). Disciplina familiar: Inventario de Dimensiones de Disciplina (DDI-C) (Straus & Fauchier, 2007). Clima familiar: Escala de Clima Social Familiar (FES) (Moos & Moos, 1981). Condutas pró-sociais na família: Escala de Conductas hacia las Figuras de Autoridad (Jauregizar & Ibabe, 2012).	Análises descritivas: - Análise de frequências, teste qui-quadrado e correlação de Pearson para determinar a prevalência de VFP e violência marital. Análise inferenciais: - Análise de máxima verossimilhança; - Análise fatorial confirmatória.	5% dos adolescentes relataram ter perpetrado algum tipo de violência física grave contra um dos pais, 11% violência física leve e 13% os 2 tipos. O abuso físico variou de 1% bater a 9% empurrar. Não se encontraram diferenças na perpetração de agressão física com base no sexo dos pais e dos jovens. Maior taxa de VFP nas famílias monoparentais com mãe presente (21%) $\chi^2(1, N= 481) = 4.94, p = 0.026, r = 0.10$, nas famílias reconstituídas (22%), $\chi^2(1, N= 473) = 5.60, p = 0.018, r = 0.11$, e nas famílias de outros tipos, $\chi^2(1, N= 450) =$	A violência conjugal é um fator de risco para a VFP. As estratégias coercivas de disciplina parental estiveram moderadamente associadas à violência entre pais e filhos. A violência conjugal previu significativamente a VFP física e um clima familiar positivo foi associado a menores níveis de comportamento violento dos filhos em relação aos pais. As estratégias coercivas foram positivamente associadas a violência física entre pais e filhos. A aplicação de estratégias de disciplina coerciva pode gerar

tipos de famílias em relação à VFP.		<p>Análise de adequação do modelo:</p> <p>- EQS 6.1 (Programa de Equações Estruturais).</p>	<p>10.46, $p < 0.001$, $r = 0.15$. 88% relatou VFP psicológica, variando em 16% ameaçar e bater a 84% gritar. VFP psicológica mais comum em mães (84%) do que nos pais (81%), $\chi^2(1, N= 545) = 223.91$, $p < 0.01$, $r = 0.64$. As raparigas envolveram-se mais neste tipo de VFP contra as mães (88%) dos que os rapazes (82%). Sobre a violência conjugal, 7% relatou violência unilateral e 4% violência recíproca. A violência da mãe contra o pai (5%) foi maior do que a do pai contra a mãe (2%), $\chi^2(1, N= 43) = 6.72$, $p < 0.01$. VFP física e psicológica esta significativamente associada a um maior nível de violência</p>	<p>comportamento violento nas crianças. Estratégias de disciplina parental coerciva foram utilizadas com mais frequência em famílias imigrantes. Coesão, baixos níveis de conflito e organização aumentaram a probabilidade de direcionar comportamentos pró-sociais em relação aos pais. Estratégias de disciplina familiar coerciva estão associadas a mais violência entre pais e filhos, enquanto um clima familiar positivo prediz menos violência desse tipo e comportamentos mais pró-sociais.</p>
-------------------------------------	--	--	--	---

			<p>entre os pais ($r = 0.45$ e $r = 0.24$), conflito familiar ($r = 0.20$ e $r = 0.48$), maior frequência de estratégias coercivas ($r = 0.27$ e $r = 0.58$), custo de resposta ($r = 0.10$ e $r = 0.27$) e supervisão ($r = 0.8$ e $r = 0.42$), assim como menor coesão ($r = -0.21$ e $r = -0.42$) e organização familiar ($r = -0.14$ e $r = -0.27$).</p> <p>Os comportamentos pró-sociais dos jovens em relação aos pais foram relacionados a menor nível de violência conjugal ($r = -.12$), conflito familiar ($r = -.41$), estratégias coercivas pelos pais (punição $r = -.36$ e supervisão $r = -.21$), assim como a um melhor clima familiar (coesão $r = .47$ e organização $r = .34$). A</p>	<p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudo transversal; - Possível efeito de enquadramento e presença de desajustabilidade social.
--	--	--	--	---

				<p>disciplina positiva não se relacionou nem com VFP nem com comportamentos pró-sociais.</p> <p>Índices de ajuste razoável ML χ^2 (82, N= 585) = 243.11; NNFI= 0.92, CFI= 0.94, IFI= 0.94, RMSEA= 0.058. O modelo explicou 45% da variância na VFP.</p> <p>Clima familiar positivo previu baixos de VFP (β= -.67, p < .001) e Disciplina Coerciva (β= -.58, p < .001) e níveis altos de Comportamento Pró-Social (β= .72, p < .001). A violência conjugal foi preditor de violência física parental-infantil (β= .42, p < .001), de pior Clima Familiar (β= -.31, p < .001) e menor uso de</p>	
--	--	--	--	---	--

				Disciplina Positiva ($\beta = -.18$, $p < .001$).	
Ibabe et al. (2014)	- Examinar se jovens infratores acusados de VFP apresentavam um perfil clínico diferente dos jovens acusados de outros delitos e dos jovens não infratores.	<p>Violência familiar: <i>Intra-family Violence Scale</i> (Ibabe et al., 2013).</p> <p>Ajuste: <i>Multi-factor Self-Assessment Child Adjustment Test</i> (TAMAI) (Hernández, 2004).</p> <p>Comportamento: <i>Behavior Assessment System for Children</i> (BASC) (Reynolds & Kamphaus, 2004).</p> <p>Personalidade: <i>Adolescent Clinical Inventory</i> (MACI) (Millon, 2004).</p> <p>Hiperatividade e déficit de atenção: <i>Magallanes Scale of Attention Deficit Identification in Adolescents</i></p>	<p>Análise de variância multifatorial:</p> <p>- MANOVA;</p> <p>- Teste qui-quadrado escalonado de Yuan e Bentler.</p>	<p>O modelo apresentou um ajuste bom ML χ^2 (71, N= 231) = 115.48. Todas as cargas fatoriais foram significativas ($p < 0.001$). o modelo explicou 33% da variância na VFP.</p> <p>Os problemas comportamentais previram significativamente a VFP ($\beta = 0.48$, $p < 0.001$). Relação positiva e significativa entre problemas emocionais e comportamentais de adolescentes ($r = 0.61$, $p < 0.001$).</p> <p>O sexo feminino foi preditor significativo de VFP ($\beta = 0.17$, $p < 0.001$) e de menos problemas comportamentais ($\beta = -0.22$, $p < 0.001$).</p>	<p>Encontrados 3 perfis clínicos. Os agressores parentais apresentaram mais problemas comportamentais e emocionais do que os agressores não parentais ou adolescentes não agressores. O grupo de infratores acusados de VFP (PA) revelou níveis mais elevados de desajuste escolar (indisciplina escolar, aversão à instrução) e desajuste social (agressão social), do que o grupo de infratores fora de casa (NPA). PA e NPA apresentaram valores mais altos em vários problemas comportamentais, como na propensão ao abuso</p>

		<p>(ESMIDA-J) (García-Pérez & Magaz, 2006).</p>			<p>de substâncias, uso de substâncias ilegais, hiperatividade, violação de regras e autoajuste social. O grupo PA apresentou mais sintomas emocionais (depressão, intro-punitividade, baixa diligência escolar, desajuste cognitivo-punitivo ou pessoal) do que os NPA. O perfil clínico dos jovens PA pode ser compatível com PHDA e comportamento perturbador. Os sintomas comportamentais são melhores preditores de VFP do que sintomas emocionais. O grupo PA apresentou mais problemas comportamentais do que NPA e os jovens que não</p>
--	--	---	--	--	---

					cometeram infrações. Limitações: - O estudo apresentou pouca informação acerca da análise de dados e dos resultados.
Ibabe et al. (2014)	- Examinar problemas de externalização e internalização de crianças e adolescentes acusados de VFP, comparando-os com aqueles que cometeram outros delitos e jovens que não cometeram delitos; - Explorar diferenças de sexo	Violência familiar: <i>Intra-family violence</i> (Ibabe & Jaureguizar, 2011). Desajuste: <i>Multi-factor Self-Assessment Child Adjustment Test</i> (TAMAI) (Hernández, 2004). Comportamento: <i>Behavior Assessment System for Children</i> (BASC) (Reynolds & Kamphaus, 1992). Traços de personalidade: <i>Millon Adolescent Clinical Inventory</i> (MACI) (Millon, 2004).	Análises descritivas - Análise de frequências das variáveis em estudo em função do grupo. Análises inferenciais: - Análises post-hoc de Games-Howell para comparações múltiplas - Análise fatorial	73% dos infratores de VFP afirmaram ter usado violência física contra os pais. 29% dos outros infratores e 16% dos adolescentes não infratores também cometeram VFP. 53% dos infratores de VFP relataram violência económica, assim como 21% dos outros infratores e 21% dos não infratores. Os jovens que cometeram VFP, comparativamente com outros jovens infratores, obtiveram maiores taxas de violência física, $\chi^2(1, N=89)=10.46, p=$	O grupo de jovens que cometeu VFP apresentou maiores índices de desajuste escolar (indisciplina escolar, aversão ao professor) e de desajuste social (agressividade social). Os 2 grupos de infratores obtiveram pontuações elevadas em vários problemas comportamentais, como propensão ao abuso e uso de substâncias ilegais, hiperatividade, défice de atenção, disnomia e auto-

<p>na manifestação de problemas psicológicos dos jovens, assim como diferentes tipos de violência entre pais e filhos.</p>	<p>Défice de atenção e hiperatividade: <i>Magallanes Scale of Identification for Attention Deficit</i> (García-Pérez & Magaz, 2006).</p>	<p>confirmatória.</p>	<p>0.001, $\phi = 0.44$; psicológica, $\chi^2(1, N= 89) = 10.66, p= 0.001, \phi = 0,44$, assim como de violência financeira, $\chi^2(1, N= 96) = 7.07, p= 0.008, \phi = 0.33$. Índices de ajuste do modelo adequados: ML, $\chi^2(70, N= 231) = 111.87, CFI= 0.99, NNFI= 0.98, IFI= 0.98, RMSEA= 0.051$; Yuan-Bentler, $\chi^2(70, N= 231) = 106.42, CFI= 0.99, NNFI= 0.99, IFI= 0.99, RMSEA= 0.048$. VFP foi moderadamente associada à sintomatologia depressiva ($r= 0.39, p < 0.001$) e a problemas de comportamento ($r= 0.55, p < 0.001$). Sintomatologia depressiva e problemas de</p>	<p>desajuste social. O perfil dos infratores de VFP revelou também níveis elevados de desajuste pessoal, com uma incidência de sintomas associados a estados depressivos. A taxa de problemas de comportamento fora do contexto familiar foi menor nas raparigas. Os problemas comportamentais (hiperatividade, indisciplina, agressividade social e uso de substâncias) fora de casa foram preditores significativos de VFP. Crianças e adolescentes que cometem VFP são caracterizados por apresentar</p>
--	---	-----------------------	---	---

				<p>comportamento fora de casa significativamente relacionados ($r= 0.56, p < 0.001$).</p> <p>Índices de ajuste do modelo aceitáveis: ML, $\chi^2 (71, N= 231) = 110.65, p < 0.001$, CFI= 0.99, NNFI= 0.98, IFI= 0.98, RMSEA= 0.049. O modelo explicou 30% da variância da VFP.</p> <p>Os problemas de comportamento previram significativamente a VFP ($\beta= 0.47, p < 0.001$), enquanto a sintomatologia depressiva não ($\beta= 0.13, p > 0.05$). Relação positiva entre sintomatologia depressiva e problemas de comportamento em ambos os sexos ($r= 0.61, p < 0.001$).</p>	<p>vários tipos de desajuste, desequilíbrio emocional associado a estados depressivos e insatisfação familiar.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudo transversal que não permite estabelecer relações causais; - Problemas na validade de dados.
--	--	--	--	---	--

				Sexo feminino como preditor significativo de VFP emocional ($\beta = 0.17$, $p < 0.001$) e de problemas comportamentais ($\beta = -0.22$, $p < 0.001$).	
Ibabe & Jaureguizar (2010)	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar principais fatores de risco de jovens que abusam física e verbalmente dos pais, em comparação com outros jovens infratores; - Estudar as diferenças de sexo entre agressores e vítimas. 	<p>Informações recolhidas de processos do Ministério Público da Infância e Juventude de Bilbao (País Basco, Espanha), entre 1999 e 2006.</p> <p>Informações sobre o diagnóstico clínico fornecidas pelos pais dos jovens.</p>	<p>Análises descritivas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Análises das frequências para a evolução do abuso parental; - Teste de qui-quadrado de Pearson para identificar a relação entre grupos. <p>Análises inferenciais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - ANOVA; 	<p>Aumento dos casos relatados a partir de 2002, sendo a percentagem de acusações 0.02% e em 2005 de 3.7%. O motivo para denunciar abrangeu a violência física e a psicológica. Em 67% dos casos ocorreram ambos os tipos de violência, 29% abuso físico e 4% violência psicológica.</p> <p>Quanto à vítima, houve diferenças dependendo do sexo do agressor [$\chi^2(2, N=67) = 12.99$; $pb.01$; λ assimétrico = .00 vítima, .18 sexo]. A vítima mais frequente foi a mãe</p>	<p>Maior proporção de jovens em VFP vivia em famílias nucleares e eram primogênitos, apresentando mais problemas escolares e menor autoestima, sendo mais propensos a ter recebido tratamento psicológico individual e familiar.</p> <p>Os rapazes foram mais frequentemente denunciados por crimes de violência doméstica do que raparigas. A violência entre as raparigas foi mais seletiva, pois podia ser direcionada ao pai ou à mãe.</p>

			<p>- Relações bivariadas entre fatores de risco dos jovens em função do grupo.</p> <p>(97%), sendo mais agredida pelo filho (48%) do que pela filha (10%).</p> <p>Os adolescentes do grupo com VFP viviam em famílias monoparentais com mais frequência do que os adolescentes do grupo sem VFP [$\chi^2(4, N=102) = 23.45$; $pb=0.001$; λ assimétrico=0.25 domicílio, grupo=0.28].</p> <p>Os jovens do grupo VFP ($X^- = 1.5$) ocuparam a posição de primeiro irmão com mais frequência do que os do sem VFP ($X^- = 1.8$).</p> <p>Correlação moderada entre a situação econômica e o número de delitos cometidos, $r(93) = -.47$, $pb.001$.</p> <p>33% dos adolescentes</p>	<p>Maior abuso de substâncias entre adolescentes que cometem VFP.</p> <p>77% envolveu um diagnóstico não clínico. Os diagnósticos mais comuns foram PHDA e Perturbação do Comportamento Disruptivo (77% de todos os jovens diagnosticados). Perturbações de personalidade representaram 14% dos jovens que cometeram VFP, incluindo Personalidade Esquizoide e Perturbação Borderline da Personalidade.</p> <p>Outros transtornos verificados foram dependência de substâncias, ansiedade e perturbações do humor.</p>
--	--	--	--	--

			<p>testemunharam violência doméstica, 38% dos jovens do grupo VFP sofreram violência familiar.</p> <p>Correlação entre violência familiar e abuso parental foi próxima da significância, $\phi(102) = -.18, p=.06$.</p> <p>Autoestima significativamente mais baixa nos grupos VFP+ e VFP ($F = 7.39, p < .01$).</p> <p>Autonomia mais baixa em VFP+ ($F = 11.70, p < .001$) e empatia menor em VFP+ e VFP ($F = 13.42, p < .001$).</p> <p>86% dos jovens consumiu algum tipo de substância legal ou ilegal. Consumo de haxixe mais prevalente em VFP+ ($\chi^2 = 4.11, p < .05$).</p> <p>Comportamento violento</p>	<p>Limitações:</p> <p>- O delineamento dos perfis psicológicos dependeram das avaliações dos psicólogos da equipa psicossocial judicial e dos serviços sociais a partir das informações fornecidas pelos pais dos jovens.</p>
--	--	--	---	--

				contra adultos mais frequente em VFP ($\chi^2 = 21.52, p < .001$). Dificuldades de aprendizagem, adaptação e comportamento disruptivo significativamente maiores em VFP ($p < .001$).	
Izaguirre & Calvete (2017)	- Examinar associações preditivas entre a exposição à violência doméstica e VFP e violência no namoro.	Exposição a violência: <i>The Exposure to Violence Questionnaire</i> (Orue & Calvete, 2010). Agressividade: <i>The Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory</i> (Wolfe et al., 2001). VFP: <i>Child-to-Parent Aggression Questionnaire</i> (Calvete et al., 2013).	Análises descritivas: - Análises das frequências para todos os tipos de violência e comparações de sexo. Análise de ajuste: - Índice de ajuste comparativo (CFI); - Índice de ajuste não normativo	Testemunho de violência contra as mães foram semelhantes em ambos os sexos, exceto agressões físicas que foram mais observadas por raparigas. As taxas de vitimização física pelos pais foram maiores entre os rapazes. Percentagem mais alta de rapazes relatou abusos sexuais contra as suas parceiras. Raparigas relataram agressão física mais frequente aos parceiros. A prevalência de abuso psicológico contra os	A vitimização direta foi mais relevante para a VFP, enquanto testemunhar violência contra a mãe é mais relevante para a violência no namoro. Adolescentes que agiram agressivamente a um tipo de relacionamento próximo (i.e., pais), tiveram tendência a agir agressivamente em outros relacionamentos próximos (i.e., relações amorosas). A vitimização direta pela mãe previu um aumento na VFP

			<p>(NNFI);</p> <p>- Raiz quadrada média do erro de aproximação (RMSEA);</p> <p>- Raiz quadrada média residual padronizada (SRMR);</p> <p>- Análise de múltiplos grupos.</p>	<p>pais foi maior em rapazes do que em raparigas.</p> <p>No modelo os coeficientes mais baixos foram nas associações entre medidas de violência no namoro e testemunho de violência contra a mãe, enquanto os coeficientes mais altos foram na vitimização direta pelos pais e medidas correspondentes à VFP.</p> <p>Vitimização pela mãe previu um aumento VFP contra a mãe e que a vitimização pelo pai previu VFP contra o pai. A vitimização por violência no namoro previu o aumento na perpetração de violência no namoro.</p> <p>Ajuste do modelo adequado $\chi^2(22, N = 606) = 38$, RMSEA</p>	<p>contra as mães e a vitimização direta pelos pais previu a VFP contra os pais. Isto sugere que as reações agressivas dos jovens podem representar as agressões anteriores dos seus pais.</p> <p>Diversas fontes de vitimização podem ser antecedentes de VFP.</p> <p>A vitimização por violência no namoro previu o aumento na perpetuação de violência no namoro, tendendo a aumentar com a idade.</p> <p>Testemunhar violência contra a mãe não foi associado a vitimização por violência no namoro em rapazes, porém nas raparigas testemunhar violência contra a mãe e ser</p>
--	--	--	---	--	--

				<p>= 0.035, IC de 90% = [0.015, 0.053], p = 0.89, CFI = 0.99, NNFI = 0.99, RMSR = 0.025. O modelo explicou 30%, 24%, 18% e 29%, da variância na violência entre filhos e mães, violência entre filhos e pais, perpetração de violência no namoro e vitimização por violência no namoro.</p> <p>Nas raparigas, testemunhar violência doméstica contra a mãe previu o aumento na perpetração de violência no namoro, e a vitimização direta pelo pai previu a vitimização por violência no namoro.</p> <p>Índices de ajuste adequados: $\chi^2(18, N = 324) = 55$, NNFI = 0.95, CFI = 0.98, RMSEA = 0.06, IC 90% = [0.04, 0,07],</p>	<p>vítima de maus tratos pelo pai foram preditores de vitimização por violência no namoro.</p> <p>Tanto rapazes como raparigas são perpetradores de VFP física e psicológica. Raparigas pontuaram mais alto na frequência de VFP contra a mãe e os rapazes contra os pais.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Uso exclusivo de inventários de autorrelato; - Curto intervalo de tempo entre diferentes avaliações; - Não foi avaliado o testemunho de violência doméstica da mãe para o pai ou de agressão de pais para
--	--	--	--	---	--

				<p>SRMR = 0.03.</p> <p>No modelo que incluiu ambos os sexos o ajuste foi bom $\chi^2(34, N = 606) = 120$, NNFI = 0.95, CFI = 0.98, RMSEA = 0.07, IC de 90% = [0.05, 0.08], SRMR = 0.04. Apenas a vitimização pela mãe para a violência entre filhos e mães foi diferente, $\Delta\chi^2(1, N = 606) = 4$, $p = 0.04$, o indicando que esse caminho foi mais forte em raparigas do que rapazes.</p>	<p>irmãos;</p> <p>- O estudo não inclui mecanismos que expliquem as associações longitudinais entre variáveis.</p>
Jiménez-Granado et al. (2023)	<p>- Avaliar efeitos moderadores da personalidade Borderline e dos traços de psicopatia em adolescentes na associação preditiva entre estratégias</p>	<p>VFP: <i>The Revised Child-to-Parent Aggressions Questionnaire</i> (CPAQ-R) (Calvete et al., 2022).</p> <p>Estratégias parentais inadequadas: <i>The Dimensions of Discipline</i></p>	<p>Análises descritivas:</p> <p>- Análise das frequências e correlação rho de Spearman.</p> <p>Análises inferenciais:</p>	<p>Raparigas pontuaram mais alto em estratégias de disciplina parental de agressão psicológica, traços de personalidade impulsiva-irresponsável e borderline.</p> <p>O modelo obteve índices de ajuste adequados S-B χ^2</p>	<p>As variáveis mais relevantes na predição da VFP foram as agressões psicológicas à criança (que previram VFP contra os pais) e ignorar o mau comportamento (que previram VFP contra as mães).</p> <p>Ausência de uma associação</p>

<p>parentais inadequadas e VFP;</p> <p>- Interação no desenvolvimento de VFP perpetrada contra os pais e contra as mães.</p>	<p><i>Inventory – Childreport</i> (DDIC) (Straus & Fauchier, 2007).</p> <p>Traços psicopáticos: <i>The Youth Psychopathic Inventory – Short Version</i> (YPI-S).</p> <p>Traços Borderline da personalidade: <i>The Personality Belief Questionnaire – Short form</i> (PBQ-SF) (Butler et al., 2007).</p>	<p>- LISREL 8.8 (Jöreskog & Sörbom, 2006);</p> <p>- Análise de máxima verossimilhança robusta (RML).</p>	<p>(173, n.º= 671) = 643.07, RMSEA = 0.063, IC de 90% [0.057, 0.068], CFI= 0.96, NNFI= 0.95. O modelo explicou 33% da variância de VFP contra os pais e 42.1% da VFP contra as mães.</p> <p>A agressão psicológica contra a criança previu um aumento da VFP contra os pais, enquanto ignorar o mau comportamento previu o aumento da VFP contra as mães.</p> <p>Ignorar o mau comportamento previu um aumento significativo na VFP contra o pai nos adolescentes com pontuação alta no traço insensível-sem emoção ($\beta= 0.217$, $t= 4.26$, $p < 0.000$). Aumento significativo da VFP</p>	<p>preditiva direta significativa no modelo longitudinal entre traços psicopáticos e VFP.</p> <p>Sem associação direta preditiva entre traços de personalidade borderline e VFP.</p> <p>A interação entre ignorar o mau comportamento e o traço insensível-sem emoção previu VFP contra ambos os pais, o que significa que a associação preditiva entre ignorar o mau comportamento e VFP contra a mãe se torna mais forte com valores altos de insensibilidade-sem emoção.</p> <p>Adolescentes com alta agressão psicológica parental e baixos traços de personalidade borderline</p>
--	--	--	--	--

				<p>contra a mãe previsto pela pontuação elevada em insensível-sem emoção ($\beta=0.271$, $t=6.29$, $p < 0.001$). Estratégias parentais de agressão psicológica previram um aumento significativo de VFP contra o pai nos adolescentes com pontuação baixa no traço de personalidade borderline ($\beta=0.163$, $t=2.95$, $p=0.003$).</p> <p>Modelo para rapazes: S-B c2 (147, $n=320$) = 258.49, RMSEA= 0.049, IC de 90% [0.039, 0.059], CFI= 0.98, NNFI= 0.96. O modelo para meninos explicou 39.2% e 41.2% da variância da VFP contra pais e mães.</p> <p>Modelo para raparigas: S-B</p>	<p>apresentam maior pontuação em VFP.</p> <p>A interação entre ignorar o mau comportamento e insensibilidade-sem emoção na predição de VFP contra as mães apenas foi significativa em raparigas. Já a interação entre punição corporal e traços borderline foi significativa apenas em rapazes.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Informação retrospectiva, podendo existir um possível viés de memória; - Idade média dos jovens foi menor do que a idade em que os comportamentos de VFP atingem o pico.
--	--	--	--	--	---

			<p>$\chi^2 (155, n= 341) = 399.58$, RMSEA = 0.068, IC de 90% [0.059, 0.076], CFI= 0.97, NNFI= 0.95. O modelo para meninas explicou 38.3% e 39.2% da variância de VFP contra pais e mães.</p> <p>A interação entre ignorar o mau comportamento e a insensibilidade emocional na predição de VFP contra as mães foi significativa para as raparigas. Já a interação entre punição corporal e traços de personalidade borderline na predição de VFP contra as mães foi significativa para rapazes. Para raparigas, ignorar o mau comportamento prediz um aumento da VFP contra as mães, naquelas com altos</p>
--	--	--	--

				<p>traços de insensibilidade-sem emoção ($\beta= 0.454$, $t= 6.92$, $p < 0.001$). Já para rapazes, ignorar o mau comportamento associase a aumentos na VFP contra as mães ($\beta= 0.120$, $t= 1.95$, $p = 0.052$).</p> <p>Nas raparigas a punição corporal não previu um aumento da VFP contra as mães, aquando pontuações baixas ($\beta= 0.004$, $t= 0.057$, $p= 0.954$) ou altos ($\beta= 0.000$, $t= 0.000$, $p= 1.000$) nos traços borderline. Já para os rapazes a punição corporal previu um aumento da VFP contra as mães para aqueles com altos traços Borderline ($\beta= 0.064$, $t = 0.788$, $p= 0.431$).</p>
--	--	--	--	--

<p>Junco-Guerrero et al. (2022)</p>	<p>- Analisar os efeitos diretos e indiretos da exposição à violência doméstica, da insegurança emocional na família e da justificação da violência na VFP contra ambos os pais.</p>	<p>Segurança emocional: <i>Security in the family system Scale (SIFS)</i> (Forman & Davies, 2005).</p> <p>Justificação da violência: escala de “Crenças irracionais para adolescentes” da <i>Adolescents irrational belief scale (ECIA)</i> (Cardeñoso & Calvete, 2004).</p> <p>Exposição a violência: <i>Cuestionario de Exposición a la Violencia (CEV)</i> (Orue & Calvete, 2010).</p> <p>VFP: <i>Child-to-parent aggression questionnaire (CPAQ)</i> (Calvete et al., 2013).</p>	<p>Utilizado o software IBM AMOS versão 24.</p> <p>Análises descritivas:</p> <p>- Análise de frequências para a exposição à violência, insegurança emocional na família, justificação da violência e VFP;</p> <p>- Correlação de Pearson para calcular o padrão de relações.</p> <p>Análises inferenciais:</p>	<p>25.4% dos adolescentes reconheceram ter cometido agressões psicológicas graves contra a mãe e 20% contra o pai. 2.2% admitiram ter cometido agressão física grave contra a mãe e 1.7% contra o pai. Relação global entre o sexo dos jovens, a violência doméstica, a insegurança emocional, a justificação da violência e os tipos de VFP. O modelo em relação à VFP contra a mãe sugeriu maiores taxas de exposição a violência enquanto vítima e testemunha relacionadas a maiores níveis de desengajamento ($\beta= 0.18, p < 0.001$ e $\beta= 0.19, p < 0.001$). O desengajamento relacionou-se a maiores níveis de</p>	<p>Em relação à VFP contra a mãe, percebeu-se uma ligação direta entre testemunhar violência e a justificação do comportamento violento, mas nenhuma ligação no caso de ser vítima de violência. Ligação direta entre a vitimização em casa e a VFP contra a mãe. O efeito de testemunhar violência na VFP contra a mãe é mediado pela insegurança emocional e justificação da violência. O desligamento do sistema familiar relacionou-se à justificação da violência e à VFP contra a mãe. Relação direta entre justificação da violência e VFP. Relação significativa</p>
--	--	--	--	--	--

			<p>- Índice de Tucker Lewis (TLI);</p> <p>- Estimativa livre de distribuição assintoticamente (ADF).</p>	<p>justificação da violência ($\beta=0.24, p < 0.001$).</p> <p>Relações diretas entre exposição à violência como testemunha e justificação da violência ($\beta= 0.11, p < 0.05$) e entre exposição como vítima e o VFP contra a mãe ($\beta= 0.19, p < 0.01$). Relação entre sexo masculino, níveis elevados de desengajamento e VFP ($\beta= 0.10, p < 0.01$ e $\beta= 0.10, p < 0.01$), bem como entre o sexo feminino e níveis elevados de justificação da violência ($\beta= -0.19, p < 0.001$). Índice de ajuste do modelo, $\chi^2(6) = 12.75, p < 0.057$. O modelo previu 32% da variância da VFP contra a mãe.</p>	<p>entre sexo feminino e o uso de desengajamento e maior VFP e entre o sexo masculino e maior justificação da violência.</p> <p>Relativamente à VFP contra o pai, percebeu-se relação entre exposição à violência com o desligamento do sistema familiar e com a preocupação. Ligação entre a exposição à violência como testemunha e a realização de VFP, sendo assim o efeito de ser vítima em casa na VFP em relação à violência foi mediado pela insegurança emocional e pela justificação da violência.</p> <p>Relação entre o sexo feminino e o uso da estratégia de preocupação e do</p>
--	--	--	--	---	---

				<p>Na VFP contra o pai o modelo sugeriu maiores taxas de exposição à violência associadas a maiores níveis de preocupação ($\beta= 0.19$, $p < 0.001$ e $\beta= 0.17$, $p < 0.01$) e desengajamento ($\beta= 0.20$, $p < 0.001$ e $\beta= 0.18$, $p < 0.001$). Índice de ajuste $\chi^2(8) = 5.23$, $p < 0.732$. O modelo previu 23% da variância da VFP contra o pai.</p>	<p>desligamento do sistema familiar. Associação entre o sexo feminino e maior justificção do comportamento violento.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudo correlacional sem possibilidade de estabelecer relações causais; - Estudo retrospectivo; - Fraca representatividade da amostra.
Loinaz et al. (2020)	- Analisar a existência de diferenças nos fatores de risco	<i>La Guía para la evaluación del riesgo de violencia filio-parental (RVFP).</i>	Análises descritivas: - Análise de frequências e	Diferenças significativas nos fatores de risco, como na escalada, mais prevalente em rapazes, e em problemas de	Não existiram diferenças significativas no uso de violência, contudo o abuso psicológico foi ligeiramente

	<p>entre rapazes e raparigas envolvidas em VFP.</p>		<p>teste qui-quadrado para comparar a prevalência dos fatores de risco;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Teste t de Student; - Análise da curva ROC; - Análises tamanho do efeito. 	<p>autoestima, violência entre os pais, problemas de coabitação e problemas nos pais, mais prevalentes nas raparigas. As raparigas sofreram mais violência doméstica, relataram significativamente mais VFP, mantiveram umais problemas de autoestima e aumentaram a prevalência de violência entre os pais, problemas de coabitação que não fossem VPC e problemas entre os pais. Os rapazes revelaram maior prevalência de abuso de substâncias. Rapazes e raparigas semelhantes no status académico/laboral e nas variáveis familiares. As mães foram mais</p>	<p>maior entre rapazes, contra ambos os pais. Já a violência física foi maior entre filhas. Rapazes e raparigas que cometeram VFP apresentaram parcas diferenças nos fatores de risco. Os resultados não comprovaram maior impulsividade, famílias monoparentais ou uso de substâncias. As raparigas apresentaram maior probabilidade de anteriores contextos problemáticos, problemas de coabitação no seio familiar e menor autoestima. 10% das raparigas revelou maior probabilidade de serem vítimas de bullying, violência intrafamiliar, de raiva, estilo</p>
--	---	--	---	---	---

			<p>frequentemente vitimizadas, em 96.4% por rapazes e 94.3% por raparigas. Já os pais foram vítimas pelos rapazes em 51.8% e em 45.7% pelas raparigas. A violência física foi perpetrada com mais frequência por rapazes (32,1%). A violência física contra a mãe foi mais perpetrada por raparigas (68,6%).</p> <p>A idade em que a violência começa inicia foi igual, $t(71) = -.158, p = .875$, em rapazes ($M = 12.32, DP = 3,59$) e raparigas ($M = 12.46, DP = 3.03$).</p> <p>O nível de risco total na avaliação foi semelhante, $t(89) = .463, p = .645, d = 0.10$, para rapazes ($M = 17.76, DP = 10.1$)</p>	<p>parental problemático e conflitos não violentos entre os pais. Já os rapazes revelaram maior probabilidade de abuso de substâncias e maior escalada de violência. Os rapazes revelaram-se mais antissociais.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fraca representatividade da amostra; - Falta de resultados psicométricos para comparar os fatores de risco.
--	--	--	--	--

				<p>e raparigas (M= 18.74, DP= 9.3).</p> <p>O tamanho do efeito para prever lesões às mães para infratores rapazes foi maior que 68.26% (PSTE= .6826). não houve lesões de raparigas para os pais.</p>	
Loinaz et al. (2023)	- Comparar diferentes perfis de risco de perpetradores de VFP, através de uma ferramenta de avaliação de risco de VFP.	<i>The Child-to-Parent Violence Risk (CPVR).</i>	<p>Análises descritivas:</p> <p>- Estatística qui-quadrado para comparar as proporções de risco e fatores protetores entre especialistas e generalistas e para comparação de sexo;</p> <p>- Análise de</p>	<p>A idade de início da violência entre quem só cometeu VFP (especialistas) e quem cometeu outros delitos (generalistas) foi a mesma (generalistas M= 12.02, DP= 3.33; especialistas M= 12.74, DP= 2.65) $t(204) = -1.45, p = <0.111$.</p> <p>Prevalência significativamente maior nos generalistas para vitimização em casa, vitimização por bullying, problemas de empatia,</p>	<p>A prevalência global de fatores de risco foi maior entre os agressores generalistas, sendo maior a existência de violência em casa, vitimização por bullying, problemas de empatia, problemas de controlo da raiva, justificação da violência, comportamento antissocial, falha de intervenções anteriores, violência entre os pais, problemas de coabitação,</p>

			<p>frequências e Teste T.</p> <p>problemas de controlo da raiva, justificação da violência, comportamento antissocial, fracasso em intervenções anteriores, violência entre os pais, problemas de coabitação, estilo educacional problemático e inversão da hierarquia.</p> <p>Sobre o perfil de risco, este foi mais significativo entre os generalistas (M= 28.56, DP= 7.09), $t(204) = 5,81$, $p < 0,001$, indicando um pior perfil de risco.</p> <p>Rapazes e raparigas especialistas apresentaram o mesmo nível de risco (M= 20.50, DP= 9.23; M= 22.48, DP= 9.22), $t(130) = 1.212$, $p = 0.228$.</p>	<p>estilos educacionais problemáticos e inversão da hierarquia.</p> <p>Os jovens generalistas e especialistas não diferiram na impulsividade, uso de drogas, idade ou pares antissociais.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O tipo de violência não foi avaliado; - A variável para classificar perpetradores foi dicotómica; - Não foram estudadas as descrições de perfis; - Apenas foram realizadas análises bivariadas.
--	--	--	---	--

				<p>Os rapazes agressores generalistas vivenciaram mais violência doméstica, queixas de VFP, problemas de empatia, dificuldades acadêmicas, comportamento antissocial, fracasso de intervenções anteriores, problemas de coabitação e pais com problemas pessoais. Os especialistas apresentaram significativamente mais motivação para mudança ($\chi^2=10.105$, $p=0.002$), planos para o futuro ($\chi^2=4.406$, $p=0.036$) e apoio familiar ($\chi^2=5.220$, $p=0.022$). Raparigas generalistas exibiram mais vitimização por bullying, problemas de controlo da raiva, justificação</p>	
--	--	--	--	---	--

				da violência, comportamento antissocial, problemas de coabitação e conflitos não violentos entre os pais. Já as especialistas apresentaram mais planos para o futuro ($\chi^2=4.406$, $p=0.036$, $p=0.036$) e apoio social ($\chi^2=6.553$, $p=0.010$, $p=0.010$).	
Maranon & Ibabe (2024)	- Identificar características psicológicas e clínicas diferenciais de adolescentes que praticam VFP, bem como de parentalidade e de funcionamento familiar; - Explorar os melhores preditores	VFP: <i>Conflict Tactics Scales Child-Parents (CTS-CP)</i> (Straus & Douglas, 2004). Inteligência emocional: <i>Trait Meta-Mood Scale (TMMS4)</i> (Salovey et al., 1995). Funcionamento psicológico: <i>Outcome Questionnaire (OQ-45)</i> (Lambert et al., 2004). Parentalidade: <i>Parental Bonding Instrument (PBI)</i> (Parker et al., 1979).	Análise descritivas: - Teste t Student e Teste qui-quadrado para verificar as diferenças entre grupos; - d de Cohen e coeficiente de correlação de V de Cramer para	Tamanho do efeito elevado para o nível de escolaridade (V de Cramer = 0.51) e para a estrutura familiar (V de Cramer = 0.41). Adolescentes VFP apresentaram pior funcionamento psicológico ($d=0.57$), menor nível de reparação emocional ($d=-0.37$) e maior sofrimento ($d=0.36$). Relataram ainda menor	Diferenças no perfil psicológico e clínico e no funcionamento familiar. Os adolescentes do grupo VFP apresentaram maior comprometimento psicológico, mais sintomas clínicos e menor inteligência emocional. Revelaram ainda menor capacidade de reparo emocional, indicando dificuldades na capacidade de

<p>relacionados às características do adolescente, à parentalidade e ao funcionamento familiar, para discriminar entre grupos.</p>	<p>Criticismo familiar: <i>Family Emotional Involvement and Criticism Scale</i> (FEICS) (Shields et al., 1992).</p> <p>Adaptação da família e coesão: <i>Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale</i> (FACES II) (Olson et al., 1982).</p> <p>Conhecimento da história de família: <i>Do You Know?</i> (DYK) (Duke et al., 2008).</p>	<p>calcular a magnitude da diferença dos grupos.</p> <p>Análises inferenciais:</p> <p>- Regressão logística;</p> <p>Análises preditivas</p> <p>através da curva ROC e da área Sob a Curva (AUC) usando o software NCSS 2020.</p>	<p>cuidado percebido da mãe $d = -1.11$) e cuidado do pai ($d = -0.93$), maior superproteção dos pais ($d = 0.95$) e das mães ($d = 0.56$). Pior funcionamento familiar no grupo VFP devido menores níveis de coesão familiar ($d = -1.43$), adaptabilidade familiar ($d = -1.24$), conhecimento da história familiar ($d = -0.77$) e maior crítica familiar ($d = 1.33$). A crítica familiar, coesão familiar, conhecimento da história familiar e nível de escolaridade contribuíram significativamente para o modelo. Bom ajuste do modelo estimado $\chi^2(8, n = 133) = 3.35$, $p = 0.910$. O modelo de regressão explicou 64.8% da</p>	<p>interromper e diminuir estados emocionais negativos. Maior percentagem de pais separados (44%) no grupo VFP.</p> <p>Os pais perpetradores de violência demonstraram menor nível de cuidado com seus filhos e um estilo parental caracterizado por superproteção.</p> <p>Os adolescentes VFP relataram pior funcionamento familiar (críticas e baixa coesão familiar, adaptabilidade ou conhecimento da história familiar). A crítica familiar relatada indica uma falta de apoio emocional e descrédito mútuo nas famílias.</p>
--	---	--	--	--

			<p>variância. Os resultados revelaram que a crítica familiar (OR= 1.105, p= 0.03) foi preditor de VFP.</p> <p>Coesão familiar foi um preditor com maior área sob a curva ROC, discriminando 84% dos adolescentes entre amostras não-VFP e VFP [AUC= 0.839; IC de 95% = 0.7577 – 0.895; p < 0.001], seguindo-se a crítica familiar com 83% [AUC= 0.828; IC de 95% = 0.744 – 0.887; p < 0.001] e nível de escolaridade [AUC= 0.775; IC de 95% = 0.693 – 0.840; p < 0.001].</p> <p>Boas pontuações de corte para coesão familiar e crítica familiar.</p>	<p>Ponto de corte ideal identificado de 17 discriminou com precisão a maioria dos adolescentes no estudo atual, com índices de especificidade (77%) e sensibilidade (75%), próximos do limite padrão (80%).</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudo transversal; - Uso de medidas de autorrelato; - Poucos abusos relatados; - Fraca representatividade da amostra.
--	--	--	--	---

<p>Martín et al. (2022)</p>	<p>- Estabelecer um perfil psicossocial de adolescentes e adultos que admitiram ter cometido violência entre pais e filhos.</p>	<p>VFP: <i>Self-Reported Child-to-Parent Violence</i> (Hernández, 2016).</p> <p>Exposição a violência: <i>Exposure to Violence Scale</i> (Orue & Calvete, 2010).</p> <p>Autoconceito: <i>Self-Concept Scale</i> (Garcia & Musitu, 2014).</p> <p>Reatividade: <i>Interpersonal Reactivity Index</i> (Davis, 1980).</p> <p>Estilo de resolução de problemas: <i>Social Problem-Solving Inventory-Revised</i> (D’Zurilla et al., 1999).</p>	<p>Análise descritivas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Teste t Student para analisar diferenças entre grupos; - d de Cohen para o tamanho do efeito. <p>Análises inferenciais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Regressão automática; - Regressão logística. 	<p>O melhor modelo preditivo de VFP incluiu o autoconceito acadêmico ($\beta = -0.149$) e o autoconceito familiar ($\beta = -0.177$), os estilos evitativos ($\beta = 0.313$) e racional de resolução de problemas ($\beta = -0.239$), e a orientação negativa em relação aos problemas ($\beta = -0.533$).</p> <p>Os participantes que reconheceram ter exercido VFP apresentam orientação negativa em relação aos problemas, um estilo evitativo e um estilo menos racional de resolução de problemas.</p> <p>Índices de qualidade de ajuste adequados obtidos com o modelo clássico (R^2 ajuste = 0.255) e com a réplica</p>	<p>A existência de um perfil de agressores de VFP comum a adolescentes e adultos.</p> <p>Exposição a violência e autoconceito familiar são variáveis que mais definem o perfil psicossocial do agressor de VFP. O autoconceito acadêmico também diferenciou aqueles que reconheceram ter praticado VFP e aqueles que não o fizeram.</p> <p>Nenhuma variável de empatia (fantasia, tomada de perspectiva, preocupação empática, sofrimento pessoal) esteve relacionada à VFP.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Amostra totalmente
------------------------------------	---	---	--	---	---

				bayesiana ($R^2 = 0.294$; $BFM = 83.736$; $BF10 = 202,011$).	masculina; - Estudo transversal e retrospectivo.
Martínez-Ferrer et al. (2020)	- Analisar as relações entre VFP e sofrimento psíquico, ideação suicida e autoconceito familiar em adolescentes em idade escolar, considerando a perspectiva de sexo.	Estratégias de conflito: <i>Conflict Tactics Scales (CTS2)</i> (Straus & Douglas, 2004). Distress: <i>Psychological Distress Scale (K10)</i> (Kessler & Mroczek, 1994). Ideação suicida: <i>Suicidal Ideation Scale</i> (Roberts, 1980). Autoconceito familiar e social: <i>Form-5 Scale (AF-5)</i> (García and Musitu, 1999).	Análises descritivas: - Análise de frequências de acordo com o sexo, VFP, distress psicológico, ideação suicida e autoconceito. Análises inferenciais: - MANOVA; - ANOVA.	Diferenças significativas obtidas nos efeitos principais do VFP [$\alpha = 0.895$, $F(816.210) = 159.598$, $p < 0.001$, $\eta^2 = 0.073$] e sexo [$\alpha = 0.977$, $F(4, 8.105) = 48.030$, $p < 0.001$, $\eta^2 = 0.023$]. Interação estatisticamente significativa para VFP e sexo [$\alpha = 0.992$, $F(8, 16.210) = 7.735$, $p < 0.001$, $\eta^2 = 0.004$]. Diferenças significativas no distress psicológico [$F(2, 8.112) = 545.973$, $p < 0.001$,	Os níveis de VFP aumentaram à medida que o sofrimento psicológico aumentava. Maior envolvimento em VFP resultou em níveis mais elevados de ideação suicida. VFP pode ser uma expressão de desajuste em jovens, associada a sofrimento psicológico. VFP aumentou à medida que o autoconceito familiar e social diminuiu. As raparigas revelaram

			<p> $\eta^2 = 0.119$], ideação suicida [F(2, 8,112) = 318.600, $p < 0.001$, $\eta^2 = 0.073$], autoconceito familiar [F(2, 8,112) = 251.839, $p < 0.001$, $\eta^2 = 0.058$], e autoconceito social [F(2,8,111) = 32.288, $p < 0.001$, $\eta^2 = 0.008$]. </p> <p> Efeito estatisticamente significativo entre VFP, sexo e distress psicológico [F(2, 8,108) = 17.049. Quando a VFP era baixa, moderada ou alta, as raparigas relataram pontuações mais altas em sofrimento psicológico. Efeito de interação estatisticamente significativo entre VFP, sexo e ideação suicida [F(2, 8,108) = 14.311, $p < 0.001$, $\eta^2 = 0.004$]. Efeito de interação estatisticamente </p>	<p> maiores níveis de sofrimento psicológico e ideação suicida e níveis mais baixos de autoconceito familiar. </p> <p> Limitações: </p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudo transversal; - Pouca representatividade da amostra; - Aplicadas medidas de autorrelato.
--	--	--	--	---

				significativo entre VFP, sexo e autoconceito familiar [F(2, 8,108) = 9.396, p < 0.001, η^2 = 0.002].	
Nam et al. (2022)	- Investigar a relação entre a violência familiar iniciada por adultos e a VFP, focando no efeito moderador do apego entre pares nessa relação.	VFP: Escalas táticas de conflito (CTS) (Straus, 1979). Abuso infantil: <i>Parent-Child Conflict Tactics Scales</i> (PCCTS) (Straus et al., 1998). Exposição da criança a violência do parceiro íntimo: CTS (Straus, 1979). Apego aos pares: <i>Inventory of Parent and Peer Attachment</i> (IPPA) (Armsden & Greenberg, 1987).	Análises descritivas: - Análise de frequências da amostra e da prevalência de VFP e de vitimização. Análises inferenciais: - ANOVA; - Análise de regressão hierárquica múltipla.	17.1% dos jovens perpetraram VFP. 16.2% praticaram VFP psicológica e 6% VFP física. 66.8% relataram ter sofrido de abuso infantil pelos pais, sendo que 35.6% sofreram abuso físico e 34.4% testemunharam violência entre parceiros. Modelo estatisticamente significativo, explicando 16% da variância no VFP (F (8, 674) = 17.30, p < 0.001). Abuso infantil associado a VFP (p < 0.001). A autoestima associou-se a VFP (p < 0,04). O 2º modelo explicou 25% da variância da VFP (F (10, 672) =	Os maus tratos infantis aumentam significativamente a VFP. Adolescentes com baixa autoestima apresentaram VFP mais alta. O apego aos pares aliviou o efeito do abuso infantil na VFP. Um alto nível de apego aos pares diminuiu o impacto do abuso infantil na VFP. Limitações: - Estudo transversal; - Fraca capacidade de generalização de resultados; - Aplicadas medidas de

				23.07, $p < 0.001$). Interação significativa entre abuso infantil e apego aos pares ($B = -0.22$, $p < 0.001$).	autorrelato.
Navas-Martínez & Cano-Lozano (2022)	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar a tipologia do agressor especialista versus a tipologia do agressor generalista; - Examinar se diferem nas suas características. 	<p>VFP: <i>Child-to-Parent Violence Questionnaire, Adolescents Version</i> (CPV-Q-A) (Contreras & Cano-Lozano, 2019).</p> <p>Comportamentos violentos contra os pares: <i>European Bullying/Cyberbullying Intervention Project Questionnaires</i> (EBIP-Q e ECIP-Q) (Ortega-Ruiz & Del Rey, 2016).</p> <p>Inteligência emocional: <i>Wong-Law Emotional Intelligence Scale</i> (WLEIS) (Wong & Law, 2002).</p> <p>Resiliência: <i>Connor-</i></p>	<p>Análises descritivas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Teste qui-quadrado para determinar diferenças na distribuição dos agressores em função da idade e sexo; - d de Cohen para o tamanho do efeito; - Teste U de Mann-Whitney para as diferenças entre 	<p>Sem diferenças de sexo entre especialistas e generalistas ($\chi^2(1, 1558) = 0.06$, $p = 0.799$).</p> <p>Mais generalistas (64.8%) do que de especialistas (57.2%) com idades entre os 14 e os 16 anos. Mais especialistas (42.9%) do que de generalistas (35.2%) entre os 12 e 13 anos e os 17 e 18 anos.</p> <p>Os generalistas obtiveram pontuações mais altas na VFP contra ambos os pais (VFP mãe $d = 0.60$; VFP pai $d = 0.54$).</p> <p>Pontuações mais elevadas em todos os tipos de VFP e nos motivos reativos e proativos.</p>	<p>Confirmada a existência de 2 tipos de agressores de VFP. Maioria da VFP ocorre num padrão generalizado de comportamento violento. Especialistas e generalistas diferiram em todas as variáveis menos no sexo, no controlo/domínio em relação ao pai, na capacidade de reconhecer as emoções dos outros e na observação de violência física entre os pais. Agressores generalistas exerceram violência em vários contextos e apresentaram níveis mais elevados de</p>

		<p><i>Davidson Resilience Scale, Short-Version</i> (CD-RISC-10) (Connor & Davidson, 2003).</p> <p>Apego parental: <i>Attachment Representation Questionnaire, Short Version</i> (CAMIR-R) (Pierrehumbert et al., 1996).</p> <p>Exposição a violência: <i>Violence Exposure Scale</i> (VES) (Calvete et al. 2014).</p>	<p>grupos.</p> <p>Análises inferenciais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Regressão logística; - Teste de Wald para a significância dos parâmetros no modelo. 	<p>Os generalistas tiveram pontuações menores na percepção, assimilação e regulação das próprias emoções, e na capacidade de resiliência. Pontuações mais altas no apego inseguro (preocupado, evitado e traumatizado). No funcionamento familiar, os generalistas obtiveram pontuações mais altas na permissividade parental e mais baixas no valor atribuído à autoridade parental ($d < 0.20$). O modelo classificou corretamente 78.2% dos casos e foi estatisticamente significativo ($\chi^2 (4, 1559) = 173.02, p < 0.001, R^2$ Nagelkerke = 0.164),</p>	<p>comportamento violento contra ambos os pais, sendo este mais agressivo do que os especialistas.</p> <p>Agressores generalistas exerceram mais VFP proativa. Generalistas apresentaram menor inteligência emocional. Os generalistas apresentaram ainda vínculos emocionais mais inseguros com os pais.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudo transversal; - Fraca representatividade da amostra; - Aplicadas medidas de autorrelato.
--	--	---	--	---	--

				representando 16.4% da variação no tipo de agressor.	
Navas-Martínez & Cano-Lozano (2023)	<p>- Explorar a frequência de diferentes tipos de experiências adversas na infância e experiências adversas na infância cumulativas em adolescentes que cometeram VFP, comparativamente com os que não cometeram VFP;</p> <p>- Analisar as diferenças entre agressores com diferentes níveis de experiências adversas</p>	<p>VFP: <i>Child-to-Parent Violence Questionnaire</i> (CPV-Q) (Contreras et al., 2019).</p> <p>Exposição a violência na família: <i>Violence Exposure Scale</i> (VES) (Calvete et al., 2014).</p> <p>Exposição a violência entre os pares: <i>European Bullying Intervention Project Questionnaire</i> (EBIP-Q) (Brighi et al., 2012); <i>European Cyberbullying Intervention Project Questionnaire</i> (ECIP-Q) (Ortega-Ruiz et al., 2016).</p> <p>Experiência adversas na infância: <i>Adverse Childhood</i></p>	<p>Análises descritivas:</p> <p>- Análise de frequências dos adolescentes que experienciaram experiências adversas na infância;</p> <p>- Teste qui-quadrado e coeficiente ϕ para aqueles que não experienciaram.</p> <p>Análises inferenciais:</p> <p>- Análise hierárquica de</p>	<p>Mais experiências adversas na infância foram encontradas em adolescentes que cometeram VFP, 39.8% e 42.3% sofreram abuso direto da mãe e do pai, respectivamente, e 1.2% e 5.7% sofreram abandono da mãe e do pai. O abuso dos pares variou entre 50% a 77%. Proporção maior de experiências adversas na infância cumulativas nos jovens que cometeram VFP (88%), comparativamente com os que não cometeram. O grupo com alto nível de experiências adversas foi composto por 274 agressores (18.9%) (M= 7.9, DP= 1.2, intervalo: 7-12) e o grupo com</p>	<p>Experiências de vida adversas relacionadas a abuso foram frequentes em adolescentes que cometeram VFP, especificamente 39.8% sofreu abuso pela mãe, 42.3% abuso pelo pai, 16.7% testemunharam abuso do pai contra a mãe e 50.9% sofreu cyberbullying. 22% dos agressores de VFP sofreram vitimização cumulativa (abuso parental e entre pares) e, em geral, foram caracterizados por níveis de apego parental inseguro, menores níveis de resiliência e menor inteligência emocional. Grandes diferenças no apego</p>

<p>cumulativas no apego parental, resiliência e inteligência emocional.</p>	<p><i>Experiences Questionnaire ad hoc</i> (Télléz et al., 2022).</p> <p>Apego: <i>Attachment Representations Questionnaire</i> (CAMIR-R) (Pierrehumbert et al., 1996).</p> <p>Resiliência: <i>Connor and Davidson Resilience Scale</i> (CD-RISC-10) (Connor & Davidson, 2003).</p> <p>Inteligência emocional: <i>Wong and Law Emotional Intelligence Scale</i> (WLEIS) (Wong & Law, 2002).</p>	<p>clusters; - ANOVA; - d de Cohen para o tamanho do efeito.</p>	<p>baixas experiências adversas foi composto por 1.003 agressores (69.1%) (M= 3.9, DP= 1.3, intervalo: 2-6). Os grupos sem experiências adversas foi constituído por 174 agressores (12%) (M= 0.7, DP= 0.4, intervalo: 0-1). Diferenças intergrupais significativas (χ^2 (24, 1,451) = 2902.0, $p < 0.001$, $\phi = 1.4$) e na pontuação média das experiências adversas ($F = 4732,0$, $p < 0.001$). Os 2 grupos de agressores com experiências adversas cumulativas obtiveram valores mais baixos no apego parental seguro e mais altos no apego parental inseguro, do que o grupo de agressores sem</p>	<p>traumatizado e na assimilação e regulação emocional, podendo indicar que agressores com experiências adversas cumulativas tendem a desenvolver representações mentais dos seus pais, de si mesmos e do mundo baseados na falta de afeto, associando-se a dificuldades na regulação emocional.</p> <p>As experiências de vida adversas na infância predisseram diretamente a VFP. Relações negativas entre VFP e apego parental seguro, resiliência e inteligência emocional.</p> <p>Limitações: - Estudo transversal;</p>
---	--	--	--	---

			<p>experiências adversas cumulativas.</p> <p>O grupo com alto nível de experiências adversas obteve pontuações mais baixas na resiliência em comparação aos grupos com baixo e sem experiências adversas.</p> <p>Na inteligência emocional, os 2 grupos de experiências adversas cumulativas obtiveram valores mais baixos.</p> <p>A VFP está positivamente relacionada com experiências de vida adversas, apresentando também relações negativas com o apego parental seguro, resiliência e inteligência emocional.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicadas medidas de autorrelato; - Limites na generalização dos resultados; - Um maior número de experiências de vida adversas familiares do que extrafamiliares, foi avaliada.
--	--	--	--	--

<p>Navas-Martínez et al. (2023)</p>	<p>- Analisar se a vitimização familiar está relacionada à VFP por meio do apego parental inseguro;</p> <p>- Examinar a relação entre estilos de apego inseguro e VFP;</p> <p>- Analisar o papel mediador do apego inseguro na relação entre ambos os tipos de vitimização familiar.</p>	<p>VFP: <i>Child-to-Parent Violence Questionnaire, young version</i> (CPV-Q) (Cano-Lozano et al., 2021).</p> <p>Vitimização familiar: <i>Violence Exposure Scale</i> (VES) (Orue & Calvete, 2010).</p> <p>Apego parental: <i>Attachment Representation Questionnaire, short version</i> (CaMir-R) (Pierrehumbert et al., 1996).</p>	<p>Utilizados os softwares R versão 4.1.3 e o Jamovi versão 2.2.5.</p> <p>Análise psicométrica:</p> <p>- Análise fatorial confirmatória.</p> <p>Análises descritivas</p> <p>- Análise das frequências, incluindo a normalidade pelo Teste de Mardia.</p> <p>Análises inferenciais:</p> <p>- Regressão linear.</p>	<p>O apego inseguro, especificamente o estilo traumatizado, é mediador significativo da relação entre vitimização familiar e VFP.</p> <p>Relações significativas e positivas em todas as variáveis.</p> <p>A VFP contra o pai e contra a mãe está relacionada à vitimização familiar direta ($r=0.355$, $r=0.385$) e vicária ($r=0.169$, $r=0.162$), respectivamente. A vitimização familiar esteve relacionada aos estilos de apego preocupado ($r=0.198$, $r=0.116$), evitativo ($r=0.263$, $r=0.211$) e traumatizado ($r=0.373$, $r=0.539$), que também estão relacionados à VFP contra o pai ($r=0.168$, $r=0,206$, $r=0,287$) e à VFP contra</p>	<p>Uma relação mais forte entre VFP e vitimização direta do que entre VFP e vitimização vicária.</p> <p>Relações positivas e significativas entre vitimização familiar e o apego preocupado, evitativo e traumatizado. O apego traumatizado foi o estilo mais ligado à vitimização familiar direta e vicária.</p> <p>Os estilos de apego parental que explicaram a VFP não foram os mesmos quando a violência foi direcionada aos pais e às mães. O apego traumatizado esteve associado à VFP contra ambos os pais e o apego evitativo esta associado apenas a VFP</p>
--	--	--	--	--	--

			<p>a mãe ($r= 0.179$, $r= 0.226$, $r= 0.307$).</p> <p>No modelo de violência entre filhos e pais, o efeito total da relação entre vitimização familiar direta e VFP é significativo ($\beta= 0.34$, $p < 0.001$), devendo-se à relação direta entre variáveis ($\beta= 0.29$, $p < 0.001$) e do efeito indireto do apego traumatizado ($\beta= 0.03$, $p = 0.006$). Já no modelo de violência entre filhos e mães, o efeito total da relação entre vitimização familiar direta e VFP é significativo ($\beta= 0.38$, $p < 0.001$), devendo-se ao efeito da relação direta entre essas variáveis ($\beta= 0.32$, $p < 0.001$) e da relação indireta do</p>	<p>contra as mães.</p> <p>A vitimização direta esteve diretamente relacionada à VFP e indiretamente ao apego traumatizado.</p> <p>A relação entre vitimização direta e VFP foi melhor explicada pelo efeito do apego traumatizado.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudo transversal e retrospectivo; - Aplicadas medidas de autorrelato; - Limitação na generalização dos resultados; - A confiabilidade da escala de apego evitativo propões uma análise cautelosa.
--	--	--	--	---

				apego traumatizado ($\beta= 0.04$, $p < 0.001$).	
Padilla-Falcón & Moreno-Manso (2019)	<p>- Analisar as características psicossociais e clínicas de menores denunciados por VFP;</p> <p>- Analisar o perfil das suas famílias e as medidas judiciais impostas.</p>	<p>Dados obtidos de processos do Ministério Público de Menores da província de Badajoz, entre os anos de 2012 e 2017.</p> <p>Personalidade: <i>Inventario de evaluación de la personalidad par adolescents</i> (PAI-A) (Morey, 2007).</p>	<p>Análise descritiva:</p> <p>- Análise das frequências das variáveis, das diferenças significativas das escalas/subescalas do PAI-A segundo o sexo e idade e das medidas judiciais segundo o sexo e idade.</p>	<p>Tanto em rapazes como raparigas predominaram agressões contra a mãe, seguindo-se as agressões contra ambos os pais.</p> <p>Maior prevalência de relações sociais conflituosas em rapazes e jovens com 16/17 anos.</p> <p>48.3% das famílias são constituídas por ambos os pais, 33.8% são famílias monoparentais e 17.9% são famílias reconstituídas.</p> <p>O estilo parental do pai predominou em 43.4% e o estilo parental da mãe em 73.1%. 9% dos pais e 6.9% das mães consomem substâncias. 79.3% dos pais não</p>	<p>O comportamento agressivo direcionado a ambos os pais aumenta com o avançar da idade.</p> <p>Rapazes de 16/17 anos apresentaram-se como mais adaptados.</p> <p>Presença de consumo esporádico de substâncias entre 60% a 770% dos casos.</p> <p>As pontuações das raparigas foram mais elevadas na ansiedade, transtornos relacionados com o stress pós-traumático, paranoia e características limite. A nível da ansiedade experimentam maior preocupação, sensibilidade, apreensão e</p>

			<p>apresentaram transtornos psicológicos.</p> <p>Quanto aos jovens, verificou-se valores mais elevados na ansiedade (M= 56.43, DP= 6.81), depressão (M= 56.04, DP= 4.34), características limite (M= 56.06, DP= 4.40) e problemas com drogas (M= 57.39, DP= 6.01), contudo sem elevada relevância. Pontuações acima da média na ansiedade cognitiva (M= 59.02, DP= 5.20), emocional (M= 59.11, DP= 4.30) e fisiológica (M= 60.64, DP= 5.72). Pontuações médias na depressão cognitiva (M= 57.92, DP= 4.69) e emocional (M= 57.18, DP= 5.67). Nas características limite existiu um valor acima da</p>	<p>tensão.</p> <p>Os rapazes obtiveram maiores valores nas fobias, nível de atividade, indiferença social, autoagressões, características antissociais, egocentrismo, problemas com drogas e agressão física. Estes apresentaram historial de comportamento antissocial e podem ter manifestado algum transtorno de comportamento. As medidas judiciais mais impostas foram o grupo educativo e a liberdade condicional.</p> <p>Limitações:</p> <p>- Estudo de contexto jurídico e de apenas uma província, o</p>
--	--	--	---	--

			<p>média nas autoagressões (M= 57.81, DT= 5.01). Na paranoia destacou-se o ressentimento (M= 60.69, DP= 5.00). Nas características antissociais destacou-se o comportamento antissocial (M= 56.28, DP= 5.58). Na agressão os valores foram mais elevados na agressão física (M= 56.88, DP= 6.99) e atitude agressiva (M= 54.97, DP= 4.85).</p> <p>Nos jovens de 14/15 anos observou-se maior pontuação na escala de transtornos somatoformes, transtornos relacionados à ansiedade, esquizofrenia, características limite e antissociais e problemas com o álcool. Já nos jovens de 16/17 anos destaca-se</p>	<p>que limita a generalização dos resultados.</p>
--	--	--	---	---

				<p>a ansiedade e problemas com drogas.</p> <p>Diferenças significativas entre sexo na orientação da medida judicial ($t(103, 24.08) = -0.291, p= 0.771$).</p>	
Palanques et al. (2022)	<p>- Analisar o perfil criminológico de menores que cometeram VFP em comparação com menores que cometeram outros tipos de crime.</p>	<p>Risco de reincidência: <i>The Youth Level Service of Case Management Inventory</i> (YLS/CMI). Entrevistas aos jovens e famílias.</p>	<p>Análises descritivas:</p> <p>- Testes qui-quadrado</p> <p>Análises de variância:</p> <p>- ANOVA</p>	<p>O sexo dos jovens foi, maioritariamente, masculino (63.4%).</p> <p>Maior taxa de reincidência nos jovens que cometeram VFP (60.1%) assim como mais crimes cometidos (2.54%).</p> <p>O grupo VFP apresentou um risco moderado de reincidência (68.1%), enquanto o grupo de comparação um baixo risco (55.5%), $\chi^2(2) = 50.45, p = .000$. As maiores diferenças entre fatores de risco foram nas subescalas da família,</p>	<p>Os jovens do grupo VFP foram, maioritariamente, rapazes, sendo a média de idades 16 anos.</p> <p>Grande percentagem de reincidência e de crimes cometidos no grupo VFP durante a realização do estudo, possivelmente, devido à impulsividade de apresentam.</p> <p>Grande média no abuso de substâncias e nas circunstâncias familiares, o que poderá refletir</p>

				<p>parentalidade, personalidade/comportamento e abuso de substâncias.</p> <p>Sobre as medidas aplicadas, os jovens VFP receberam mais a medida de liberdade vigiada (46.6%) e o confinamento (21.6%).</p>	<p>desconforto mental.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dados de uma única província espanhola, limitando a generalização dos resultados; - Relutância em denunciar VFP por parte dos pais.
Rosado et al. (2017)	<p>- Analisar o papel da sintomatologia psicopatológica dos jovens na prática de VFP;</p> <p>- Verificar o papel moderador do sexo sobre os referidos sintomas.</p>	<p>Sintomas: <i>Symptom Checklist-90-Revised</i> (SCL-90-R) (Derogatis, 2001).</p> <p>VFP: <i>Child-to-Parent Aggression Questionnaire</i> (CPAQ) (Calvete et al., 2013).</p>	<p>Análises descritivas:</p> <p>- Análise das frequências das variáveis sociodemográficas, escalas do SCL-90-R, tipos de VFP, consumo de substâncias e a importância</p>	<p>VFP psicológica foi a mais frequente, contra a mãe (M= 0.59, DP= 0.50) e contra o pai (M= 0.49, DP= 0.49). Comportamentos mais violentos direcionados às mães do que aos pais (M= 0.44, DP= 0.39; M= 0.36, DP= 0.37). 21.7% admitiram ter cometido agressão psicológica grave contra o pai e 27% contra a mãe.</p>	<p>A importância atribuída aos estudos foi um fator de proteção contra a prática de VFP.</p> <p>O uso de drogas pelos participantes esteve relacionado a todos os tipos de VFP, exceto a física.</p> <p>Relação entre VFP total e psicológica contra a mãe e sexo, existindo maior probabilidade de raparigas</p>

			<p>dada aos estudos.</p> <p>Análises inferenciais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Regressão linear múltipla; - Regressão linear múltipla hierárquica. 	<p>Na VFP total contra o pai o modelo de regressão linear múltipla com R^2 ajustado = 0.21, $F(13, 806) = 16.96$, $p < 0.001$, revelando que a importância dos jovens sobre os seus estudos $\beta = -0.156$, $p < 0.001$, o uso de drogas, $\beta = 0.141$, $p < 0.001$, e a idade, $\beta = 0.067$, $p < 0.05$, predizem a VFP contra o pai. As escalas de ideação paranoide, $\beta = 0.116$, $p < 0.05$, depressão, $\beta = -0.179$, $p < 0.05$, e hostilidade, $\beta = 0.284$, $p < 0.001$, também são preditoras. Na VFP psicológica contra o pai o modelo de regressão linear múltipla com R^2 ajustado = 0.186, $F(13, 813) = 15.56$, $p < 0.001$, e relacionou-se à importância</p>	<p>cometerem estes atos violentos.</p> <p>Relação positiva entre hostilidade e todos os tipos de VFP para ambos os pais, portanto um jovem irritado e mal-humorado tem maior probabilidade de responder a conflitos familiares violentamente.</p> <p>Relação negativa entre depressão e VFP de todos os tipos.</p> <p>Relação entre ideação paranoica e VFP psicológica e total contra ambos os pais.</p> <p>Não foi encontrada relação entre a ansiedade as várias formas de VFP.</p> <p>A sintomatologia psicopatológica teve maior</p>
--	--	--	--	--	---

			<p>dada aos estudos, $\beta = -0.136$, $p < 0.001$, ao uso de drogas ou álcool, $\beta = 0.120$, $p < 0.001$, e à idade, $\beta = 0.067$, $p < 0.05$, assim como às escalas de ideação paranoica, $\beta = .136$, $p < .05$, depressão, $\beta = -.161$, $p < .01$, e hostilidade, $\beta = .278$, $p < .001$. A VFP física contra o pai obteve R^2 ajustado = .040, $F(13, 830) = 3.15$, $p < .001$, relacionando-se com psicoticismo, $\beta = .128$, $p < .05$, e hostilidade, $\beta = .091$, $p < .05$. A VFP económica contra o pai relacionou-se com a importância aos estudos, $\beta = -.177$, $p < .001$, o uso de drogas, $\beta = .208$, $p < .001$, e o uso de drogas pelo pai, $B = .066$, $p < .05$, tal como hostilidade, $\beta =$</p>	<p>poder preditivo em jovens com idades entre 16 e 18 anos. Os efeitos da psicopatologia na perpetração de VFP em relação ao pai e à mãe dependem do sexo do agressor. Na VFP total contra o pai, foi encontrada uma relação com a sensibilidade interpessoal nos rapazes. Sintomas obsessivos, relacionaram-se mais a VFP total contra o pai no caso das raparigas. Na VFP total contra a mãe existiu relação positiva na sensibilidade interpessoal nos rapazes.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudo correlacional;
--	--	--	---	--

			<p>.210, $p < .001$, sensibilidade interpessoal, $\beta = .131$, $p < .05$, psicoticismo, $\beta = .120$, $p < .05$, e depressão, $\beta = -.198$, $p < .05$.</p> <p>Quanto à VFP total contra a mãe o modelo de regressão linear múltipla com R^2 ajustado = .26, $F(13, 811) = 22.27$, $p < .001$, relacionando-se com o sexo feminino, $\beta = .084$, $p < .05$, a importância aos estudos, $\beta = -.159$, $p < .001$, o uso de drogas, $\beta = .177$, $p < .001$, e a idade, $\beta = .075$, $p < .05$.</p> <p>A ideação paranoica, $\beta = .106$, $p < .05$, depressão, $\beta = -.173$, $p < .01$, e hostilidade, $\beta = .335$, $p < .001$. Na VFP psicológica contra a mãe o sexo, $\beta = .089$, $p < .01$, a importância aos estudos, $\beta = -.143$, $p < .001$, o</p>	<p>- Baixo número de menores que confirmaram a prática de comportamentos graves;</p> <p>- Variáveis familiares avaliadas pelos participantes.</p>
--	--	--	---	---

			<p>uso de drogas, $\beta = .156$, $p < .001$, e a idade, $\beta = .085$, $p < .01$, relacionaram-se, tal como às escalas de sensibilidade interpessoal, $\beta = .112$, $p < .05$, depressão, $\beta = -.154$, $p < .01$, e hostilidade, $\beta = .323$, $p < .001$.</p> <p>O modelo explicou 23% da variância na VFP psicológica contra a mãe, com $F(13, 832) = 20.39$, $p < .001$. A VFP física contra a mãe revelou R^2 ajustado = .075, $F(13, 841) = 6.33$, $p < .001$, relacionando-se com importância dos estudos, $\beta = -.096$, $p < .05$, e a hostilidade, $\beta = .199$, $p < .001$.</p> <p>A VFP económica contra a mãe relacionou-se a importância aos estudos, $\beta = -.137$, $p < .001$, o uso de drogas, $\beta = .179$, $p <$</p>	
--	--	--	--	--

				.001, a hostilidade, $\beta = .220$, $p < .001$, o psicoticismo, $\beta = .137$, $p < .05$) e a depressão, $\beta = -.182$, $p < .01$.	
Sasaki et al. (2021)	- Avaliar as características clínicas de pacientes psiquiátricos de crianças e adolescentes praticantes de VFP.	VFP: entrevistas individuais a pacientes e pais. Diagnóstico psiquiátrico baseado no DSM-5. Perturbações da ansiedade: <i>Spence Children's Anxiety Scale</i> (SCAS) (Spence, 1998). Depressão: <i>Depression Self-Rating Scale for Children</i> (DSRS) (Birlleson, 1981). Autismo: <i>Tokyo Autistic Behavior Scale</i> (TABS) (Tachimori et al., 2000). PHDA: <i>ADHD-Rating Scale</i> (ADHD-RS) (DuPaul & Power, 1998).	Utilizado o software Easy R Package V.1.40. Análise descritivas: - Teste qui-quadrado de Pearson para comparar proporções das variáveis entre grupos; - Teste U de Mann-Whitney para comparar variáveis entre grupos.	Os valores de TABS, ADHD-RS e ODBI, o sexo masculino (70.6%) e o comportamento antissocial (42.2%), histórico de abuso (33%), experiência com abuso físico (18.3%), abuso psicológico (16.5%) e testemunho de violência (11%) foram significativamente maiores no grupo VFP. Perturbações do neurodesenvolvimento foram maiores no grupo VFP. Sem diferenças significativas nas perturbações de ansiedade e depressão.	A proporção de crianças que sofreram abuso físico, psicológico e que testemunharam violência entre os pais foi significativamente maior em crianças com VFP. Sem diferenças significativas na depressão. Maior proporção de pacientes com perturbações do neurodesenvolvimento no grupo VFP, existindo maior probabilidade de características PHDA estarem associadas a esta violência, tal como a impulsividade.

		<p>Comportamento desafiador: <i>Oppositional Defiant Behavior Inventory</i> (ODBI) (Burns et al., 2009).</p>	<p>Análises inferenciais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Análises de regressão logística univariada e multivariada. 	<p>A análise de regressão logística multivariada revelou que o comportamento antissocial, pontuação do PHDA e histórico de abuso foram independentemente associados a VFP.</p>	<p>Diferença significativa entre TABS e ADHD-RS. VFP não se correlacionou significativamente com a recusa escolar.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Viés de apuramento; - Informações baseadas em autorrelato dos pacientes e relatos dos pais; - Viés de seleção e amostra pequena.
<p>Sheed et al. (2023)</p>	<p>- Examinar como as características dos jovens praticantes de VFP diferem entre o início da adolescência, final da adolescência e o</p>	<p>Informações da base de dados da Polícia do estado de Victoria, Austrália.</p>	<p>Análises descritivas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Análise de frequências para a amostra por idade e sexo.; - Teste qui-quadrado. 	<p>Abuso entre pais e parceiros íntimos foram as relações de abuso mais comuns. Vítimas foram predominantemente mulheres e o agressor, tendencialmente, homens. Sem diferenças significativas</p>	<p>A maioria dos usuários de VFP eram rapazes e tinham como alvo uma vítima do sexo feminino. Jovens adultos usuários de VFP foram significativamente rapazes e focaram em vítimas do sexo masculino.</p>

<p>início da idade adulta.</p>		<p>Análises inferenciais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Análises de comparações múltiplas com correção de Bonferroni-Holm para dados sociodemográficos, psicossociais e características da vítima; - Curva de sobrevivência de Kaplan-Meier. 	<p>relacionadas à idade. Diferenças relacionadas à idade em relação ao abuso de substâncias, desemprego e VFP. Sem diferenças significativas relacionadas à idade e taxa de reincidência. Os agressores de VFP adultos apresentaram maior probabilidade de serem rapazes e de terem vítimas com o mesmo sexo. No início da adolescência foram mais praticantes de VFP as raparigas e de terem vítimas com o mesmo sexo. Grandes taxas de desemprego ou abandono escolar e de abuso de substâncias. Os resultados indicam que os problemas de saúde mental são</p>	<p>Taxas elevadas de desemprego/abandono escolar e abuso de substâncias entre os praticantes de VFP no final da adolescência e na fase adulta jovem. Valores mais elevados no consumo de substâncias nos praticantes de VFP do que na comunidade em geral. Necessidades de saúde mental e a vitimização em violência familiar ocorreram em taxas elevadas em todas as faixas etárias. Os problemas de saúde mental verificaram-se mais elevados nos jovens praticantes de VFP do que na população em geral.</p> <p>Limitações:</p>
--------------------------------	--	--	---	---

				mais elevados nos jovens perpetradores de VFP.	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização de informações policiais de casos reportados, o que limita a comparação com outros estudos; - Relutância social em denunciar casos de VFP; - Ausência de um grupo de comparação que limita a compreensão de como as características podem correlacionar-se com o risco de VFP.
Suárez-Relinque et al. (2020)	- Realizar uma análise psicossocial da VFP numa amostra escolar, considerando variáveis individuais e familiares de acordo com o sexo.	Stress psicológico: <i>Kessler Psychological Distress Scale (K10)</i> (Kessler & Mroczek, 1994). Uso problemático das redes sociais: <i>Adolescence scale</i> (Martínez-Ferrer et al., 2018). Perceção social não conformista: <i>Reputation</i>	Análises descritivas: <ul style="list-style-type: none"> - Análises de frequências, Teste t de Student e correlação de Pearson para as variáveis em 	Raparigas obtiveram pontuações mais elevadas na VFP, stress psicológico e no uso problemático de redes sociais. Os rapazes pontuaram mais elevado na VFP física e na atitude não conformista. Diferenças estatisticamente significativas na VFP de acordo	Raparigas com valores mais altos na VFP, assim como no stress psicológico, no uso problemático das redes sociais, na comunicação aberta com a mãe e na comunicação problemática com ambos os pais. Enquanto os rapazes obtiveram valores

	<p><i>Enhancement Scale</i> (RES) (Carroll et al., 1999).</p> <p>Relação com os pais: <i>Parent-Adolescent Communication Scale</i> (PACS) (Barnes & Olson, 1982).</p> <p>VFP: <i>Conflict Tactics Scale</i> (CTS2) (Straus & Douglas, 2004).</p>	<p>estudo;</p> <p>- Teste de Levene para a igualdade de variâncias;</p> <p>- Teste de Kolmogorov-Smirnov para a normalidade.</p> <p>Análises inferenciais:</p> <p>- Análise de regressão múltipla stepwise;</p> <p>- Análise fatorial confirmatória.</p>	<p>com o sexo.</p> <p>Maiores correlações entre a VFP e VFP física ($r= 0.723$) e VFP psicológica ($r= 0.888$), com atitude não conformista ($r= 0.388$) e com o stress psicológico ($r= 0.372$).</p> <p>O modelo obtido ao incluir o uso problemático de redes sociais foi significativo $F(1, 3,729) = 438.525, p < 0.001$, e explicou 10.5% da variância da VFP. Ao incluir também a atitude não conformista $F(2, 3,728) = 461.540, p < 0.001$, e explicou 19.8% da variância. Ao incluir também o stress psicológico $F(3, 3,727) = 415.538, p < 0.001$, explicando 25.1% da variância.</p>	<p>mais elevados nas atitudes não conformistas e na comunicação aberta com o pai.</p> <p>As variáveis com maior importância preditiva foram a atitude não conformista, o uso problemático de redes sociais e o stress psicológico. Sintomas de stress e depressão na adolescência aumentam a probabilidade de agredir os pais ou figuras de autoridade na família.</p> <p>A comunicação problemática previu significativamente os aumentos de VFP no pai e a comunicação aberta previu a diminuição da VFP.</p> <p>Limitações:</p>
--	--	---	--	---

			<p>Observando o uso das redes sociais ($\beta= 0.129$; $p < 0.001$), a atitude não conformista ($\beta= 0.242$; $p < 0.001$) e o stress psicológico ($\beta= 0.190$; $p < 0.001$), juntamente com a comunicação aberta com a mãe ($\beta= -0.047$; $p < 0.05$), comunicação problemática com a mãe ($\beta= 0.074$; $p < 0.001$), comunicação aberta com o pai ($\beta= -0.070$; $p < 0.001$) e comunicação problemática com o pai ($\beta= 0.112$; $p < 0.001$) contribuíram para a predição do modelo $F(7, 3,723) = 209.746$, $p < 0.001$, e explicou 28.3% da variância da VFP.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estudo transversal; - Amostra grande relatando uma maior presença de violência verbal, como se verifica na literatura, o que pode ter impacto na taxa geral de VFP; - Incluídos adolescentes com idade correspondente à adolescência média, onde maioria dos casos de VFP são registados.
--	--	--	---	---

<p>Suárez-Relinque et al. (2023)</p>	<p>- Relação entre o envolvimento na VFP e o desenvolvimento de solidão emocional, ideação suicida e alexitimia com base no sexo.</p>	<p>VFP: <i>Conflict Tactics Scale</i> (CTS2) (Straus & Douglas, 2004). Solidão emocional: <i>Loneliness Scale (UCLA)</i> (Borges et al., 2008). Ideação suicida: <i>Suicide Ideation Scale</i> (Roberts, 1980). Reconhecimento e expressão emocional: <i>Toronto Alexithymia Scale (TAS-20)</i> (Bagby et al., 1994).</p>	<p>Análises descritivas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Análise de frequências e da distribuição em função do sexo; - Análise da correlação das variáveis em estudo. <p>Análises inferenciais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - MANOVA; - Eta quadrado parcial para estimar o tamanho do efeito; - ANOVA. 	<p>Diferenças significativas nos principais efeitos da VFP, $\Lambda = .92$, $F(6, 3.840) = 28.39$, $p < .001$; e sexo, $\Lambda = .96$, $F(3, 1.920) = 25.37$, $p < .001$. Efeito de interação significativo nos níveis de VFP e sexo, $\Lambda = .99$, $F(6, 3.840) = 2.38$, $p < .05$. Diferenças significativas na solidão emocional, $F(2, 1925) = 36.08$, $p < 0.001$; ideação suicida, $F(2, 1,925) = 42.92$, $p < 0,001$; e alexitimia, $F(2, 1,925) = 70.15$, $p < 0.001$. Diferenças significativas em solidão emocional, $F(1, 1,926) = 4.97$, $p < 0.01$, ideação suicida, $F(1, 1,926) = 28.32$, $p < 0.001$, e alexitimia, $F(1, 1,926) = 89.01$, $p < 0.001$, em função do sexo. As raparigas</p>	<p>Quanto maior a ocorrência de VFP maiores os valores na solidão emocional, ideação suicida e alexitimia. Adolescentes com maior ocorrência de VFP sentem-se mais sozinhos emocionalmente, tem maior probabilidade de suicídio e maior alexitimia. Os níveis elevados de alexitimia podem relacionar-se com maior nível de vitimização física e sexual vivenciada.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Amostra não clínica; - Homogeneidade da amostra.
---	---	--	--	--	---

				apresentaram valores mais elevados na solidão emocional, na ideação suicida e alexitimia. Interação estatisticamente significativa entre sexo, alexitimia e níveis de VFP, $F(2, 1.922) = 6.61, p < 0.01$.	
Kennedy et al. (2010)	<p>- Determinar se os infratores juvenis que cometeram VFP diferem daqueles que não cometeram este tipo de crime.</p> <p>- Explorar características clínicas e adaptativas dos jovens infratores de VFP relativamente a diferenças sociodemográficas,</p>	<p>Comportamento clínico e adaptativo de jovens: <i>The Behavior Assessment System for Children-Self Report of Personality (SRP)</i> (Reynolds & Kamphaus 1998).</p> <p>Pensamento: <i>Kaufman Brief Intelligence Test (K-BIT)</i>.</p> <p>Cognição: <i>Wide Range Achievement Test, Third Edition (WRAT-III)</i>.</p>	<p>Análises descritivas:</p> <p>- Teste qui-quadrado;</p> <p>- Teste t.</p> <p>Análises fatoriais</p>	<p>Em relação à etnia, 49.5% eram brancos e 50.5% negros, no grupo VFP. Já no grupo Sem VFP 43.4% eram brancos e 56.6% eram negros. Diferença significativa entre grupos em relação à etnia para as raparigas $\chi^2(1, N=52) = 4.94, p=0.026, \phi=0.31$.</p> <p>A idade média da primeira detenção para a amostra total foi de 13.32 (DP= 1.88). 13.3% da amostra já havia sido hospitalizada por motivos</p>	<p>Sugere que grande parte dos jovens que têm contacto com a justiça, vêm de lares monoparentais.</p> <p>Os jovens infratores de VFP relataram mais dificuldades relacionais com os pais.</p> <p>Apresentaram maior probabilidade de terem sido presos por outros crimes violentos, assim como de se envolver em comportamentos ilegais do que os seus pares infratores. Assim, a VFP pode</p>

	<p>funcionamento psicológico, exposição a violência doméstica e vitimização doméstica.</p>		<p>psiquiátrico/psicológicos, sendo a percentagem maior no grupo VFP (20%) do que no Sem VFP (7.2%) $\chi^2(1, N=211) = 7.48, p=.006, \phi=.19$.</p> <p>21% da amostra total tomou medicação psiquiátrica, sendo a maior percentagem de jovens do grupo VFP (29%) do que no Sem VFP (13.6%).</p> <p>10.9% da amostra total já havia tentado suicídio, tendo o grupo VFP maior probabilidade de relatar ideação suicida (19%) do que no Sem VFP (3.6%) $\chi^2(1, N=211)=12.84, p<.001, \phi=.25$.</p> <p>Na amostra total, 29.5% dos jovens descreveram as relações familiares como más. 44.4% dos jovens do grupo VFP foi</p>	<p>não ser somente resultado de relacionamentos familiares disfuncionais, mas também de outras expressões comportamentais de uma criança com perturbação do comportamento.</p>
--	--	--	---	--

				<p>mais propenso a relatar relações más com a família do que o grupo Sem VFP (16.25%) $\chi^2(1, N=210)=20.04$, $p<.001$, $\phi=.31$.</p> <p>Maioria dos jovens da amostra total (62.4%), 64.9% do grupo VFP e 60.3% do grupo Sem VFP relatou relações com pares que cometeram crimes.</p> <p>36% da amostra total, 39% dos jovens do grupo VFP e 33.3% do Sem VFP residiam em famílias monoparentais com a mãe biológica como principal cuidador.</p> <p>51.7% da amostra total relataram ter sido reprovados, assim como 51% do grupo VFP e 52.3% do Sem VFP.</p>	
--	--	--	--	---	--

<p>Zuñeda et al. (2016)</p>	<p>- Analisar as diferenças nas características sociodemográficas e familiares, saúde mental e agressividade de adolescentes que cometem VFP.</p>	<p>VFP: Escala de Tácticas para Conflictos – Hijo Padres (Conflict Tactics Scales – Child Parents; CTS-CP) (Straus & Fauchier, 2008). Agressividade: Cuestionario de Agresividad (Agression Questionnaire; AQ) (Buss & Perry, 1992). Stress psicológico: Brief Symptoms Inventory-18 (BSI-18) (Derogatis, 2001). Adaptação familiar: Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES II) (Olson et al., 1982). Conflito interparental na perspectiva dos filhos: Escala de conflicto interparental desde la perspectiva de los hijos (<i>The Children's</i></p>	<p>Análises descritivas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Análise da normalidade e distribuição das variáveis em estudo; - Teste t de student e Teste qui-quadrado para verificar diferenças significativas. <p>Análises inferenciais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - ANOVA; - Análise de regressão linear múltipla. 	<p>O conflito interparental mais significativo foi encontrado na VFP através dos 3 fatores da escala CPICS-VER, Propriedades do Conflito $F(1, 113) = 26.05$ $p < 0.0001$, $\eta^2 = 0.19$, Experiência ou Avaliação Ameaçadora $F(1, 113) = 5.8$ $p < 0.018$, $\eta^2 = 0.05$ e Autoculpa $F(1, 113) = 33.47$ $p < 0.0001$, $\eta^2 = 0.23$. Jovens que expressaram VFP demonstraram maior nível de agressividade. O modelo final, composto por agressão física, baixa coesão familiar e alto senso de autculpabilização, em relação ao conflito interparental, explicou 55% da variância da VFP geral.</p>	<p>Jovens envolvidos em VFP apresentaram níveis mais elevados de agressão física e raiva. As diferenças nos níveis de raiva, mas não na hostilidade, pode indicar que a dimensão emocional da agressão é mais relevante do que a dimensão cognitiva no comportamento violento. Sem diferenças significativas na ansiedade, somatização, pânico e depressão. Funcionamento familiar percebido como menos coeso e adaptável no grupo VFP. Os conflitos conjugais dos pais foram percebidos com maior intensidade, frequência e duração no grupo VFP. Assim, como se sentem menos</p>
------------------------------------	---	---	--	--	---

	<p><i>perception of interparental conflict scale; CPIC-VER</i>) (Grych et al., 1992).</p> <p>Comunicação: <i>Escala de Comunicación Familiar</i> (FCS-VE) (Barnes & Olson, 1982).</p>		<p>capazes de lidar com o conflito conjugal e mais envolvidos neste.</p> <p>Limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudo transversal; - Amostragem intencional.
--	--	--	---

Apêndice B. Avaliação MMAT para estudos quantitativos randomizados controlados

Critérios MMAT	Critérios metodológicos	Fongaro et al. (2023)
Perguntas de triagem	S1. As perguntas de pesquisa são claras?	S
	S2. Os dados obtidos permitem responder às perguntas de pesquisa?	S
Quantitativo randomizado controlado	A randomização foi realizada de forma adequada?	NS
	Os grupos são comparáveis na linha de base?	S
	Existem dados de resultados completos?	NS
	Os avaliadores dos resultados estão cegos em relação à intervenção atribuída?	S
	Os participantes aderiram à intervenção atribuída?	S
Percentagem		80%

Nota. S= Sim; N= Não; NS= Não sei

Apêndice C. Avaliação MMAT para estudos quantitativos não-randomizados

Critérios MMAT	Critérios metodológicos	Cuervo (2023)	Cuervo (2021)	Cuervo & Palanques (2022)	Hoyo-Bilbao et al. (2021)	Espuig et al. (2025)	Fandiño et al. (2024)	Fandiño et al. (2021)	Gámez-Guadix & Calvete (2012)	Ibabe (2012)	Ibabe (2015)	Ibabe et al. (2014)	Kennedy et al. (2010)
-----------------------	--------------------------------	---------------	---------------	---------------------------	---------------------------	----------------------	-----------------------	-----------------------	-------------------------------	--------------	--------------	---------------------	-----------------------

Perguntas de triagem	S1. As perguntas de pesquisa são claras?	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
	S2. Os dados obtidos permitem responder às perguntas de pesquisa?	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Quantitativo não-randomizado	Os participantes são representativos da população alvo?	S	S	S	S	S	S	S	S	NS	NS	S	NS

As medidas são apropriadas em relação aos resultados e à intervenção (ou exposição)?	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Existem dados completos sobre os resultados?	NS	NS	NS	S	S	NS	S	S	S	S	S	S	S
Os fatores de confusão estão contabilizados no desenho e na análise?	S	S	S	NS	NS	S	S	S	S	S	S	S	NS
Durante o período do estudo, a intervenção foi administrada (ou a exposição ocorreu)	N	N	N	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S

	conforme previsto?												
Percentagem		60%	60%	60%	80%	80%	80%	80%	100%	80%	80%	100%	60%

Nota. S= Sim; N= Não; NS= Não sei

Critérios MMAT	Critérios metodológicos	Izaguirre & Calvete (2017)	Jiménez-Granado et al. (2023)	Junco-Guerrero et al. (2022)	Ibabe et al. (2014)	Loinaz et al. (2020)	Loinaz et al. (2023)	Maranon & Ibabe (2024)	Martín et al. (2022)	Martínez-Ferrer et al. (2020)	Nam et al. (2022)	Navas-Martínez & Cano-Lozano (2022)
-----------------------	--------------------------------	----------------------------	-------------------------------	------------------------------	---------------------	----------------------	----------------------	------------------------	----------------------	-------------------------------	-------------------	-------------------------------------

Perguntas de triagem	S1. As perguntas de pesquisa são claras?	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
	S2. Os dados obtidos permitem responder às perguntas de pesquisa?	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S

Quantitativo não-randomizado	Os participantes são representativos da população alvo?	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S
	As medidas são apropriadas em relação aos resultados e à intervenção (ou exposição)?	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
	Existem dados completos sobre os resultados?	S	NS	S	S	S	S	S	NS	S	S	S
	Os fatores de confusão estão contabilizados no desenho e na análise?	NS	S	S	NS	NS	NS	S	S	S	S	NS
	Durante o período do estudo, a	S	S	S	S	S	S	S	S	N	N	N

	intervenção foi administrada (ou a exposição ocorreu) conforme previsto?											
Percentagem		80%	80%	100%	80%	60%	80%	100%	80%	80%	80%	60%

Nota. S= Sim; N= Não; NS= Não sei

Critérios MMAT	Critérios metodológicos	Navas-Martínez & Cano-Lozano (2023)	Navas-Martínez et al. (2023)	Padilla-Falcón & Moreno-Manso (2019)	Rosado et al. (2017)	Sasaki et al. (2021)	Sheed et al. (2023)	Suárez-Relinque et al. (2020)	Suárez-Relinque et al. (2022)	Zuñeda et al. (2016)
-----------------------	--------------------------------	-------------------------------------	------------------------------	--------------------------------------	----------------------	----------------------	---------------------	-------------------------------	-------------------------------	----------------------

Perguntas de triagem	S1. As perguntas de pesquisa são claras?	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
-----------------------------	--	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

	S2. Os dados obtidos permitem responder às perguntas de pesquisa?	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Quantitativo não-randomizado	Os participantes são representativos da população alvo?	S	S	S	S	N	S	S	S	S
	As medidas são apropriadas em relação aos resultados e	S	S	S	S	S	S	S	S	S

à intervenção (ou exposição)?										
Existem dados completos sobre os resultados?	S	S	S	S	NS	S	S	S	S	S
Os fatores de confusão estão contabilizados no desenho e na análise?	S	NS	S	S	S	NS	NS	NS	NS	S
Durante o período do estudo, a intervenção foi	N	S	S	S	S	S	N	N	N	S

	administrada (ou a exposição ocorreu) conforme previsto?									
Percentagem		80%	80%	100%	100%	60%	80%	60%	60%	100%

Nota. S= Sim; N= Não; NS= Não sei

Apêndice D. Avaliação MMAT para estudos quantitativos descritivos

Critérios MMAT	Critérios metodológicos	Armstrong et al. (2018)	Bautista Aran et al. (2025)	Calvete et al. (2011)	Cano - Loza et al. (2024)	Cano - Loza et al. (2021)	Carra et al. (2018)	Conte reras & Cano (2006)	Conte reras & Cano (2015)	Conte reras et al. (2020)	Cortina & Martí n (2020)	Harri es et al. (2022)	Ibabe & Jauregui r (2010)	Palanques et al. (2022)
Perguntas de triagem	S1. As perguntas de pesquisa são claras?	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
	S2. Os dados obtidos permitem responder às perguntas de pesquisa?	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Quantitativo descritivo	A estratégia de amostragem é relevante para responder à questão de investigação?	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	NS

A amostra é representativa da população-alvo?	S	NS	NS	NS	NS	N	N	N	S	S	S	S	S
As medições são apropriadas?	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
O risco de viés de não resposta é baixo?	S	S	S	NS	S	NS	NS	NS	S	NS	S	S	S
A análise estatística é adequada para responder à questão de investigação?	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Percentagem	100%	80%	80%	60%	80%	60%	60%	60%	100%	80%	100%	100%	80%

Nota. S= Sim; N= Não; NS= Não sei

